



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



VÂNIA COSTA REIS

**DO VIRTUAL PARA O REAL: *FANFIC* COMO ESTRATÉGIA DE ESCRITA NA
ESCOLA**

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA
2020**

VÂNIA COSTA REIS

**DO VIRTUAL PARA O REAL: *FANFIC* COMO ESTRATÉGIA DE ESCRITA NA
ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Mestrado
Profissional em Letras, PROFLETRAS - do
Departamento de Ciências Humanas, *Campus*
V da Universidade do Estado da Bahia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Priscila Peixinho
Fiorindo.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA
2020

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

C837d Costa Reis, Vânia

Do virtual para o real: *Fanfic* como estratégia de escrita na escola /
Vânia Costa Reis.-- Santo Antônio de Jesus, 2020.
140 fls : il.

Orientador(a): Priscila Peixinho Fiorindo.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da
Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação
Profissional em Letras - PROFLETRAS, *Campus V* 2020.

1.Estratégias de escrita. 2.Cocriação de *fanfic*. 3.Recriação de contos
de fadas. 4.Letramento literário. 5.Formação de escritores.

CDD: 418

DO VIRTUAL PARA O REAL: *FANFIC* COMO ESTRATÉGIA DE ESCRITA NA ESCOLA

APROVAÇÃO EM 18 DE DEZEMBRO DE 2019.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Priscila Peixinho Fiorindo (UNEB) Orientadora

Prof. Dr. Ney Wendell (UQÀM/Québec/Canadá) Membro Titular

Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto (UNEB) Membro Titular

SANTO ANTÔNIO DE JESUS- BA

2020

À Raulina Maura, minha avó, ou simplesmente Dona Raully, como eu costumava chamá-la. Existência material ceifada pelo câncer, ausência sentida no coração de todos nós familiares, espírito livre e vívido para sempre. Mulher negra, de pouco estudo, à frente de seu tempo. Independente, resiliente, teimosa... Dona de hábitos simples e alegria contagiante. A compreensão de que ela foi quem quis ser, mesmo em um tempo em que isso não era facultativo às mulheres, é o legado que nos foi deixado.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão à instância suprema a quem convencionamos chamar de Deus, embora eu não seja religiosa, sinto a presença Divina ao meu redor, ela é materializada nas pessoas que me cercam e formam a minha rede de proteção sem a qual eu não iria muito longe. Teia constituída por gente boa e honesta para os quais eu também preciso agradecer.

Assim, estendo a minha palavra e gestos de afeto a quem contribuiu para que eu cumprisse essa jornada:

À minha mãe, Cleonice, sem dúvidas o meu alicerce e maior exemplo. Presença frequente em todo o processo, sempre vigilante e disposta, nunca deixou de acreditar em mim, nem mesmo nos momentos em que eu mesma desacreditei. Ai de mim se não fosse ela!

A meu pai, Nelson, por todo o carinho, paciência e passos leves dentro de casa para não atrapalhar a minha escrita... Homem simples e de poucas palavras, mas que não deixa de expressar, por onde vai, todo amor e orgulho que tem por suas filhas;

À minha irmã, Vanessa, minha outra metade, há muito dela nessa dissertação, tudo o que ela me ensinou, além do que foi feito a meu lado na produção de material visual e aplicação de etapas do projeto. Ações de irmã para irmã, gestos de amor, de pessoas que, apesar dos atritos, são complementares;

À orientadora, Priscila Peixinho Fiorindo, pela acolhida e disponibilidade em me guiar a partir da metade do caminho. Sou imensamente grata pela confiança, por não me deixar desistir e por fazer com que eu continuasse a acreditar no meu projeto que virou nosso...

Aos professores João Evangelista do Nascimento Neto e Ney Wendell, pelas contribuições valorosas no Exame de Qualificação, sem essas interações a minha proposta não teria atingindo o ponto de maturação necessário. O professor João, aliás é uma espécie de enciclopédia ambulante, e que também costuma dar plantão no *WhatsApp*, a quem os mestrandos mais desesperados costumam recorrer, até mesmo em horários não muito oportunos. Além da minha gratidão: perdão, professor!

À minha amiga Samara Ramos, uma irmã que eu escolhi, por sua torcida, palavra ânimo, ou apenas o silêncio necessário para que eu conseguisse me recompor;

À Cleuza Ramos, minha tia postiça, por transformar com tecido, agulha e linha algumas de minhas ideias mirabolantes;

Aos meus colegas da Turma V do PROFLETRAS companheiros de luta, em especial Giuliana Almeida, ou Giuli, parceira em quase todos os trabalhos, pessoa por quem rapidamente

desenvolvi afeto e afinidade, até já somos capazes de nos comunicar com o olhar e completar as frases uma da outra;

À Eliana Neri, Elane Santana e Rita Rocha, também amigas que fiz no PROFLETRAS, vocês se constituíram para mim em verdadeiros anjos ao me ouvirem pacientemente nos momentos de aflição;

Aos alunos do 2º Informática matutino, por permitirem que eu aprendesse com eles e partilhasse o pouco que eu sabia, transformando isso tudo numa experiência grandiosa e memorável;

À Mônica Costa, por me ajudar no processo de conciliação com as ferramentas de edição de texto do *word*, antes que eu entrasse em surto;

À Laiana Vieira por transformar em arte as minhas palavras criando a identidade visual do meu projeto;

Ao Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes por permitir a aplicação da minha proposta em suas dependências;

À desenhista Maria Joelma do Espírito Santo dos Santos - MAJESS, e ao artista plástico Marcos Reis Peixoto - MAREPE, pela doação de tempo e talento durante a implementação da minha intervenção;

A todos os professores do PROFLETRAS pelas muitas lições, guardarei com carinho o que aprendi com a maioria, com outros poucos ficou o aprendizado e a certeza de que opinião nem sempre se converte em verdade, representa apenas um ponto de vista que pode estar “empoeirado” ou ofuscado pelo excesso de vaidade;

À Universidade do Estado da Bahia - UNEB, *Campus V*, por sediarem o mestrado e representar para mim um reduto de saber ao qual sempre retorno em busca de mais conhecimento. Obrigada!

Há muita sabedoria pedagógica nos ditos populares. Como naquele que diz: “É fácil levar a égua até o ribeirão. O difícil é convencê-la a beber a água...”. De fato: se a égua não estiver com sede, ela não beberá água por mais que seu dono a surre... Mas, se estiver com sede, ela, por vontade própria tomará a iniciativa de ir até o ribeirão. Aplicado à educação: “É fácil obrigar o aluno a ir à escola. O difícil é convencê-lo a aprender aquilo que ele não quer aprender...”.

(RUBEM ALVES, 2003).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A Garota da Capa Vermelha	25
Figura 2 - Branca de Neve e o Caçador	25
Figura 3- Charles Perrault	27
Figura 4 - Irmãos Grimm.....	27
Figura 5 - Logomarca da telenovela.....	35
Figura 6 - Thiago Lacerda e Nathalia Dill.....	35
Figura 7 - Texto multimodal.....	43
Figura 8 - Tela de ícones de um <i>smartphone</i>.....	44
Figura 9 - Tela de ícones de um computador.....	44
Figura 10 - Área externa do setor dos laboratórios.....	47
Figura 11- Laboratório de informática.....	47
Figura 12- Entrada da escola.....	47
Figura 13- Auditório.....	47
Figura 14 - Identidade visual.....	57
Figura 15- <i>Banner</i> do projeto.....	57
Figura 16- Pedido de autorização.....	58
Figura 17- Autorização para uso da <i>fanfic</i>.....	58
Figura 18- Alunos concentrados assistindo ao filme.....	61
Figura 19- Aluno com o cesto de lanches para distribuição após a sessão.....	61
Figura 20- <i>Anastasia</i> e o sapato de cristal.....	63
Figura 21 - <i>Anastasia</i> consegue calçar o sapato de cristal.....	63
Figura 22 - Paineil “ O peso do cristal”	65
Figura 23 - Mosaico de <i>memes</i> sobre frases machistas.....	65
Figura 24 - Cartaz de divulgação da oficina.....	67
Figura 25 - <i>Facechart</i> da maquiagem de lobo.....	67
Figura 26 - Alunos atentos às explicações.....	67
Figura 27 - Demonstração de técnicas.....	67
Figura 28 - Mosaico de imagens da oficina de maquiagem artística.....	68
Figura 29 - Orientação para realização da atividade.....	70
Figura 30 - Doação e interação dos participantes	70
Figura 31- Aluno que encontrou a caixa surpresa.....	71

Figura 32 - O conteúdo da caixa.....	71
Figura 33 - Cartaz de divulgação da oficina.....	81
Figura 34 - Oficina de ilustração.....	82
Figura 35 - Código QR gerado.....	83
Figura 36 - Cartaz de divulgação da coletânea.....	83
Figura 37 - Mosaico melhores momentos.....	84
Figura 38 - Mosaico de <i>memes</i> inspirados nos contos de fadas.....	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comparativo das respostas dos grupos na ficha de leitura do filme.....	62
Tabela 2 - Frases machistas.....	65

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos alunos quanto ao gênero.....	48
Gráfico 2 - Distribuição por faixa etária.....	48
Gráfico 3 - Hábitos de leitura 1.....	48
Gráfico 4 - Hábitos de Leitura 2.....	48
Gráfico 5 - Hábitos de Escrita.....	49
Gráfico 6 - Acesso às TIC.....	49
Gráfico 7 - Redes sociais usadas.....	49
Gráfico 8 - Principais usos das redes sociais.....	49
Gráfico 9 - Reconhecimento dos autores.....	87
Gráfico 10 - Personagem predileto	87
Gráfico 11 - Preferência de registro.....	88
Gráfico 12 - O conto de fadas como tema.....	88
Gráfico 13 - Relevância das atividades.....	89
Gráfico 14 - Intenção dos estudantes.....	89

RESUMO

Tornar possível o desenvolvimento adequado das habilidades de escrita dos alunos é um dos maiores desafios enfrentados pelos professores, principalmente para os que atuam em escolas públicas, nas quais faltam recursos e investimentos para compra e atualização de materiais pedagógicos. Devido a isso, compete ao professor desenvolver estratégias para contornar esse sistema excludente e oferecer ao estudante possibilidades de evolução e ampliação de suas potencialidades. À luz desse cenário é que desenvolvemos esta proposta de pesquisa-ação com vistas a utilizar o gênero *fanfic*, e todas as possibilidades oferecidas por ele, a exemplo da escrita colaborativa, como incentivo para a realização da escrita escolar. A temática escolhida para inspirar a criação desses textos foi contos de fadas, por serem textos livres de direitos autorais e que também permitem ao indivíduo processos de reflexão sobre sua cultura e valores. O contexto escolhido para essa vivência foi uma escola pública da educação básica localizada no centro de Santo Antônio de Jesus - BA. Lá, selecionamos alunos do 2º ano do Ensino Médio, que, em sua maioria, não apreciavam o ato de escrever, para participarem dessa jornada. Assim, aplicamos uma proposta de intervenção, dividida em 9 etapas afim de intensificar o contato desses sujeitos com a escrita. Essa aproximação realizou-se de forma lúdica e utilizando a *fanfic*, elemento que faz parte da realidade na qual estão imersos, uma vez que são nativos digitais. Para construir as atividades implementadas durante a proposta, bem como para apoiar as ideias presentes nessa dissertação de mestrado, recorreremos a um arcabouço teórico que consiste em: Fiorindo (2005; 2009) e Reis (2018) que fundamentam a narrativa. Coelho (2012) e Nascimento Neto (2011) trazem importantes elementos dos contos de fadas para além da literatura infantil. Sant'Anna (1991) e Discini (2002) discorrem sobre a intertextualidade presente também nos contos de fadas. Enquanto Jamison (2018) descreve e situa as *fanfics* historicamente, Bertoni (2019) tipifica esse gênero digital. Por fim, temos Rojo (2013), Pretto (2011) e Santaella (2013) que apontam a necessidade de desenvolver práticas de ensino que contemplem os indivíduos imersos no mundo digital.

PALAVRAS-CHAVE: *fanfic*; contos de fadas; intertextualidade; escrita colaborativa; ludicidade; escrita escolar.

ABSTRACT

Become possible the proper development of students' writing skills is one of the biggest challenges teachers face, especially for those working in public schools, where resources and investments for the purchase and updating of teaching materials are lacking. Because of this, the teacher needs to develop strategies to circumvent this exclusionary system and offer the student possibilities for evolution and expansion of their potentialities. Focusing on this scenario, we developed this action research proposal, with a view to using the fanfic genre, and all the possibilities offered by it, such as collaborative writing, as an incentive for the accomplishment of school writing. The theme chosen to inspire the creation of these texts was fairy tales, because they are copyright-free texts that also allow the individual to reflect on their culture and values. The context chosen for this experience was a public school of basic education located in the center of Santo Antônio de Jesus- BA. There, we selected students from the second year of high school, who mostly did not appreciate the act of writing, to participate in this journey. Thus, we applied an intervention proposal, divided into 9 steps in order to intensify the contact of these subjects with writing. This approach took place in a playful way and using fanfic, an element that is part of the reality in which they are immersed, since they are digital natives. To build the activities implemented during the proposal, as well as to support the ideas present in this master's dissertation, we use a theoretical framework consisting of: Fiorindo (2005; 2012) and Reis (2018) that underlie the narrative. Coelho (2012) and Nascimento Neto (2011) bring important elements of fairy tales beyond children's literature. Sant'Anna (1991) and Discini (2002) discuss the intertextuality present in fairy tales. While Jamison (2018) describes and situates fanfics historically, Bertoni (2019) typifies this digital genre. Finally we have Rojo (2013), Pretto (2011) and Santaella (2013) who point out the need to develop teaching practices that contemplate individuals immersed in the digital world.

KEY-WORDS: fanfic; fairy tales; intertextuality; collaborative writing; playfulness; school writing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 CONTOS DE FADAS E FANFICS: UMA RELAÇÃO DE CONVERGÊNCIA	20
1.1 Narrativa: tipologia textual e arte	20
1.2 Os contos de fadas para além da literatura infantil	24
1.2.1 A origem dos contos de fadas e o nascimento da literatura infantil.....	26
1.2.2 A intertextualidade nos contos de fadas: paráfrase, estilização e paródia	28
1.3 As narrativas ficcionais de fãs: da origem até os dias de hoje	32
1.3.1 <i>Fanfics</i> : riscos e benefícios	36
1.4 Leitura, escrita e multiletramentos na Educação Básica: o que diz a BNCC?	39
1.5 O universo digital dos multiletramentos	41
2 DO VIRTUAL PARA O REAL: A DIFUSÃO DA ESCRITA COLABORATIVA NO AMBIENTE ESCOLAR.....	46
2.1O espaço selecionado	46
2.2 Seleção dos Sujeitos.....	47
2.3 Os materiais escolhidos	50
2.4 Descrição da proposta de intervenção pedagógica.....	50
3 BRANCA DE NEVE, CHAPEUZINHO E CINDERELA NO REINO DAS FANFICS. 57	
3.1 ETAPA I – Afinal, por que <i>fanfic</i> ?	58
3.2 ETAPA II – Narrar é preciso!	59
3.3 ETAPA III – Cine <i>fanfic</i>	61
3.4 ETAPA IV – O peso do cristal	63
3.5 ETAPA V – Oficina de maquiagem artística	66
3.6 ETAPA VI – Leitura doce.....	69
3.7 ETAPA VII – Produções colaborativas	72
3.8 ETAPA VIII – <i>Fanfics</i> ilustradas	81
3.9 ETAPA IX – Era outra vez: contos de fadas que viraram <i>fanfics</i>	83

	15
4 COM A PALAVRA, OS ESTUDANTES	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS?	90
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE A- Questionário aos alunos	96
APÊNDICE B - roteiro de leitura do filme	98
APÊNDICE C- cordel apresentado pelos alunos	99
APÊNDICE D - questionário final	102
APÊNDICE E - Homenagem ao estudante Anderson dos Santos Silva.....	103
ANEXO A - <i>Fanfic</i> “A Garota da Capa Vermelha”	104
ANEXO B - Mensagens musicais da dinâmica leitura doce	107
ANEXO C - coletânea dos textos utilizados.....	112
ANEXO D - parecer consubstanciado - CEP.....	135
ANEXO E - termo de autorização institucional	139
ANEXO F - termo de autorização da instituição participante	140

INTRODUÇÃO

Inicialmente, faço uma breve apresentação de minha trajetória, enquanto docente, enfatizando as práticas pedagógicas que desenvolvo na escola para incentivar, cada vez mais, os educandos à prática de produção narrativa, nas modalidades oral e escrita da língua.

No que se refere ao contato com o universo das letras, considero-me uma pessoa privilegiada, pois meus pais sempre priorizaram a educação; devido a isso, tive acesso, desde muito cedo, a livros de literatura infanto-juvenil, além de ser muito estimulada através da contação de histórias.

Minha mãe foi o primeiro membro da nossa família a obter o nível superior, sendo, até o momento, a única dos dez irmãos a possuir esse título. Professora de Língua Portuguesa e Inglesa, ela me influenciou diretamente. Recordo que, ainda criança, a acompanhava nas aulas noturnas e auxiliava seus alunos. Na adolescência, fiz o curso de magistério; em seguida, ingressei na universidade e comecei a atuar como professora substituta e em projetos sociais.

Dentre os projetos sociais nos quais trabalhei, recordo-me, em especial, do Agente Jovem, – Projeto que atendia jovens em risco social, grande parte deles filhos de vítimas da explosão da fábrica de fogos de 11 de dezembro de 1998, em Santo Antônio de Jesus- BA. Atuar nele representou um divisor de águas no meu pensamento acerca dos objetivos da educação. Antes eu acreditava que o mais importante eram os conteúdos e o conhecimento. Mas, ao ter contato com esses adolescentes, percebi que realizar acolhimento, socialização e humanização nas práticas de ensino são também essenciais.

Posteriormente, em 2005, obtive graduação em Letras com Inglês pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, *Campus V*. No ano seguinte, ingressei como docente, através de concurso, na rede estadual pública de ensino. Deste então, seja ministrando aulas de Língua Portuguesa ou Língua Inglesa, tenho enfrentado o desafio de oferecer aos meus alunos uma formação linguística adequada e inclusiva.

Num primeiro momento de minha carreira, investi mais na formação de professora de língua estrangeira, pois, acreditava ser este um campo no qual eu era mais falha; então fiz pós-graduação, cursos de extensão e até um intercâmbio visando a melhorias na minha prática pedagógica. No entanto, com o transcorrer do tempo, as minhas ineficiências enquanto professora de Língua Portuguesa começaram a ficar mais latentes e, por essa razão, compreendi que precisava rever também os meus conceitos e práticas no que se referiam ao ensino de língua materna.

Algo que sempre me incomodou, no trabalho com Língua Portuguesa, foi a crença de que o professor de português é o único responsável pela formação linguística do aluno. Outro desconforto que sinto está relacionado com o entendimento, por parte de muitas pessoas, profissionais de educação, ou não, de que para escrever bem o indivíduo precisa apresentar amplo domínio das normas da língua padrão vigente. No ambiente de trabalho, não era raro ouvir comentários de que este ou aquele aluno escrevia mal por apresentar desvios de ortografia. Condutas desse tipo, tenho certeza, culminaram por “silenciar” muitos escritores potenciais no percurso de sua vida escolar.

Enquanto docente de Língua Portuguesa, nos momentos em que eu trabalho a produção escrita, sempre busco incentivar os meus alunos a colocarem no papel suas ideias, sentimentos e criatividade sem tanta preocupação, inicial, com regras, as quais busco trabalhar depois, conforme as dificuldades e problemas forem surgindo.

Eu sempre soube, intuitivamente, que ensinar português não é apenas orientar estudantes sobre as regras da gramática normativa, pois, língua e sociedade, parafraseando Benveniste (1989), evoluem com o transcorrer do tempo, muito embora isso não aconteça em igual velocidade. O profissional da educação precisa estar ciente disso e adequar-se às mudanças, se quiser ter uma prática atualizada.

Nesse sentido, busquei o ingresso no Mestrado Profissional em Letras, PROFLETRAS, a fim de refletir mais sobre a minha prática pedagógica, no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa e, também, buscando o contato com teorias e metodologias de ensino mais atuais, para que, assim, fosse possível promover mudanças nas minhas práticas de ensino.

No percurso desses treze anos de docência em escolas públicas da rede estadual baiana, notei que a utilização de equipamentos eletrônicos, como *notebooks*, *tablets* e, principalmente, os *smartphones*, popularizou-se entre os estudantes. No entanto, as ações por parte da escola para tornar pedagógico o uso desses recursos, bem como para promover uma efetiva inclusão digital, ainda são insuficientes, de forma que a utilização desses por parte dos discentes acaba por ser, na maioria das vezes, apenas recreativo.

Apesar de não ter havido um planejamento pedagógico para isso, com a popularização das redes sociais, sobretudo do *Facebook*, a minha relação com os estudantes ultrapassou o muro das escolas; através dessa rede, eu e muitos alunos nos conectamos no ciberespaço¹ e

¹ Lévy (1999) define o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos, na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização.

pudemos ter contato com outras nuances de nossas personalidades e comportamentos. Foi justamente essa mudança de padrão de relacionamento professor x aluno que propiciou a mim um novo olhar para os estudantes e a forma como eles se relacionam com a língua materna, sobretudo no que se refere à escrita, no contexto da sala de aula e no mundo virtual.

Vale ressaltar que, apesar de reconhecer os benefícios da utilização dos recursos e mídias digitais, também estou ciente que o uso indiscriminado e não reflexivo deles podem trazer riscos ao usuário. Tal constatação reforça ainda mais a necessidade de incluir essas discussões no “chão” da sala de aula.

Nesse contexto, surgiu a motivação para o desenvolvimento de uma proposta de intervenção pedagógica que mesclasse o universo digital com a sala de aula visando ao desenvolvimento de atividades de língua portuguesa. Por isso, optei pela criação de *fanfics*, por parte dos estudantes, inspiradas nos contos de fadas clássicos: *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve e os Sete Anões* e *Cinderela*.

A escolha de contos de fadas como inspiração para a construção de *fanfics* aconteceu a partir da vivência na disciplina Literatura infanto-juvenil (PROFLETRAS/UNEB), ministrada pela Prof.^a Priscila Peixinho Fiorindo, que trabalhou com os contos de fadas clássicos, os quais trazem mensagens dos arquétipos (JUNG, 2019), comportamentos humanos que transcendem uma temporalidade definida, sendo possível utilizá-los como ferramentas para a produção escrita narrativa, direcionando o olhar para a criticidade dos valores éticos e morais dos aprendizes. Além disso, essas obras são de domínio público e, ao reeditá-las, os estudantes não correm riscos de ferir direitos autorais.

Nessa senda, busquei a reflexão dos alunos sobre os personagens femininos dos referidos contos que permearam suas infâncias, seus padrões estéticos e de comportamento, para que a partir disso recriassem de maneira coletiva essas histórias de forma a se verem mais representados nelas enquanto jovens.

Então, a configuração de tal cenário fez com que surgisse a pergunta-problema: como propiciar aos estudantes o desenvolvimento da escrita de narrativas na escola, a partir da vivência que eles adquirem no mundo virtual? Diante dessa questão, levantamos a hipótese de que o incentivo à construção de *fanfics* baseadas em contos de fadas clássicos podem estimular o gosto pela escrita colaborativa.

Sendo assim, o objetivo geral foi utilizar a *fanfic* como ferramenta para a produção de narrativas colaborativas. A partir disso, delineamos como objetivos específicos: estimular a cooperação e a cocriação de novas histórias a partir dos contos de fadas clássicos; reconhecer a

necessidade de agir com cortesia e ética em todos os espaços sejam eles virtuais ou presenciais; refletir sobre os padrões estéticos e comportamentais femininos valorizados pela sociedade atual; e possibilitar a divulgação em meio presencial e virtual das histórias cocriadas.

Para atingir tais objetivos adotamos como metodologia a realização de oficinas temáticas, nas quais buscamos percorrer, muitas vezes, o caminho inverso ao mais óbvio, que seria a saída do ambiente escolar para o virtual, pois, nessa proposta, saímos muito mais do ambiente virtual para o físico, tendo em vista que introduzimos no ambiente escolar uma prática de escrita que na atualidade é essencialmente das redes: a *fanfic*.

Após a criação e revisões, as *fanfics* foram organizadas em uma coletânea armazenada e publicada na rede *flipsnack*, escolhemos essa ferramenta porque ela fornece, gratuitamente, a publicação de livros virtuais de até 30 páginas. Após essa publicação, pegamos o *link* e geramos um código QR, cartões e cartazes com o *link* e o código QR foram distribuídos e espalhados pela escola, afim de divulgar a produção dos estudantes. Cabe ressaltar que essa estrutura foi concebida considerando o universo digital, onde os alunos estão imersos, a fim de estimulá-los a desenvolver a escrita colaborativa de hipertextos.

Diante do exposto, a dissertação está dividida em quatro Seções. Na **Seção 1 - CONTOS DE FADAS E FANFICS: UMA RELAÇÃO DE CONVERGÊNCIA**, trazemos Fiorindo (2005; 2009) e Reis (2018) que tratam da narrativa, Coelho (2012) que aborda os símbolos, mitos e arquétipos nos Contos de Fadas, Sant'Anna (1991) e Discini (2002) que tratam da intertextualidade. Jamison (2017) que contemporiza a origem e difusão das *fanfics*, Bertoni (2019) que tipifica as *fanfics*, além dos teóricos que abordam a relevância das tecnologias no processo da aprendizagem como Rojo (2013), Moran (2015) e Santaella (2013). Na **Seção 2 - DO REAL PARA O VIRTUAL: A DIFUSÃO DA ESCRITA COLABORATIVA NO AMBIENTE ESCOLAR**, apresentamos a descrição do espaço escolar, a seleção dos sujeitos, os materiais utilizados, bem como a descrição das etapas da proposta de intervenção pedagógica. Na **Seção 3 - BRANCA DE NEVE, CHAPEUZINHO E CINDERELA NO REINO DAS FANFICS**, descrevemos a aplicação das etapas da proposta. Na **Seção 4 - COM A PALAVRA, OS ESTUDANTES**, trazemos gráficos que demonstram quantitativamente a opinião dos estudantes sobre a experiência vivenciada e analisamos os resultados obtidos. Por fim temos as **CONSIDERAÇÕES FINAIS?**, nelas apresentamos nossas reflexões, angústias, descobertas e inquietações que surgiram no processo de aplicação da proposta, ressaltamos também a importância de que ela permaneça e reverbere na unidade escolar.

1 CONTOS DE FADAS E FANFICS: UMA RELAÇÃO DE CONVERGÊNCIA

A significação de um texto depende do momento em que foi produzido, do local em que foi divulgado, da ideologia em que se enquadra, do locutor e de seus interlocutores virtuais.

(PRISCILA FIORINDO, 2015)

Nesta Seção abordarmos o conceito de narrativa e suas características, privilegiando os contos de fadas clássicos *Chapeuzinho Vermelho* e *Cinderela*, registrados por Perrault (2016) e por Grimm (2018); e *Branca de Neve e os Sete Anões* no registro de Grimm (2018), bem como sua versão em cordel adaptada por Nascimento (2010). Verificamos e analisamos as relações de intertextualidade presentes nos registros desses contos, o que nos permitiu a inserção no “reino” das *fanfics*. Além disso, evidenciamos também o contexto atual de ensino da Educação Básica, referente aos processos de leitura e escrita, que se desdobram em letramentos múltiplos.

1.1 Narrativa: tipologia textual e arte

Os estudos de Fiorindo (2005) apontam para a importância da narrativa na vida dos seres humanos, uma vez que o desenvolvimento desse tipo textual representa a conquista do homem sobre ele mesmo. Através das narrativas, revelamos a nossa constante busca por autoconhecimento e conhecimento de mundo. Além disso, a existência da narrativa é fundamental para o estudo do discurso oral, no qual importantes valores para formação do pensamento coletivo e do caráter do indivíduo são “semeados”.

De acordo com a autora, por meio das histórias, o homem torna-se capaz de sonhar, realizar desejos, construir conceitos para poder atribuir um sentido à vida. Por isso, a estudiosa afirma que:

Não podemos ignorar o poder da narrativa e sua importância em todas as culturas, que pela diversidade de suas formas e funções, às vezes, sagradas não podem ser estudadas dissociadas da experiência humana. Seu estudo tem sido ampliado desde o início do século XX pelas diversas disciplinas tradicionais – literatura, linguística, antropologia, psicologia, sociologia, e constitui, hoje, um campo em sua totalidade: a narratologia. (FIORINDO, 2005, p. 17).

Em um outro estudo, Fiorindo (2009) deixa claro que, embora a narrativa seja essencial para a vida humana, não há uma conceituação categórica, entre os estudiosos, que dê conta de defini-la. No entanto, conforme a psicolinguista, “[...] há um ponto em que todos os estudiosos da narrativa concordam: é que há um tempo, um espaço, onde os personagens desenvolvem suas façanhas” (FIORINDO, 2009, p. 10).

Ainda de acordo com a autora, a narrativa é sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, além da imagem fixa ou móvel, do gesto e da mistura ordenada de todos esses elementos que contribuem para a construção de sentido de uma história. Dessa forma, “a narrativa possibilita o registro de um evento, um fato cotidiano, um feito heroico ou mesmo a criação de enredos inusitados, frutos da imaginação humana” (MICHELLI, 2012, p. 27). Nessa perspectiva, enquanto a narração se refere ao processo de construção do enredo da história oral ou escrita, a narrativa é o produto dessa ação, ou seja, é a história pronta.

Conforme Prestes (2000), o texto narrativo é constituído por alguns elementos que compõem o enredo da história, tais como personagens, fato, tempo, lugar, modo, causa e consequência. Além disso, os fatos de uma narrativa são contados pelo narrador que pode ser heterodiegético: “aquele que relata uma história à qual é estranho, por não a integrar, como personagem” (REIS, 2018, p. 296), homodiegético: “aquele que relata uma história em que ele mesmo participou, como personagem” (REIS, 2018, p. 297), porém como uma figura secundária, ou autodiegético que é parecido como o homodiegético, mas ao contrário dele, apresenta-se na história como o personagem principal.

No que se refere à tipologia, conforme Reis (2018), podemos classificar a narrativa em três tipos em função do centro de orientação pela qual se rege o relato: autoral quando o centro da narração é o narrador; actorial quando o centro da narração é o personagem; e neutro quando a orientação tende a ser mais objetiva. No entanto, não é raro perceber em um texto narrativo as três tipologias entrelaçadas.

Nesse sentido, a maneira mais assertiva de tentar definir a narrativa é compreendendo que ela pode ser oral ou escrita e/ou oral e escrita, ao mesmo tempo, considerando o universo midiático digital, que apresenta uma linguagem híbrida, onde encontramos textos escritos, sons, imagens, que contribuem para a construção de novos textos com as multissemioses na rede virtual. A título de ilustração segue um exemplo de narrativa oral:

Exemplo 1 – Narrativa oral²

Os patinhos

- 1.Y: *era uma vez três patinhos que gostavam de passear todo dia na lagoa ... (...) é é eles também co ... é ... é ...*
- 2.P: *o que eles gostavam de fazer?*
- 3.Y: *é de brincar e dormir ...*
- 4.M: *os três patinhos foram dormir ... existia o lobo ... lobo*
5. P: *o quê?*
6. M: *LO-BO MAU*

² A narrativa foi transcrita com base no Projeto NURC/USP e faz parte da coleta de dados da dissertação “Em torno da narrativa/narração: a proposta revisitada do modelo laboviano de narrativa oral”.

7. M: (...) e aí o lobo mau ficava pá pá pá ((criança bate no chão)) ... o lobo olhou pela janela olhou pela portinha e ENTROU

8. Y: é ele entrou e comeu os três patinhos e a mãe não viu porque estava nas compras

9.M: (...) a mamãe tava só com filhotinho bem pequenininho ... ele (o filhotinho) olhou na barriga (do lobo) (...) veio o caçador e tirou todos os pintinho

(Yannick e Mariana)

Fonte: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15122005-141613/pt-br.php>

Essa narrativa oral foi produzida por duas crianças de 5 anos de idade, apresentando características de uma conversa/oral pelas interrupções constantes e pela interação entre os narradores envolvidos, além da linguagem infantil. No entanto, mesmo sem serem alfabetizados, pois na época os sujeitos estavam no Jardim II, as crianças são letradas, pelo fato de terem contato, em casa e na escola, com as narrativas dos contos de fadas.

Conforme Reis (2018), a narrativa oral pode ser compreendida enquanto um discurso que: em primeira instância se relaciona com a representação de um mundo possível centrado em entidades antropomórficas e alicerçada em coordenadas espaciais e temporais que indicam ações para um desfecho; em segunda instância, ancora-se apenas na voz do narrador para sua difusão. Ou seja, é um tipo de narrativa baseada em circunstâncias comunicativas subordinadas à oralidade.

No campo da escrita, diferentes gêneros textuais são compatíveis com o tipo narrativo, entre os mais antigos e consagrados podemos destacar as fábulas, parábolas, lendas e contos. Nesses textos, assim como nas narrativas orais, podemos observar a mobilização dos recursos linguísticos disponíveis a seus executores e que, também, no processo de organização, de progressão, sequenciação e retomadas do assunto, cada uma apresenta particularidades próprias. A título de ilustração, temos a seguir o trecho de uma lenda escrita em que podemos perceber, além dessas características, a presença do narrador heterodigético:

Exemplo 2 – Trecho narrativa escrita

A lenda da cobra grande

Uma jovem tapuia estava à espera de seu primeiro filhinho. Todas as tardes ia sentar-se às margens do Rio Tocantins. Olhava as águas correndo e sonhava com o futuro:

- Meu filho vai ser forte e bonito. Quando crescer será um valente guerreiro.

Mas, quando chegou o tempo de nascer a criança, conta a lenda que aconteceu uma coisa estranha e triste. Em lugar do indiozinho forte esperado, nasceu uma cobra, que logo se escondeu no mato.

À noite voltou, transformado em indiozinho, em curumim, como chamam as crianças indígenas. E assim, transformado em gente, o garotinho ficava com a mãe todas as noites. Mal raiava o dia, no entanto, sumia no mato, transformado em cobra novamente. Cresceu depressa e tornou-se uma monstruosa serpente. Então deixou seu lar para sempre.

(Maria Eduarda Giering)

Fonte: In: PRESTES, Maria Luci de Mesquita. *Leitura e (re)escritura de textos: subsídios teóricos e práticos para seu ensino* São Paulo. Rêspel, p. 117

O advento da modernidade proporcionou o surgimento da narrativa digital, esse tipo de narrativa “designa um modo de discurso que decorre da conjugação das categorias do relato literário e respetiva tradição compositiva, com instrumentos e com lógicas de computação desenvolvidas em ambiente eletrônico”. (REIS, 2018, p. 313 e 314). Assim sendo, as narrativas digitais recorrem à tecnologia como suporte, e por serem nascidas em ambiente digital, possuem como característica a exigência de determinado conhecimento técnico por parte do narrador e dos interlocutores para que ela seja escrita, lida e estudada.

Além do mais “pela sua natureza, a narrativa digital dificilmente pode ser caracterizada de forma estável e não provisória” (REIS, 2018, p. 315). Tal fato ocorre porque os gêneros textuais produzidos em rede estão em constante transformação. Os gêneros digitais aliam características da narrativa oral e escrita, recursos audiovisuais e todo e qualquer elemento que possa estabelecer a comunicação. Na atualidade, podemos citar como exemplos de narrativa digital o *weblog* e a *fanfic*, nessa última nos debruçaremos posteriormente com mais detalhes por ser ela um dos objetos dessa dissertação. Por hora, verificaremos na amostra a seguir as características que fazem da *fanfic* uma narrativa digital:

Exemplo 3 – Trecho de *fanfic*

O duelo das casas – Capítulo 1

Com o fim das férias todos na casa de Harry Potter³ já estavam assustados e com medo de que aquele bruxinho fosse pela oitava vez à escola de magia de Hogwarts.

Seus tios trouxas prepararam desta vez correntes, e um quarto bem trancado a sete chaves, mas como sempre o que era previsto acontece. Uma coruja se aproxima da casa chamando a atenção de Harry, então ela deixa cair uma carta dourada passando pelas paredes da casa e caindo nas mãos de Harry.

Harry estranhando a cor da carta abre correndo, mas ao ler seu conteúdo ele fica calmo e cai em sua cama, super alegre, pois fora convidado para cursar o oitavo ano em Hogwarts.

(Tristiam)

Fonte: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/o-duelo-das-casas-3226/capitulo1>

Percebemos que as características da narrativa, como organização e sequenciação, estão evidenciadas na amostra de *fanfic*. No tocante às características de narrativa digital destacamos o suporte de onde o texto foi retirado, uma rede social *online* para publicação de textos desse

³ Harry Potter é uma série de sete romances de fantasia escritos por J.K. Rowling que receberam adaptações para o cinema. O primeiro livro da série foi publicado em 1997.

gênero a *Spirit Fanfiction*. Na referida narrativa, observamos a associação de elementos da história original como o nome do personagem principal (Harry Potter), a escola de magia frequentada por ele (Hogwarts), e a adição de elementos novos que demonstram a admiração do autor pelo personagem, além da necessidade de interagir com o universo dele.

É inegável que “a tecnologia digital reajustou a capacidade narrativa da linguagem verbal”, (REIS, 2018, p. 134). No entanto, independente do espaço onde a narrativa circula, seja em livros impressos, digitais ou orais com os contadores de histórias, uma peculiaridade inerente a qualquer produção narrativa é o clímax, caracterizado, por alguns autores, como ponto máximo da história; ou seja, aquele episódio que prende o leitor ou ouvinte a se manter conectado ao enredo que está sendo apresentado.

1.2 Os contos de fadas para além da literatura infantil

O pensamento tocado pelo maravilhoso⁴ é capaz de reencantar a realidade.

(NELSON DE OLIVEIRA, 2012)

Conforme Coelho (2012), a literatura que versa sobre os mistérios da vida, o sobrenatural e a magia tem sido alvo de crescente interesse do público na atualidade. Para a estudiosa, os contos de fadas também são alvo desse interesse, prova disso é a constante reedição desses contos pelo mercado editorial. Tal fato faz com que se esteja “vivendo em um limiar histórico – entre uma ordem de valores herdada pela tradição progressista e uma desordem cujo bojo uma nova ‘ordem’ está em gestação” (COELHO, 2012, p. 17).

Os livros antigos, sobretudo os que trazem contos de fadas, por estarem situados nesse limiar, exercem papel formador, por isso devem ser vistos como fonte de conhecimento e não apenas entretenimento infanto-juvenil. Tal ideia é destacada por Nascimento Neto (2011), quando ele explicita que, apesar de os contos de fadas serem primariamente utilizados, pela sua ludicidade, para entreter crianças, em sua profundidade essas histórias respondem às questões existenciais humanas.

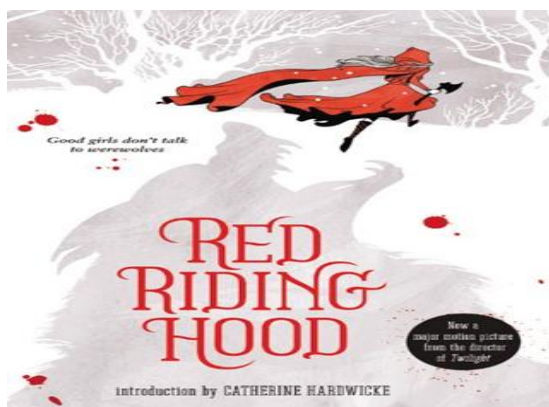
Não por acaso, se pararmos para observar alguns dos sucessos de bilheteria no cinema e dos livros mais vendidos, veremos que grande parte deles tem um “pé” ou o “corpo todo” no universo das fadas. Podemos citar, *Malévola* (STROMBERG, 2014), que ao contar a história da *Bela Adormecida* sob uma outra perspectiva arrebatou o público e se tornou a quarta maior

⁴ Coelho (2012) define como maravilhoso os contos de raízes orientais cuja temática se desenvolve em torno de uma problemática material/social/sensorial. Já os contos de fadas são aqueles de raízes celtas cuja temática gira em torno de uma problemática espiritual/ética/ existencial.

bilheteria do ano de seu lançamento. Já o conto *Cinderela*, além das muitas versões e adaptações em desenho e película, recebeu em 1990 uma de suas adaptações mais caras ao público até os dias de hoje, *Uma Linda Mulher* (LAWTON, 1990). Nessa adaptação livre para cinema a pobreza e sofrimento enfrentados por *Cinderela* são representados pela prostituição, no entanto, a personagem também encontra seu príncipe salvador, assim como no conto original.

Em 2011, foi lançado *A Garota da Capa Vermelha* (HARDWICKE, 2011), o filme de suspense, é uma adaptação do livro *A Garota da Capa Vermelha* (CARTWRIGH, 2011) que, por sua vez, é uma versão da clássica história de *Chapeuzinho Vermelho*. Temos ainda *Branca de Neve e Caçador* (SANDERS, 2012), narrativa cinematográfica que tira a clássica *Branca de Neve* do lugar de passividade e a transforma em princesa guerreira na luta pela retomada de seu reino roubado pela rainha má. A seguir, apresentamos os pôsteres das referidas obras:

Figura 1 - *A Garota da Capa Vermelha*



Fonte: <http://bookswithbite.net/review-red-riding-hood/>

Figura 2- *Branca de Neve e o Caçador*



Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme1876/>

Na **Figura 1** temos a capa original do livro de Cartwright (2011) antes de sua adaptação para o cinema, já no pôster da **Figura 2** temos os personagens principais do filme *Branca de Neve e o Caçador*.

Na literatura, muitas são as reedições e adaptações dos contos de fadas, bem como a construção de novas narrativas que os tem como fonte inspiradora. Em *A Bela e a Adormecida* (GAIMAN, 2015), a personagem *Adormecida* é resgatada de seu sono por *Branca de Neve*. No Brasil temos *Contos em Cordel Branca de Neve* (NASCIMENTO, 2010), nessa obra, o conto registrado pelos irmãos Grimm é narrada em versos do tradicional cordel nordestino.

Sem dúvidas “as fadas estão de volta...”⁵; ou talvez, elas nunca tenham saído de cena. Dessa forma, conhecer a origem e a simbologia desses contos essenciais à vida humana é tarefa

⁵ Reprodução do título da introdução da obra *O conto de fadas: símbolos, mitos e arquétipos* de Coelho (2012).

mister, tendo em vista que “ por símbolos e metáforas, os contos de fadas lidam com sentimentos, ações e pensamentos humanos”. (NASCIMENTO NETO, 2011, p. 1945). Assim, a análise e compreensão desses contos de sabedoria milenar são capazes de apontar-nos caminhos que levem às respostas sobre muitas inquietações presentes em cada um de nós.

1.2.1 A origem dos contos de fadas e o nascimento da literatura infantil

A obra *Contos da Mãe Gansa*, publicada no século XVII, na França, é tida como o marco histórico da literatura infantil. A coletânea de contos foi publicada durante o reinado de Luís XVI, por Charles Perrault. No entanto, embora tenha entrado para a história como o iniciador da literatura infantil, conforme Coelho (2012) ao se analisar Perrault por meio da ótica histórica, fica evidente que, ao fazer o resgate da literatura guardada pela memória popular, a intenção do autor era enaltecer o *gênio moderno* (francês) em contraposição ao *gênio antigo* (dos gregos e romanos) que até então eram consagrados como modelo de superioridade. Assim, “Perrault foi um dos, mais inflamados participantes da polêmica que ficou conhecida como ‘Querela dos Antigos e Modernos’, que marcou o declínio da Era Clássica”. (COELHO, 2012, p. 81).

Além do empenho pelo resgate da literatura folclórica francesa, Perrault também defendia a “causa feminista” liderada por sua sobrinha, Mlle. L’Héritier. Segundo Coelho (2012), as defensoras dos direitos intelectuais das mulheres eram conhecidas como “preciosas” em analogia aos “romances preciosos” tipo de leitura que estava em moda nos salões da época. Enquanto alguns autores satirizavam as mulheres, a exemplo de Molière, que escreveu comédias como *Escola de Mulheres* (1663), *As Preciosas Ridículas* (1659) e *Mulheres Sabichonas* (1663); Perrault era defensor das “preciosas”; e escreveu *A Marquesa de Saluce* ou *A Paciência de Grisélidis*, conto que desvela a tirania do homem contra a mulher.

Após sua terceira adaptação, o conto *Pele de Asno*, em 1696, é que Perrault manifesta com clareza sua intenção de produzir literatura para crianças; nessa obra, um conflito feminino motivado pelo desejo incestuoso de um pai pela filha, o autor deixa clara a intenção de, além de resgatar a narrativa popular, também divertir crianças, de especial forma as meninas, orientando-as moralmente. Das obras editadas por Perrault, além de *Chapeuzinho vermelho*, as histórias mais conhecidas são *A Bela Adormecida no Bosque*, *O Barba Azul*, *O gato de Botas*, *As Fadas*, *Cinderela* ou *A Gata Borralheira*, *Henrique do topete* e *O Pequeno Polegar*.

Diante do exposto, a literatura infantil, enquanto gênero, nasceu com Charles Perrault na França; no entanto, sua difusão mais ampla, pelos outros países da Europa, e também pelas

Américas, aconteceu um século depois, a partir da Alemanha, através dos irmãos Grimm. Para Coelho (2012) quando Jacob e Wilhelm Grimm realizavam pesquisas linguísticas objetivando descobrir invariantes originárias nas narrativas orais, encontraram também um variado acervo de histórias maravilhosas que eram transmitidos oralmente de geração em geração.

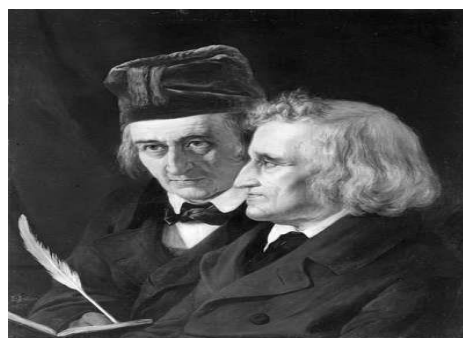
Desse modo, os irmãos Grimm fizeram uma coletânea que reunia: *A bela adormecida*, *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Gata Borralheira*, *O Ganso de Ouro*, *Os Sete Corvos*, *Os Músicos de Bremen*, *A guardadora de Gansos*, *Joaozinho e Maria*, *O Pequeno Polegar*, *As Três Fiandeiras*, *O Príncipe Sapo*, entre outras. Charles Perrault e Jacob e Wilhelm Grimm estão representados nas imagens abaixo:

Figura 3 - Charles Perrault



Fonte: <https://allthatsinteresting.com/charles-perrault>

Figura 4 - Irmãos Grimm



Fonte: <https://www.britannica.com/biography/Brothers-Grimm>

Vale ainda ressaltar, que o universo no qual habita a literatura maravilhosa “está visceralmente ligado ao mundo mágico dos símbolos, mitos e arquétipos”. (COELHO, 2012, p. 91). Embora exista uma certa divergência na categorização desses elementos, usados quase que de forma aleatória por diversos estudiosos.

Conforme Coelho (2012), podemos definir mitos como as primordiais narrativas representadas por parábolas, apólogos, lendas, símbolos e arquétipos que delimitam a linha divisória em que vivem os seres humanos, o inconsciente e o consciente, o mistério e o conhecido. Os arquétipos⁶ são espécies de protótipos ou modelos que funcionam como matriz para espelhar comportamentos humanos, são amparados pela teoria *junguiana* do *inconsciente coletivo*⁷, que pode ser entendido como um reservatório espiritual no qual estão contidas as

⁶ O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta. (JUNG, 2019, p. 14)

⁷ Conforme Jung (2019), o inconsciente de cada indivíduo possui camadas, aquela camada mais ou menos superficial é de ordem pessoal, o inconsciente pessoal. Porém, a camada mais profunda que é inata, e não tem origem em experiências ou aquisições pessoais, esta é o inconsciente coletivo.

representações das grandes forças ou impulsos da alma humana, como o instinto de sobrevivência, medo, amor, ódio, ciúme, desejo, vaidade, entre outros. Já os símbolos resultam da transformação ou transfiguração dos mitos e arquétipos em linguagem simbólica. Essa última atua como mediadora entre o imaginário e o real.

1.2.2 A intertextualidade nos contos de fadas: paráfrase, estilização e paródia

Os contos de fadas foram se transformando e ganhando novas versões com o passar do tempo, fato que os mantém sempre vivos e presentes na cultura popular. De acordo com Nascimento Neto (2011), esses textos, além de remeterem a uma origem oral e moralizante, também evidenciam, na medida em que são lidos e repassados, a cultura de uma época, expondo, dessa forma, a ideologia vigente. Paralelamente, os contos de fadas são atualizados cada vez que são lidos e/ou recontados; devido a essa retomada constante, verificamos a intertextualidade. Conforme Discini (2002), a intertextualidade pode ser compreendida como a retomada consciente e intencional do que foi dito pelo outro, sem que, no entanto, isso seja demarcado no discurso, pois em qualquer discurso é inerente a heterogeneidade constitutiva, que pode aparecer no texto de forma marcada ou não marcada.

Para tratar da intertextualidade presente nos contos de fadas, a estudiosa aponta o dialogismo bakhtiniano como pressuposto teórico, pois, não seria possível ver esses contos como campos fechados neles mesmos, já que essas obras advêm das inúmeras vozes folclóricas pertencentes aos povos que lhe deram origem, sendo seus autores a “voz” que contém as outras “vozes”. Além disso:

Apenas o Adão mítico, que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua-orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar. (BAKHTIN, 1988 b, p. 88 *apud* DISCINI, 2002, p. 10).

Sob a ótica de Sant’Anna (1991) as relações de intertextualidade podem ser classificadas em paráfrase, estilização e paródia. Esse tríplice, trata-se de estilos de modificações de textos, levando em consideração cada uma de suas especificidades.

Quando nos referimos à paráfrase, observamos um desvio mínimo no texto, porém não devemos confundi-la com tradução e apenas isso, na paráfrase ocorrem mudanças sutis; já a paródia se caracteriza por um desvio total do texto de origem, e na estilização ocorrem alterações, maiores do que na paráfrase, mas que não afetam o sentido original do texto fonte.

Neste cenário, conforme o autor, podemos dizer que “a paródia *deforma*, a paráfrase *conforma* e a estilização *reforma*” (SANT’ANNA, 1991, p. 41).

Ao analisarmos as versões de Chapeuzinho Vermelho registrada por Perrault no século XVII e pelos Grimm no século XVIII, podemos afirmar, conforme Discini (2002), que temos uma paráfrase. Isso ocorre porque “Grimm, apesar de não parecer, constrói um significado pela captação máxima de Perrault...” (DISCINI, 2002, p. 205). Podemos confirmar essa afirmação analisando as amostras a seguir:

Exemplo 4- Chapeuzinho Vermelho

Ao atravessar um bosque, encontrou ela o compadre lobo que teve grande desejo de comê-la; mas não ousou, por causa de alguns lenhadores que estavam na floresta. Perguntou-lhe então, onde ia ela; a pobre criança, que não sabia que era perigoso parar para escutar um lobo, disse-lhe:

- Vou ver minha avó e levar-lhe um pão com um potinho de manteiga que minha mãe lhe manda.
- Ela mora muito longe? – disse-lhe o lobo.
- Oh! Sim- disse Chapeuzinho Vermelho-, é depois do moinho que vedes lá longe, lá longe, na primeira casa do vilarejo. (PERRAULT, 2017, p. 153)

Exemplo 5- Chapeuzinho Vermelho

Quando Chapeuzinho Vermelho chegou à floresta, encontrou o lobo. Não sabendo, porém, que animal malvado ele era, não sentiu medo.

- Bom dia, Chapeuzinho Vermelho- disse o lobo, todo dengoso.
- Muito obrigada.
- Aonde vais assim tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?
- Vou à casa da vovó.
- E que levas aí nesse cestinho?
- Levo bolo e vinho. Assamos o bolo ontem, assim a vovó, que está adoentada e muito fraca, ficará contente, tendo com o que se alimentar.
- Onde mora tua vovó, Chapeuzinho Vermelho?
- Mora na floresta, a uns quinze minutos daqui, debaixo de três grandes carvalhos. A casa está cercada de nogueiras, acho que você conhece. (GRIMM, 2018, p. 150)

Um olhar apressado ao ler os recortes acima poderia julgar que a versão dos irmãos Grimm para *Chapeuzinho Vermelho* seria uma estilização da versão registrada por Perrault, essa interpretação seria induzida pela troca da manteiga pelo vinho, por exemplo. Além disso, para quem conhece as duas versões, os desfechos da história também são diferentes. Na versão dos irmãos Grimm, existe o personagem do caçador que salva a menina e sua avó. No entanto, esses acréscimos ao enredo do conto não são suficientes para caracterizá-lo enquanto estilização, pelo menos não sob a ótica de Discini (2002), que classifica a *Chapeuzinho Vermelho* dos referidos irmãos como paráfrase da *Chapeuzinho Vermelho* de Perrault.

Por outro lado, ao compararmos *Cinderela* ou a *Pequena Pantufa de Vidro*, escrita por Perrault com a *Cinderela*, registrada pelos irmãos Grimm, tomando o registro de Perrault como

texto-base, teremos configurada uma relação de intertextualidade por meio da estilização. Isso ocorre porque apesar de o texto fonte ficar ideologicamente confirmado, recaem sobre ele alterações de conteúdos que se constituem como sombras sutis. Podemos verificar isso nas amostras que seguem:

Exemplo 6- Cinderela ou A Pequena Pantufa de Vidro

Então suas duas irmãs a reconheceram como a bela pessoa que tinham visto no baile. Elas se lançaram a seus pés para pedir-lhe perdão por todos os maus-tratos que lhe tinham infligido. Cinderela ergueu-as e disse-lhes, abraçando-as, que ela as perdoava de bom coração e pedia-lhes que sempre gostassem dela. Levaram-na à casa do jovem príncipe, enfeitada como estava: ele a achou mais bela que nunca e poucos dias depois a desposou. Cinderela, que era tão boa quanto bela, instalou as irmãs no palácio e casou-as naquele dia mesmo com dois grandes senhores da Corte. (PERRAULT, 2017, p. 213).

Exemplo 7- Cinderela

Quando ela se levantou, o príncipe olhou bem para o seu rosto e logo reconheceu a jovem com quem havia dançado.

- É esta a verdadeira noiva! – exclamou ele satisfeito.

A madrasta e as irmãs, pálidas de espanto e de raiva, viram-no colocar Cinderela sobre o cavalo e leva-la para o palácio. Ao passarem junto da aveleira, as duas pombinhas brancas lá pousadas disseram:

- Olha lá, olha lá,

Sangue no sapato não há.

A verdadeira noiva

Já contigo está!

Depois desceram voando e pousaram nos ombros de Cinderela, uma de cada lado.

No dia do casamento, as falsas irmãs, querendo compartilhar de sua sorte, acompanharam-na. A caminho da igreja, a mais velha colocou-se à direita da noiva, e a mais nova, à esquerda. As pombas, então, arrancaram um olho de cada uma. Quando saíram da igreja, a irmã mais velha colocou-se à esquerda da noiva, e a mais nova, à direita. As pombas então arrancaram de cada uma o outro olho.

Assim, foram punidas, com cegueira, para o resto da vida, por terem sido tão falsas e perversas. (GRIMM, 2018, p. 161).

Os desfechos do conto *Cinderela* registrados por Perrault e pelos irmãos Grimm, destacados nas amostras apresentam semelhanças e divergências. No que se refere ao final feliz depois de ter passado por muito sofrimento e humilhações, alcançado pela personagem principal, os autores convergem, no entanto, os irmãos Grimm não deixam as maldades praticadas pelas irmãs de Cinderela passarem ilesas e as pune coma cegueira. Assim, “ a estilização, direcionando a performance da construção de sua transfiguração estética para o texto-base, assimila-o oniricamente”. (DISCINI, 2002, p. 257). Para Nascimento Neto (2011),

a *Cinderela* de Perrault é suavizada, já a dos Grimm é permeada pelo grotesco⁸ apresentado como parte importante e determinante para o clímax do enredo.

A história de *Branca de Neve e os Sete Anões* não foi registrada por Perrault; dessa forma, o registro feito pelos irmãos Grimm é considerado como texto- fonte. Esse conto, como os outros já citados, foi, por muitas vezes, adaptado para o cinema e indústria editorial. Nas versões mais difundidas, duas das tentativas da *Rainha Má* de tirar a vida de *Branca de Neve* foram suprimidas, a primeira quando disfarçada de mendiga a rainha amarra uns cordões na cintura da menina deixando-a sem respirar; a segunda quando disfarçada de vendedora ela dá um pente envenenado à menina que cai desmaiada. Por conta dessas supressões, a maçã envenenada é que foi propagada como símbolo da maldade e inveja, muito provavelmente numa alusão ao *fruto proibido*.

A obra *Contos em cordel: Branca de Neve* (NASCIMENTO, 2010) está incluída nas versões apresentadas aos estudantes durante a proposta de intervenção, no entanto não a analisaremos em oposição ao texto-base dos Grimm por ela ser também uma estilização. Assim, visando demonstrar a ocorrência da paródia, analisaremos a *Branca de Neve e os Sete Anões* dos Grimm em contraposição com *Branca dos Mortos e os Sete Zumbis* de Fábio Yabu, a seguir:

Exemplo 8- Branca de Neve e os Sete Anões

O príncipe mandou que seus empregados pegassem o caixão e o carregassem nos ombros. Aconteceu, porém, que um dos criados tropeçou numa raiz e, com o solavanco, saltou fora da sua garganta um pedaço de maçã que ela mordera mas não engolira. Então Branca de neve despertou, respirou profundamente, abriu os olhos, levantou a tampa do caixão e sentou-se: estava viva.

- Meu Deus, onde estou? – exclamou ela.

O príncipe, radiante de alegria, disse-lhe:

- Estás comigo. Agora acabaram todos os teus tormentos. És para mim mais preciosa que tudo quanto há nesse mundo. Vamos ao castelo do meu pai, que é um grande e poderoso rei, e serás a minha esposa bem-amada. (GRIMM, 2018, p. 77)

Exemplo 9 – Branca dos Mortos e os Sete Zumbis

Pouco tempo após a partida, passou por ali um desafortunado príncipe, que ainda não havia encontrado o caminho de seu reino. Não tinha a intenção de se deter diante da rotineira cena de animais mutilados, entretanto, em meio àquele pandemônio, viu o corpo inerte de sua amada.

Aproximou-se e pôs-se de joelhos, com as mãos unidas em penitência. Tentou reanimá-la, mas a vida já deixara aquele corpo havia horas. Então, o príncipe prometeu à amada um enterro digno da princesa que era, despedindo-se com um suave beijo.

Seus lábios tocaram o de Branca, que mesmo gelados ainda ostentavam o vermelho-sangue de sempre. Não tinha como ver os dedos gangrenados que se contraíram num pequeno espasmo. Como puxada por um fio invisível, a mão preta da jovem se ergueu

⁸ O grotesco é um código esteticamente estranho “que burla os conceitos de uma beleza grega, que institui as normas do belo, incluindo formas, cores”. (EVANGELISTA-NETO, 2011, p.1946).

e foi lentamente até a nuca do príncipe, que sentiu dentes mordiscarem seus lábios. Cada vez mais forte. (YABU, 2013, documento não paginado)

Ao ler o trecho do desfecho de *Branca dos Mortos e os Sete Zumbis*, transcrito no **Exemplo 9**, podemos perceber com clareza a relação intertextual com a obra dos Grimm, cujo desfecho está transcrito no **Exemplo 8**. No entanto, as alterações feitas por Fábio Yabu não são meras atualizações ou adaptações, o autor modifica o gênero do texto que de conto de fadas, passou a ser conto de terror.

Além disso, o clímax da história sofreu forte reviravolta, tendo em vista que no texto fonte a vida de *Branca de Neve* é reestabelecida e a personagem é posta diante do “felizes para sempre” com seu príncipe encantado. Já na versão de Yabu, *Branca* se transmuta em zumbi e implicitamente transporta também o príncipe para esse mundo de trevas. Todos esses elementos postos apontam para a ocorrência da paródia como relação intertextual.

A realização dessas análises sob a ótica da intertextualidade deixa claro que os contos de fadas, embora sejam textos milenares, não são estáticos, pois passam por constantes alterações, adaptações e atualizações que os revigora e mantém preservados. Conhecer os textos fonte registrados por Perrault e/ou pelos irmãos Grimm é tarefa válida, no entanto, não é razoável supor que padrões estéticos e comportamentais, sobretudo no que se refere ao feminino, sejam mantidos como modelos a serem seguidos.

A sociedade na qual vivemos, felizmente, já não comporta apenas heroínas frágeis, passivas e melindrosas. Assim, as paráfrases, estilizações e paródias são muito bem-vindas, principalmente se elas aproximarem o conteúdo desses contos à realidade dos seus leitores.

1.3 As narrativas ficcionais de fãs: da origem até os dias de hoje

A fanfiction é a louca que mora no sótão da cultura convencional, mas o sótão não vai escondê-la para sempre.
(LEV GROSSMAN, 2018)

Jamison (2017) afirma que termos, como intertextualidade e *palimpsesto*, utilizados por vários teóricos literários para descrever as relações de coincidências entre textos de diferentes autores, se tornam muito aparentes se usados para analisar *fanfics*. Isso se deve ao fato de que, ao escreverem *fanfics*, seus autores escancaram o que autores de outros gêneros, por vezes, dissimulam. Assim “Fic pode ser desconfortável para escritores que acreditam que criam de forma autônoma em um vazio” (JAMISON, 2017, p. 27).

Ao analisarmos as *fanfictions* sob a ótica da intertextualidade, encontramos um elo entre elas e os processos de paráfrases, estilizações e paródias que permeiam os contos de fadas clássicos, por exemplo. Desse modo, os elementos que separam esses gêneros textuais, talvez, sejam apenas o suporte onde eles são veiculados. No entanto, o resultado final que é a transformação ou adaptação de um clássico em algo novo e ou atualizado, está presente nas duas modalidades textuais.

Todavia, é preciso, antes de quaisquer conclusões, compreender o que vem a ser *fanfic*. De acordo com Azzari e Custódio (2013), a palavra *fanfic* é uma redução do termo em inglês *fanfiction* que significa ficção de fã, ou seja, as *fanfics* tratam de histórias escritas por fãs de determinado livro, filme, quadrinho, série de tv, artistas, entre outros elementos inspiradores, e que utilizam ambientes, como *blogs* ou outros locais eletrônicos para a mídia escrita, sendo possível a utilização de diferentes meios de comunicação como vídeos e áudios. Nessas produções, os fãs criam narrativas paralelas às histórias reais e/ou originais desenvolvendo, dessa forma, novos “olhares” e perspectivas de um mesmo “objeto”. Segundo Alves (2015), as *fanfics* podem ser chamadas apenas de *fic*, e os escritores desses textos são classificados como *fictores*.

Jamison (2017) afirma que a pessoa que lê e escreve *fanfic*, deixa evidenciada uma maneira particular de pensar sobre a mídia consumida. O leitor e produtor de *fanfic* demonstra a consciência sobre todas as suposições implícitas que uma obra canônica, ou não, carrega.

Também na concepção de Jamison (2017), estruturas textuais que vieram a originar as *fanfics* são ainda mais antigas, pois, nos primórdios da humanidade, as histórias não eram apenas uma questão de ler e escrever, já que a maioria da população era formada por analfabetos, e, os raros manuscritos acabavam por não ter utilidade. Dessa forma, as histórias seus fatos e personagens iam sendo contados e transformados de narrador a narrador. Nessa perspectiva, as *fanfics* da atualidade são uma retomada do que aconteceu séculos atrás, antes do surgimento dos direitos autorais, e da propriedade intelectual, quando as histórias circulantes eram de domínio público.

Com o advento da imprensa, a linguagem escrita se popularizou e com ela a ideia de autoria. Ainda assim, há registros de práticas literárias muito antigas, datadas em torno do século XVII, que se assemelham ao que se tornou, na atualidade, a ficção de fã. “Em 1694, Alonso Fernández de Avellaneda (um pseudônimo para algum escritor desconhecido) escreveu uma continuação para o *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes” (JAMISON, 2017, p. 42).

Há também registros de relações que se assemelham à colaboração autor x leitor presente na *fanfic*: “Em 1748, uma fã que se chamava Belfour, escreve a Samuel Richardson sobre seu romance *Clarissa*, preocupada com o destino de seus personagens” (JAMISON, 2017, p. 43).

Cabe ressaltar que essas práticas literárias anteriores podem até ser consideradas uma espécie de “pré-história da *fanfiction*”⁹, mas não correspondem com exatidão à forma de *fanfic* que concebemos atualmente. Principalmente porque a relação leitor x escritor é entendida de variadas maneiras com o transcorrer do tempo, isso está relacionado também com a forma como os textos foram editados e publicados e com a noção de autoria e propriedade intelectual associadas a eles. Todavia:

O que não muda, ou melhor, o que nunca desaparece, é o hábito de escrever a partir das fontes. Escritores sempre entraram e intervieram em histórias familiares e estilos, e colaboraram na autoria através de discussões ou outras formas de influência. Apesar dessa multiplicidade de fontes e processos, temos há muito tempo dado (ou cedido) crédito, no final, a um único nome autoral e a *fanfiction*, com todo seu deleite colaborativo, continua essa tradição. (JAMISON, 2017, p. 48)

Isso posto, fica claro que apesar de despontar como gênero digital e emergente, o que faz com que haja um apelo de modernidade, a ficção de fã não é tão jovem quanto os nascidos na era digital, tendo em vista que produções escritas com suas características já existiam antes mesmo do surgimento da rede mundial de computadores. Segundo Azzari e Custódio (2013, p. 74), “as *fanfics* surgiram muito antes da internet. Podemos pensar nos *fanzines* (revistas/magazines criadas por fãs), inicialmente distribuídos entre as comunidades particulares a que os fãs pertenciam, como um exemplo percussor”.

Conforme Alves (2015), as *fanzines* surgiram no início dos anos 1970, nos Estados Unidos, com a popularização das séries de TV, essas revistas circulavam apenas no território definido como *fandom*, aglutinação das palavras em inglês *kingdom* e *fan*, o que vem a significar, em português, território ou reino de fãs. *Spocknália*, *fanzine* baseado na série de TV Jornada nas estrelas, é tido como um dos marcos históricos das *fanfics*.

Recentemente, no Brasil, a partir de março de 2018, foi exibida a telenovela *Orgulho e Paixão*, na Rede Globo, assinada pelo autor Marcos Bernstein, inspirada nas obras *Razão e Sensibilidade* e *Orgulho e Preconceito*, ambas de autoria de Austen. Na referida obra televisiva, Bernstein exhibe ao público sua versão para os personagens de Austen, caso eles tivessem

⁹ Expressão utilizada por Jamison (2017) para descrever as estruturas textuais que surgiram na antiguidade e que tinham traços linguísticos parecidos com o que se considera hoje como *fanfic*.

surgido no Brasil. Cabe ressaltar, também, que ainda são inseridas à história novos personagens e elementos, frutos da criatividade do autor, conforme observamos a seguir:

Figura 5 - Logomarca da telenovela



Fonte: <https://br.starsinsider.com/tv/247468/brincas-e-problemas-tomam-conta-dos-bastidores-de-orgulho-e-paixao>

Figura 6 - Thiago Lacerda e Nathalia Dill



Fonte: <https://janeaustenbrasil.com.br/tag/orgulho-e-paixão>

Na **Figura 5**, temos a logomarca da telenovela, exibida no horário das 18h, que adaptava as obras de Austen ao contexto brasileiro de 1910, a história era ambientada no Vale do Café e em São Paulo. Na **Figura 6**, estão os atores que deram vida aos personagens centrais da trama: Darcy (Thiago Lacerda) *lord* inglês presente na obra original de *Orgulho e Preconceito*, e Elisabeta Benedito (Nathalia Dill) versão “abrasileirada” da Elisabeth Bennet, de Jane Austen.

O personagem mais importante de Sir Conan Doyle, Sherlock Holmes, também possui adaptação famosa no Brasil. Em 1995, Jô Soares lançou *O Xangô de Baker Street*, livro em que o detetive inglês vivia no Rio de Janeiro do século XIX e, juntamente com seu companheiro inseparável Watson, tentava desvendar uma série de crimes. Em 2001, a obra de Jô Soares ganhou adaptação para o cinema sob direção de Miguel Faria Júnior.

A existência dessas obras, e de muitas outras famosas e anônimas, deixa clara a sobreposição do personagem Sherlock Holmes sobre o seu autor, tendo em vista que ele, apesar de fictício, é figura conhecida e admirada em todo o mundo, entretanto, muitos dos que o reconhecem nunca leram sequer uma linha do que foi escrito por seu criador.

Tanto a telenovela *Orgulho e Paixão*, quanto a obra de Jô Soares *O Xangô de Baker Street* não podem ser consideradas *fanfics* já que a categorização de uma obra perpassa também pela classificação de seu autor. Nas histórias em questão ambos os autores vivos, ainda não acenaram para isso. No entanto, é inegável que essas obras possuem características claras das narrativas ficcionais de fãs, como a criação de histórias paralelas às originais e a manutenção de características cruciais dos personagens dessas histórias, como uma forma de respeito e até mesmo devoção para com a fonte de inspiração inicial. Além disso, a existência de criações

dessa natureza aponta para o fato de que tanto o *fandom* “janeíta” quanto o *fandom* “holmesiano” possuem integrantes famosos e anônimos.

Além dos percussores Jane Austen e o detetive Holmes, são inúmeros os *fandoms* existentes ao redor do mundo, domínios que começaram a se mostrar com as *fanzines* na década de 1970 e que se expandiram com o surgimento da rede mundial de computadores na década de 1980. Isso se dava porque pela natureza “analógica” dos *fanzine* as narrativas do gênero *fanfic* não tinham longo alcance, eram difundidas apenas entre os participantes do *fandom*. No entanto, com o advento da internet, o gênero ganhou fôlego e uma “nova roupagem”.

Para Shaffer (2017), um dos exemplos mais emblemáticos de *fandom* que impulsionou a saída de uma *fanfic* da *internet* para as páginas dos livros e, posteriormente, para as telas do cinema, é o da *Saga Crepúsculo*. Uma vez que antes de se transformar numa trilogia mundialmente famosa, *Cinquenta tons* era uma *fanfic* de *Crepúsculo* publicada sob o pseudônimo de “*Snowqueens Icedragon*”. Ao perceber o sucesso nas redes, e receber propostas para publicação a autora, Erika Leonard James, mais conhecida pelo seu pseudônimo E. L. James, mudou os nomes dos personagens, reestruturou a história e lançou seus livros.

A partir do sucesso de *Cinquenta tons*, o mercado editorial percebeu que é possível ganhar dinheiro com *fanfiction*, por essa razão tem investido nesse mercado que já é bastante amplo fora do Brasil. Na atualidade, é possível ler e escrever *fanfics* em diversas plataformas online, as mais famosas são *Wattpad*, *Spirit fanfics*, *Fanfic addiction* e *Nyah! Fanfiction*. A popularização do gênero tem sido tão grande que a *Amazon*, empresa que comercializa o *Kindle*, um dos dispositivos para leitura digital mais vendidos no mundo, criou uma plataforma de publicação de *fanfic*, na qual os autores podem inserir suas histórias, e, até mesmo receber por elas.

1.3.1 *Fanfics*: riscos e benefícios

As produções textuais online, especificamente, aqui, a narrativa de fã, a qual privilegiamos na presente pesquisa, tem se tornado uma forma de comunicação e expressão de ideias, emoções, valores pelos adolescentes nas redes sociais. Tais fãs elaboram novas “roupagens” da narrativa a partir das recriações, publicadas na rede, de romances, filmes, séries, e histórias reais de artistas dos quais são fãs. Nesses textos, os autores criam outras histórias com os personagens originais e divulgam-nas em plataformas de publicação que são redes sociais onde autores e leitores estabelecem uma relação de cooperação. Nesses locais os

escritores postam suas histórias capítulo a capítulo, e, muitas vezes, aguardam a interação dos leitores para direcionar os rumos do texto.

Conforme Bertoni (2019), ao se proliferarem na *internet*, as narrativas ficcionais foram se subdividindo, ao longo do tempo, em classificações internas, as principais são: *Canon* - redução do termo cânone, caracteriza as *fanfics* nas quais os autores tentam manter a originalidade do texto; *Crossover* - quando os autores misturam na *fanfic* personagens de diferentes lugares, tempos e histórias; *Shipper* - *fanfics* que exploram em seu enredo relações íntimas entre um casal; *Universo alternativo* - nesse caso os autores transportam um personagem original para um mundo completamente diferente; *Autoinserção* - quando o *factor* se inclui na história narrada.

Enquanto gênero textual, a *fanfic* engloba a possibilidade de uma escrita criativa, a ocorrência da metalinguagem, bem como a oportunidade de uma produção colaborativa. Rogers (1997) aponta a criatividade como expressão do ser, ela decorre da reação do indivíduo ao ter contato com experiências que provoquem a sua sensibilidade. Assim, para que a criatividade de uma pessoa seja estabelecida se faz necessário o cumprimento de três condições, são elas: a abertura e ou disponibilidade do sujeito para viver a experiência; a percepção do indivíduo de que suas potencialidades serão valorizadas; e a capacidade para lidar com elementos e conceitos. Do processo criativo, resulta a novidade que é o produto dessa interação.

Ao transportarmos para o contexto educacional o que defende o autor sobre a necessidade de que as atividades a serem desenvolvidas pelo sujeito se alinhem com as características dele, identificamos que a utilização da *fanfic* para estimular a escrita na esfera escolar, é uma escolha acertada, já que, além de representar uma novidade, ela faz parte do contexto no qual os estudantes estão imersos. Todavia, esse ainda não é um gênero muito difundido em sala de aula, provavelmente por sua característica de hibridação de literatura canônica com a cultura popular, fato que ainda pode ser malvisto pela esfera escolar.

Nessa vertente, reconhecer a existência dos múltiplos gêneros textuais e fazer uso deles nas aulas de língua materna é mais importante do que meramente tipificá-los, o que não significa que se deva negar a existência de suas formas e funções. A mera tipificação entre o que seria um gênero ou outro pode tornar simplória a forma como esses devem ser compreendidos por parte do leitor.

Conforme Silva (2013, p. 98), “há muito a noção de autoria está em colapso; a emergência das novas tecnologias veio salientar esse processo”. A escrita colaborativa proposta pela *fanfic* desafia a noção de autoria baseada na ideia de controle da reprodutibilidade e

circulação de textos proporcionada pela ideia de um único autor detentor daquilo que diz, até mesmo porque tal ideal encontra-se em crescente desuso e desconstrução desde o final dos anos 1970. Sendo assim, é evidente a necessidade da cooperação para a manutenção, renovação e propagação de ideias, pois:

Com a escrita colaborativa, a remixagem de diferentes textos, a circulação em rede desses enunciados, certamente, uma nova função-autor é apontada e atrelada à noção do nascimento do leitor como sujeito engajado, com mais possibilidades de leituras, debates e produções que podem promover seu protagonismo. (AZZARI e CUSTÓDIO, 2013, p. 84).

Atualmente, os professores se deparam com a realidade de alunos “conectados” que não conseguem aprender de forma compartimentada e descontextualizada, abrindo “gavetas” de conhecimentos para “arquivar” informações transmitidas. Além do mais, as percepções de liderança na construção participativa, criativa e inovadora dos significados devem ser promovidas de modo a criar novas concepções capazes de deixar traços de transformação na sociedade, devendo ser este um dos papéis da escola.

A possibilidade do surgimento de protagonismo, por parte dos estudantes, no desenvolvimento das atividades escritas, nas aulas de Língua Portuguesa, através da prática de escrita colaborativa reforça a relevância da introdução da *fanfic* no âmbito escolar visando à melhoria da relação dos estudantes com o ato de redigir narrativas.

Além disso, por ser a *fanfic* um gênero textual emergente entre os nativos digitais, público que compõe maciça maioria das salas de aula na atualidade, é que se deve, também, pensar em estratégias para introduzi-lo na esfera escolar. Essa inserção pode promover a ampliação do conceito de literatura e ela passaria a abarcar não apenas o cânone como objeto de estudo, mas vislumbraria também a possibilidade de trabalhar com o que advém da cultura juvenil no universo digital.

Todavia, para uma boa utilização das *fanfics* em sala de aula não é preciso reconhecer apenas os benefícios, mas também os riscos de estimular a inserção dos estudantes na prática de escrita em rede. Além dos riscos de ferirem direitos autorais de obras protegidas, usuários inexperientes, podem, ainda, cair nas armadilhas da *internet*. Dentre essas armadilhas, podemos citar o *cyberbullying*, que, de maneira simplificada, é a agressão verbal, perseguição e exposição de indivíduos através das redes. Existe ainda, para os menores de idade, o perigo de sofrerem assédio e aliciamento por parte de pedófilos, como também há o risco de exposição a

conteúdos inadequados para a faixa etária por conterem demasiada violência e erotismo, além de muitas vezes possuírem forte teor de preconceitos. Não é raro, numa busca nas plataformas de publicação de *fanfic* se deparar com textos inadequados, na verdade, grande parte dos autores, mesmo quando menores de idade, para não sofrerem muitas censuras, optam por classificar seus textos com indicação para maiores de 18 anos.

Diante do exposto, ao optar por trabalhar esse gênero em sala de aula, sobretudo com menores de idade, o educador deve buscar cercar-se de cuidados, que vão desde escolher obras que dispensem a permissão para uso dos direitos autorais, até a monitoração e mediação da produção dos estudantes. É crucial, também, promover a conscientização deles sobre a importância de fazer um uso adequado, cidadão e ético das ferramentas virtuais.

1.4 Leitura, escrita e multiletramentos na Educação Básica: o que diz a BNCC?

Conforme Fiorindo (2015), ler bem não significa apenas decodificar os elementos linguísticos na superfície do texto, é necessário compreendê-lo em sua profundidade estrutural. Para realizar isso, o leitor precisa acessar conhecimentos linguísticos, discursivos e de mundo que advêm de suas experiências de vida. A partir desse “empoderamento” do ato de ler é que o indivíduo será capaz de se expressar de maneira fluida no universo da escrita. Dessa forma, compreendemos que ler e escrever são atividades encadeadas e quanto mais uma pessoa lê mais ela terá ferramentas disponíveis para escrever bem, pois:

Um bom leitor precisa ser curioso, ir além da superfície textual, ele deve transcender os sentidos textuais para ampliar sua visão de mundo e, posteriormente, ser um bom escritor. Escrever não é tarefa simples, pois exige tempo, dedicação e, principalmente o gosto pela leitura. É nesta viagem, através das palavras, que o aprendiz vai construindo e diversificando seu vocabulário. (FIORINDO, 2015. p. 7)

Sabemos que, com o passar do tempo, e com o desenvolvimento das tecnologias, a cultura escrita foi se expandido e transformando até que pudesse alcançar a diversidade de facetas que possui na atualidade. Para Ribeiro (2018, p. 11 e 12), “a cultura escrita vem se constituindo há milênios, com base na invenção da escrita e no desenvolvimento da leitura, e vem passando por mudanças menos ou mais notáveis durante esse tempo”. O advento dessa cultura propiciou o surgimento do conceito de letramento.

Inicialmente, a escrita se propagava lentamente através dos manuscritos; com o surgimento da cultura impressa, sua propagação tornou-se mais ágil, e a evolução desta última

até a forma digital, com a qual lidamos na atualidade, fez emergir o conceito de multiletramentos¹⁰.

Assim, “a conclusão é que letramento é fenômeno plural, historicamente e contemporaneamente: diferentes letramentos ao longo do tempo, diferentes letramentos no nosso tempo”. (SOARES, 2002, p. 156). Diante dessa realidade, é imprescindível reconhecer a relação estreita existente entre a cultura escrita e os multiletramentos para que seja possível compreender a evolução de ambos, e oferecer aos estudantes uma educação linguística adequada.

Ao levar em conta o contexto atual de ensino, observamos a necessidade de adequação das instituições escolares às novas configurações de aprendizagem, em especial, no que se refere às possibilidades múltiplas de letramento, fato que fica bem explicitado na Base Nacional Comum Curricular, documento oficial implementado em 2018 que fornece a “Base” que deverá nortear, obrigatoriamente, os currículos de todas as instituições de ensino do território brasileiro. A BNCC já traz uma visão de leitura e letramentos alinhada com essa realidade:

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BRASIL, 2017, p. 68).

Nesse cenário, fica claro que a BNCC se associa ao conceito de multiletramento, ou seja, reconhece a possibilidade de o estudante adquirir competências na leitura e na escrita, a partir do contato com diferentes gêneros textuais formais e/ou informais pertencentes ou não ao âmbito escolar.

A aquisição da escrita está diretamente ligada à leitura, e o bom desenvolvimento de ambas é primordial para o desempenho escolar dos indivíduos. Nas diretrizes para o ensino da escrita, a BNCC prevê que “o Eixo da Produção de Textos compreende as práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria (individual ou coletiva) do texto escrito, oral e multissemiótico, com diferentes finalidades e projetos enunciativos”. (BRASIL, 2017, p. 74).

¹⁰ Conforme Rojo (2013, p. 14) “o conceito de multiletramentos, articulado pelo Grupo de Nova Londres, busca justamente apontar, já de saída, por meio do prefixo ‘multi’, para dois tipos de “múltiplos” que as práticas de letramento contemporâneas envolvem: por um lado, a *multiplicidade de linguagens*, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e, por outro, a *pluralidade* e a *diversidade* cultural trazidas pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação.”

Além do mais, cabe ainda afirmar que, ao definir as aprendizagens essenciais, a BNCC orienta que sejam assegurados aos estudantes o desenvolvimento de competências gerais que são: pensamento científico, crítico e criativo; diversidade cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento; cooperação; empatia; responsabilidade para com os outros e consigo; cidadania. A partir dessas competências, os diferentes sistemas, redes e escolas, no que se refere à formação de estudantes do ensino médio, devem montar os itinerários formativos.

No que se refere à *fanfic*, encontramos na BNCC menção a ela. De acordo com Bertoni (2019), o uso desse gênero em sala de aula é indicado pela Base Nacional, enquanto instrumento auxiliar na formação de um leitor-fruidor, capaz de reconhecer as múltiplas camadas de sentido de um texto. O documento também aponta para a importância da *internet* na disseminação e produção de novos gêneros textuais e alerta para a necessidade de discussão desses novos textos no chão da escola, até mesmo para que os estudantes possam reconhecer neles o que é ou não adequado, podendo, desse modo, reconhecer os discursos de ódio, refletir sobre os limites entre liberdade de expressão e ataque a direitos, aprender sobretudo, a debater ideias de forma consciente.

Assim, fica reiterada a constatação de que, para desenvolver uma proposta de letramento adequada nos dias de hoje, a escola precisa compreender as transformações socioculturais ocorridas na localidade na qual está inserida, e, desenvolver dentro de seus muros uma prática de ensino que objetive a integração de diversos saberes, considerando a realidade dos alunos.

1.5 O universo digital dos multiletramentos

As novidades trazidas pelo advento das tecnologias digitais ao nosso contexto atual têm provocado significativas mudanças na relação entre o ser humano e o conhecimento. O desenvolvimento e a expansão das tecnologias para o cotidiano das pessoas favoreceram o surgimento do letramento digital, que pode ser compreendido como a demanda por aprendizagens que possibilitem aos indivíduos a inclusão e interação com o mundo digital, pois:

No quadro desse conceito de letramento, o momento atual oferece uma oportunidade extremamente favorável para refiná-lo e torná-lo mais claro e preciso. É que estamos vivendo, hoje, a introdução, na sociedade, de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica – o computador, a rede (a web), a Internet. (SOARES, 2002, p. 146).

Na visão de Pretto (2011), as grandes velocidades permeando o mundo no qual vivemos, sobretudo, a aceleração com que os aparatos se deslocam, propiciam transformações em nossa forma de pensar. Basta olhar a nossa volta que constataremos que quase tudo hoje tem se digitalizado, os serviços bancários, vários ramos do comércio e até as relações humanas. O convívio com diversas interfaces digitais tem se tornado natural ao indivíduo do século XXI, e a tecnologia, por vezes, traduz-se como uma extensão do próprio corpo tornando-o cada vez mais inserido no mundo digital.

Conforme Santaella (2013), a multiplicação de interfaces, que incorporam os mais variados dispositivos, é um fato irrefutável, e seu uso está se tornando cada vez mais natural, mais confortável aos sentidos humanos, mais intuitivo, mais intimista. Nesse contexto, muito se tem falado sobre as necessidades de mudanças no cenário educacional, a fim de conviver e utilizar essas tecnologias no âmbito escolar, sobretudo quando temos, como atores no processo, os nascidos na era digital.

A partir da ideia de que ninguém aprende as mesmas coisas, no mesmo momento e de forma igual, podemos afirmar que as práticas para propiciar a aprendizagem além de variadas precisam ultrapassar o espaço físico da sala de aula, uma vez que a aprendizagem não se dá apenas dentro dela. No entanto, muitas práticas de ensino-aprendizagem dos nossos dias ainda negam a presença das tecnologias no âmbito escolar e não concebem a extrapolação do espaço físico da sala de aula.

Conforme abordado por Leal, Alves e Hetkowski (2006), os nascidos no universo tecnológico possuem a compreensão de que é possível ocupar lugares diferentes ao mesmo tempo o que diminui, até mesmo, as distâncias geográficas. No entanto, a escola ainda não se deu conta disso e continua com as mesmas práticas antigas, limitando suas ações apenas ao espaço físico e negando a presença das tecnologias que tem potencial para proporcionar a estrapolação desse espaço.

De acordo com Souza (2016), devemos compreender que a relação entre o desenvolvimento sociocultural humano e as múltiplas semioses, trazidas pelas mais variadas formas de comunicação oral, escrita e/ ou imagética, desencadearam mudanças na maneira do indivíduo ver e participar do mundo, exigindo, portanto, um nível cada vez maior de letramentos.

Nessa perspectiva, uma educação linguística adequada, e que possa trazer projetos para um alunado multicultural, deve ser alicerçada em três dimensões: a diversidade produtiva, o

pluralismo cívico¹¹ e as identidades multifacetadas (ROJO, 2013). Tomando por base esse tripé apresentado pela autora, fica reiterada a necessidade de que escola, enquanto instituição de ensino e o corpo docente, enquanto agentes mediadores do conhecimento, alinhem suas práticas de letramentos à realidade sociocultural dos discentes.

Conforme Melo, Oliveira e Valezi (2012), novas práticas que contemplem os atuais letramentos demandados pelas práticas que renovam e inovam as relações sociais devem ser promovidas pela escola. Pois, quando o aluno se depara com um texto multimodal, ele necessita acessar uma série de conhecimentos que vão além da decodificação das letras, como observamos a seguir:

Figura 7 - Texto multimodal



Fonte: http://m.efdeportes.com/articulo/pedagogia_da_leitura_multimodalidade/178

Verificamos na **Figura 7** um texto multimodal, para fazer a interpretação de seu teor, o leitor precisa recorrer não apenas às palavras ou a imagem, mas também ao seu conhecimento de mundo, pois, o texto representa uma preocupação com o aquecimento global, dando a entender que se as alterações climáticas continuarem na velocidade em que estão, em 2100 o Polo Norte poderá ter não gelo, mas, mandacarus e calor como na caatinga do nordeste brasileiro. A vivência de leitura de textos assim, reitera a ideia de que ler vai muito além de decodificar letras de um sistema alfabético.

Ao interagir no ciberespaço, por exemplo para acessar redes sociais, seja pelo *notebook* ou pelo *smartphone*, muitas vezes o indivíduo contará muito mais com a presença de ícones/imagens do que com palavras para orientar a sua leitura, conforme verificamos a seguir:

¹¹ Para Rojo (2013), o pluralismo cívico consiste na busca, por parte da escola, em desenvolver nos estudantes habilidades de representar identidades multifacetadas compatíveis com diferentes formas de vida, espaços cívicos e contextos de trabalho.

em situações reais, exigindo do estudante a investigação e a realização de experiências para solucionar os problemas apresentados.

Nessa senda, é tácito que o desenvolvimento de atividades híbridas não representa uma ruptura drástica com a prática de sala de aula, mas uma inovação da mesma. O hibridismo na educação sempre esteve presente, até o professor do século passado já desenvolvia técnicas dessa modalidade. As tarefas extraclasse e trabalhos de grupo são exemplos disso. A diferença é que, nos dias atuais, os alunos podem e devem recorrer às TIC na realização dessas tarefas, tendo em vista que, a internet e os outros recursos tecnológicos abrem um grande leque de opções para a educação possibilitando que a mesma ultrapasse as barreiras físicas invadindo outros espaços e tempos.

2 DO VIRTUAL PARA O REAL: A DIFUSÃO DA ESCRITA COLABORATIVA NO AMBIENTE ESCOLAR

Aqui apresentamos o espaço, a seleção dos sujeitos, os materiais escolhidos e a descrição da proposta de intervenção pedagógica, privilegiando a produção de *fanfics* organizadas em coletânea publicada na rede social *flipsnack* cujo *link* posteriormente foi transformado em código QR para melhor divulgação dos textos com a comunidade escolar.

2.1O espaço selecionado

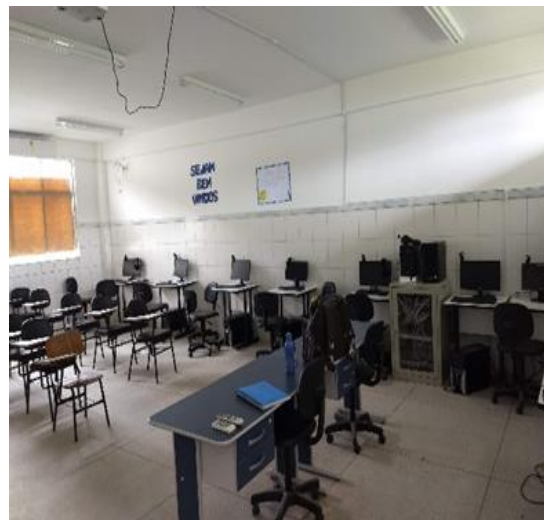
O Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes (CEFCM), uma das instituições de ensino mais antigas da cidade de Santo Antônio de Jesus -BA, contando já com 50 anos de fundação, possui 32 salas de aula, sala dos professores, secretaria, direção, refeitório, cozinha, biblioteca, auditório, laboratórios de informática, ciências, química e júnior. Há também amplo estacionamento, quadra descoberta, horta e áreas verdes na entrada e no prédio anexo.

A referida instituição de ensino atende, nos turnos matutino, vespertino e noturno, a uma média aproximada de 3 mil estudantes de Ensino Médio Regular, Técnico Profissionalizante e Educação de Jovens e Adultos – EJA para o Ensino Fundamental II. Paralelamente, oferece exames da Comissão Permanente de Avaliação – CPA. Há 115 professores, a maioria deles concursados e alguns com contrato de Regime Especial de Direito Administrativo – REDA; e três coordenadoras pedagógicas; além de uma diretora e dois vice-diretores.

Desde 2018, a escola vem passando por reformas estruturais visando melhorar o seu funcionamento, uma vez que o prédio antigo já dava sinais de desgaste. No entanto, apesar das melhorias implementadas, a comunidade escolar ainda sofre a ausência de muitos recursos, o auditório foi reformado, mas não possui mobiliário e equipamento de som adequado para seu funcionamento. O laboratório de informática está montando, mas não há uma rede de internet estável e veloz que possibilite a sua utilização, os multimeios são escassos e insuficientes para o quantitativo de turmas e docentes que a unidade possui, enfim problemas enfrentados, infelizmente, por grande parte das escolas públicas brasileiras. A título de ilustrações seguem algumas imagens da escola:

Figura 10 - Área externa do setor dos laboratórios

Fonte: acervo próprio, 2019.

Figura 11- Laboratório de informática

Fonte: acervo próprio, 2019.

Figura 12 - Entrada da escola

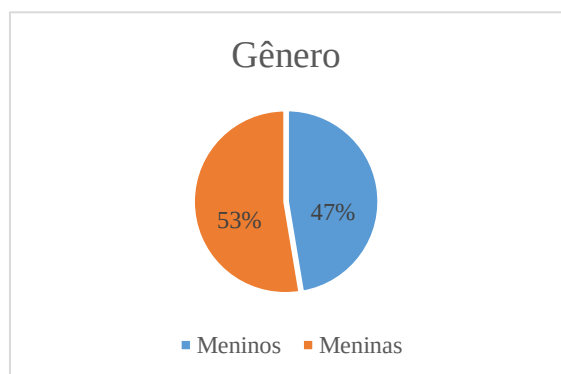
Fonte: acervo próprio, 2019.

Figura 13 - Auditório

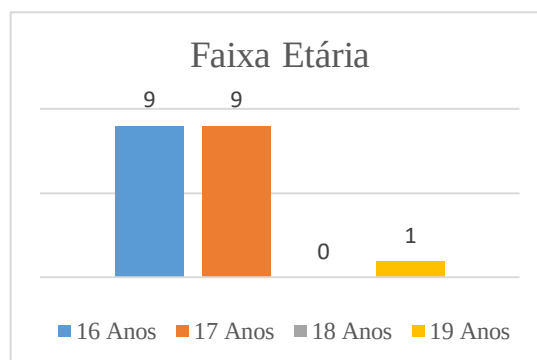
Fonte: acervo próprio, 2019.

2.2 Seleção dos Sujeitos

Os sujeitos selecionados para essa intervenção são alunos do 2º ano do curso Técnico Profissionalizante em Informática, esse curso é integrado, mas os estudantes concentram a maioria das aulas no turno matutino. A turma é composta por 19 alunos, sendo 10 meninas e 9 meninos com idades que variam entre 16 e 19 anos, conforme visualizamos nos gráficos a seguir:

Gráfico 1 - Distribuição dos alunos quanto ao gênero

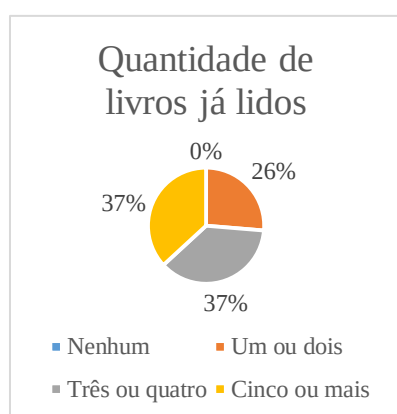
Fonte: acervo próprio, 2019.

Gráfico 2 - Distribuição por faixa etária

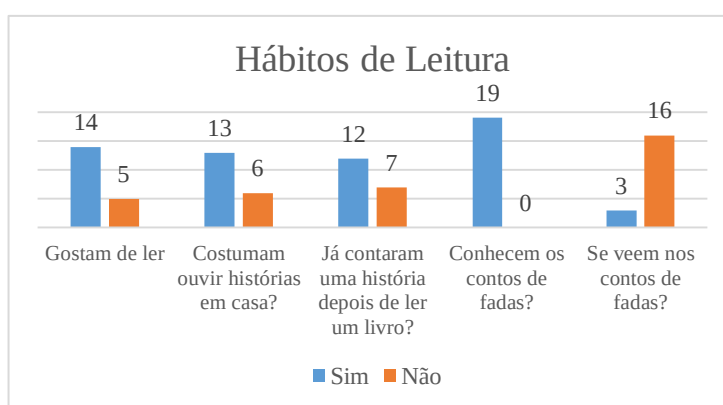
Fonte: acervo próprio, 2019.

De acordo com os dados apurados no questionário aplicado a fim de contextualizar o perfil da turma, verificamos os hábitos de leitura, escrita e a utilização das TICs, *web* e principais redes sociais por esses indivíduos.

No que se refere aos hábitos de leitura, 37% dos estudantes afirma já ter lido cinco ou mais livros completos. Quanto ao gosto pela leitura, 14 alunos afirmam gostar de ler, 5 afirmam que não gostam. Além disso, 13 estudantes afirmam ouvir histórias em casa, e 12 deles já contaram uma história após ler um livro. No tocante aos contos de fadas, todos eles afirmam conhecê-los, mas apenas 3 se veem representados esteticamente nesses contos. Verificamos melhor esses dados no **Gráfico 3** e no **Gráfico 4**.

Gráfico 3 - Hábitos de leitura 1

Fonte: acervo próprio, 2019.

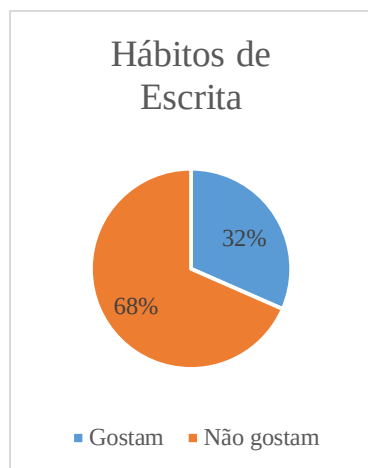
Gráfico 4 - Hábitos de Leitura 2

Fonte: acervo próprio, 2019.

Quando o assunto é o gosto pela escrita apenas 32% dos alunos afirma possuir. Com relação ao acesso às tecnologias, 11 deles possui computador em casa, 16 possuem *wi-fi* e apenas 1 não possui *smartphone*. Além disso, todos eles possuem alguma rede social e 2

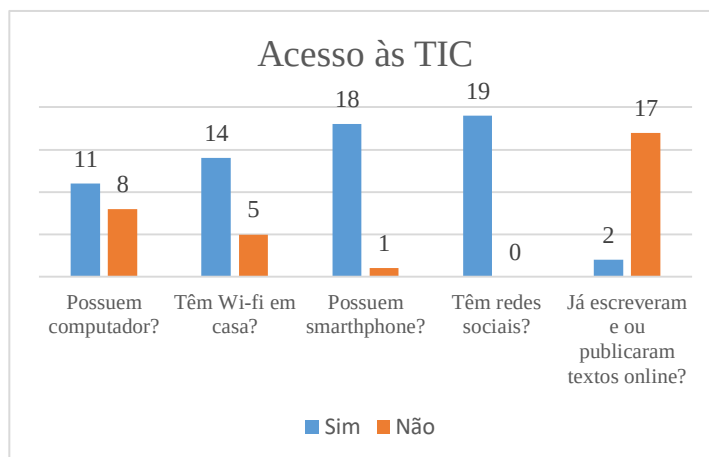
afirmam já terem publicado textos *online*. Tais dados podem ser conferidos nos gráficos que seguem:

Gráfico 5 - Hábitos de Escrita



Fonte: acervo próprio, 2019.

Gráfico 6 - Acesso às TIC



Fonte: acervo próprio, 2019.

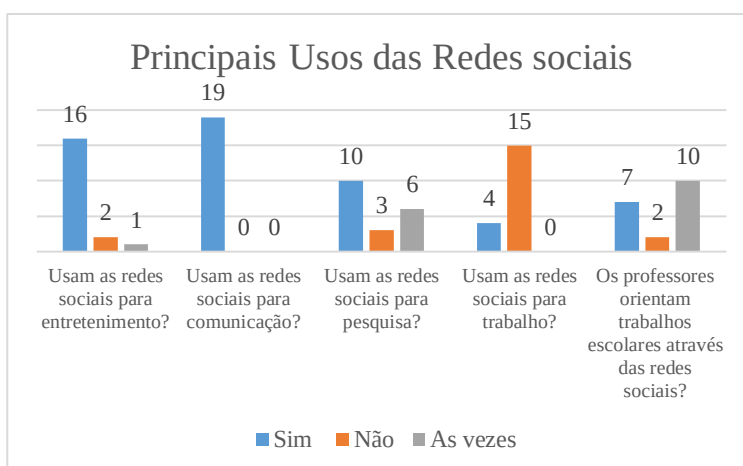
No que se refere às redes sociais, a mais utilizada pelos estudantes é o *WhatsApp* que possui no grupo 18 usuários; em segundo lugar temos o *Facebook* e o *Instagram* com 11 usuários cada. Verificamos esses e outros dados relativos ao uso das redes sociais a seguir:

Gráfico 7 - Redes sociais usadas



Fonte: acervo próprio, 2019.

Gráfico 8 - Principais usos das redes sociais



Fonte: acervo próprio, 2019.

Com relação ao uso dessas redes, verificamos, no **Gráfico 8**, que 16 indivíduos afirmam utilizá-las para entretenimento, 18 deles admitem fazer uso para comunicação, 4 afirmam usar

para trabalho, 6 para pesquisa e 10 apontam que, às vezes, são orientados por professores, para realização de trabalhos escolares, através das redes sociais.

2.3 Os materiais escolhidos

Os materiais selecionados para a produção das *fanfics* são os contos de fadas clássicos – *Chapeuzinho Vermelho* Perrault (2016) e Grimm (2018); *Branca de Neve e os Sete anões*, Grimm (2018) e Nascimento (2010); e *Cinderela*, Perrault (2016) e Grimm (2018). Os alunos deverão recriar essas histórias de forma a se verem melhor representados nelas, e por seus personagens. Serão utilizados também, além dos acessórios específicos para cada etapa da proposta de intervenção pedagógica – balões coloridos, cestas, cenários, papéis ofício, canetas, lápis, borracha, lápis de cores, giz de cera, tintas guache, maquiagens diversas, pincéis – a fim de contextualizar a sala de aula, em cada atividade.

2.4 Descrição da proposta de intervenção pedagógica

Aqui descrevemos detalhadamente a proposta de intervenção pedagógica, dividida em 44 aulas. Tais atividades têm por objetivo o desenvolvimento de um produto final, a coprodução de *fanfics*, a partir dos contos de fadas clássicos, ressaltando a reconstrução dos arquétipos comportamentais e estéticos dos personagens femininos dessas histórias, que foram redigidas pelos 6 grupos da turma. Posteriormente, as *fanfics* foram organizadas em coletânea e publicadas na rede *flipsnack*. Ressaltamos ainda que as interações com os estudantes, durante as etapas de aplicação do projeto, ocorreram de forma presencial, e a distância, através da utilização do *WhatsApp*.

ETAPA I – Afinal, porque *fanfic*?

Duração: 4 aulas

Objetivo: promover o contato dos estudantes, em sala de aula, com a *fanfic* bem como incentivar a reflexão sobre o benefícios e malefícios do mundo digital.

Material: papel ofício, projetor

Metodologia:

Primeiro momento: apresentação e debate com os estudantes, utilizando o auxílio de slides, do conceito de *fanfic* e as características dessa escrita digital.

Segundo momento: divisão da turma em grupos e distribuição de cópias impressas da *fanfic A garota da capa vermelha*¹², escrita pelo usuário Biscoit4, na rede de publicação *Spiritfanfics*. O final da história foi propositalmente suprimido para possibilitar a continuidade dela pelos grupos. Após isso, leitura e comentários dos finais recriados.

Terceiro momento: inclusão dos estudantes em um grupo de *WhatsApp* intitulado *Fanfic* para acompanhamento e orientação de atividades extraclasse. Nessa etapa, o link para acesso à *fanfic* trabalhada em sala é disponibilizado para que os estudantes conheçam o final criado pelo autor e comparem, através de debate informal através do *app*, com os finais criados pelo grupo.

ETAPA II- Narrar é preciso!

Duração: 4 aulas

Objetivo: Reconhecer a importância e as características de uma narrativa.

Material: projetor; cartolina

Metodologia:

Primeiro momento: distribuição de cartões com palavras ligadas ao universo dos contos de fadas (lobo, sapo, príncipe, princesa, fada madrinha, madrasta, rainha, rei, anões, sapato, caçador, vovó, cesta, espelho, castelo, reino, baile, magia, maçã), como a turma é composta por 19 alunos um cartão para cada. Com os cartões na mão, os estudantes são convidados a se sentar, nas cadeiras previamente organizadas em círculo para realização da atividade que consiste em narrativa oral e espontânea dos estudantes a partir das palavras que receberam. Para tornar o processo surpreendente e dinâmico, as mesmas palavras distribuídas nos cartões constarão em uma caixa, e o sorteio delas definirá a ordem da narrativa.

Segundo momento: após a realização da narrativa oral, será explicado aos estudantes, com o auxílio de slides o conceito de narração e narrativa, deixando claro que, apesar de ser um gênero digital, a *fanfic* se alinha com as características de uma narrativa; por isso mesmo, pedirei que eles, retomem a *fanfic* lida na etapa anterior e divididos em 6 grupos, identifiquem os personagens; as ações – causa/consequência; o espaço – onde aconteceram os fatos; tempo cronológico, que serão registrados por um líder do grupo, em cartolina, e depois compartilhados com a turma. Nessa partilha, reforçarei a diferença entre narração x narrativa e o clímax/suspense/o ponto máximo da história, que mantém o ouvinte conectado à história que

¹² Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/a-garota-da-capa-vermelha-17049944/capitulo1#Pagina1-ComentarioId102847415>

está sendo contada. E o terceiro momento: no grupo de *WhatsApp* os estudantes comentam e tiram dúvidas.

Etapa III – Cine *fanfic*

Duração: 4 aulas

Objetivo: perceber as diferenças e semelhanças entre a Branca de Neve mais reconhecida popularmente e a personagem apresentada no filme *Branca de Neve e o Caçador* (SANDERS, 2012).

Material: projetor; dvd do filme; caixa de som; papel ofício; cesta; lanche

Metodologia:

Primeiro momento: o laboratório de ciências da escola estará organizado de forma aconchegante para exibição do filme. Os estudantes serão orientados a assistir a obra prestando atenção aos elementos convergentes e divergentes entre a obra popularmente conhecida e a versão apresentada na tela.

Segundo momento: os alunos serão divididos em seis grupos e deverão preencher uma ficha de leitura sobre o filme. E o terceiro momento: no grupo do *WhatsApp* será realizado um debate informal sobre as preferências dos estudantes em relação ao conto Branca de Neve.

ETAPA IV – O peso do cristal

Duração: 4 aulas

Objetivo: reconhecer a importância da desconstrução dos padrões estéticos e comportamentais, sobretudo os que se referem às mulheres, para a ressignificação dos contos clássicos.

Material: projetor; caixa de som; isopor; tecido; EVA; papel ofício.

Metodologia:

Primeiro momento: será exibido aos estudantes um trecho da animação *CinderellaIII*¹³ em que uma das irmãs tenta, a todo custo, calçar o sapato de Cristal. Após isso, será iniciado com os estudantes um debate sobre a simbologia por trás do vídeo, e o que está por trás do tão almejado sapato da Cinderela.

Segundo momento: o painel “o peso do cristal” será apresentado, ele consiste em um isopor forrado com tecido de maneira delicada, com moldes de sapatos em EVA presos nele. Como a intenção é formar 6 grupos, serão 6 moldes; atrás deles, estarão escritas as seguintes frases machistas:

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c7031WUioVM>

- 1- Toda mulher precisa de um “príncipe” para lhe salvar;
- 2- “Levanta a cabeça princesa senão a coroa cai”;
- 3- “Que me perdoem as feias, mas beleza é fundamental”¹⁴.
- 4- Por trás de todo grande homem existe uma mulher;
- 5- Para ficar bonita mulher, tem que sofrer;
- 6- Vestido curto demais, está pedindo...

Cada grupo deverá pegar um dos sapatos e produzir um parágrafo e um *meme* ¹⁵expressando a opinião sobre a frase sorteada. E o terceiro momento: no grupo de *WhatsApp* os grupos partilharão e comentarão os *memes* criados.

ETAPA V – Oficina de maquiagem artística

Duração: 8 aulas

Objetivo: possibilitar a criatividade e recriação de personagens clássicos através da maquiagem artística

Material: papel ofício, lápis de cor, maquiagens, pincéis de maquiagem.

Metodologia:

Primeiro momento: será feito um sorteio para definir qual grupo ficará responsável por cada personagem. Serão seis, um para cada equipe: *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve*, *Cinderela*, o *Lobo*, o *Príncipe Encantado* e a *Rainha Má*. Feito o sorteio, será solicitado que cada grupo registre através de desenho no *facechart* sua projeção dessa nova personagem.

Segundo momento: será realizada uma oficina de maquiagem artística com Vanessa Reis. Posteriormente, cada grupo deverá escolher um líder para ser caracterizado artisticamente como o personagem principal da história, de acordo com o desenho criado por eles no primeiro momento. Os 6 membros selecionados, sendo 1 de cada grupo, devem encenar cada história em até 8 minutos e os outros integrantes auxiliarão no registro da ação. E no terceiro momento: no grupo de *WhatsApp* os estudantes comentarão a oficina e partilharão fotos e vídeos.

ETAPA VI – Leitura Doce

Duração: 8 aulas

Objetivo: conhecer as versões dos contos *Chapeuzinho Vermelho* e *Cinderela* registradas por Perrault (2016) e Grimm (2018), bem como as versões de *Branca de Neve e os Sete Anões*

¹⁴ Paráfrase de verso do poema *Receita de Mulher* (MORAES, 1959)

¹⁵ Texto multimodal, ou seja, que alia imagem e palavras, geralmente dotado de humor e ironia que possui grande difusão e circulação no meio virtual.

registradas por Grimm (2018) e Nascimento (2010) e aplicar as técnicas de narração e também a criatividade para construir uma *fanfic*.

Material: isopor; tecido; bombons de chocolate; papel ofício; caixa de cartonagem; coletânea de contos previamente reproduzida em gráfica.

Metodologia:

Primeiro momento: os estudantes receberão, de forma aleatória, números que vão de 1 a 20. Em seguida, será apresentado o painel “Leitura Doce”, será explicado que em cada envelope com bombom, contido no painel, há uma mensagem que deverá ser lida pela pessoa que estiver com a numeração citada. As mensagens são trechos das músicas *Pop Zen* (Lampirônicos), *Mantra* (Nando Reis) e *O sal da terra* (Beto Guedes). Essas canções foram escolhidas porque suas letras trazem mensagens importantes sobre doação e colaboração. Além dos trechos dessas músicas, haverá também um comando para que o leitor do cartão realize uma ação. Essa mensagem é para que o estudante que pegue o bombom e doe para o próximo leitor, de forma que o primeiro a ler a mensagem só receba o chocolate do último a ler. Além disso, haverá no cartão a mensagem de que o último e o primeiro leitor busquem na sala um presente escondido para toda a turma.

Segundo momento: os estudantes abrirão a caixa de presente e encontrarão dentro dela as coletâneas dos contos de fadas selecionados; dentro da caixa, haverá também instruções para que eles formem seis grupos e peguem na mão da professora um passaporte de leitura para uma das obras. No final de cada coletânea haverá páginas em branco para que os grupos registrem a primeira versão de suas *fanfics*. E o terceiro momento: o grupo de *WhatsApp* será usado para retirada de dúvidas e troca de dicas e sugestões para a produção das *fanfics*.

Etapa VII- Produções colaborativas

Duração: 4 aulas

Objetivo: exercitar a empatia e partilhar os textos produzidos.

Material: papéis coloridos

Metodologia:

Primeiro momento: o dia será iniciado, na área verde da escola, com a atividade “Tribo das cores” (WENDELL, 2016, p. 24), ela consiste em distribuir um papel colorido para cada aprendiz com a palavra “tribo” escrita. Serão cinco cores diferentes, ou seja, ao todo serão formadas cinco tribos, a partir da distribuição das cores. Solicitarei que todos os aprendizes formem um círculo e explicarei que cada um deles irá ao centro e mostrará a cor do seu papel,

quando fizer isso, aqueles que tiverem a mesma cor em mãos, ou seja, fizerem parte da tribo do participante do meio, deverão dizer a ele uma frase positiva ressaltando sua importância para a tribo. Assim sendo, o esperado é que toda vez que alguém chegue ao centro e mostre a sua cor, as pessoas de mesma tribo façam elogios e digam frases positivas. Após todos terem ido ao centro, falarei sobre a importância de um indivíduo ser bem aceito em seu grupo de amigos. Em seguida, numa segunda parte da atividade, pedirei que cada tribo se posicione no centro do círculo, e as tribos em seu entorno deverão dizer “Nos respeitamos a tribo X (cor)”. Isso será feito com cada grupo, e ao final, pedirei que todos reflitam sobre a importância de respeitar os grupos que são diferentes dos quais convivemos.

Segundo momento: após essa vivência, os grupos trocarão de coletânea para que um possa ler as *fanfics* produzidas pelos outros. Após as leituras, a sala será arrumada em círculo e os grupos debaterão, de forma respeitosa, o que gostaram e se mudariam algo nas produções dos colegas. E o terceiro momento: após revisarem suas *fanfics* em casa, os grupos deverão digitá-las e enviá-las para o e-mail da professora, afim de serem corrigidos.

ETAPA VIII – *Fanfics* ilustradas

Duração: 4 aulas

Objetivo: produzir ilustrações para representar as *fanfics* criadas.

Material: caixa de som; papel canson; lápis 6B e 2 B; borracha branca.

Metodologia:

Primeiro momento: os estudantes serão recepcionados com a vivência da atividade “Leia para mim”, (WENDELL, 2016, p. 62), entregarei a eles uma folha de papel com a frase escrita: “Leia esta frase para mim” e abaixo haverá a palavra “Você...”. Explicarei que cada estudante deverá completar a palavra “você” de forma a construir uma frase representando a mensagem que ele gostaria de ouvir dos colegas. Darei um tempo para que eles façam isso, em seguida pedirei que colem as folhas no tórax, circulem pela sala ao som da música “Felicidade”¹⁶, quando esta for interrompida, deverão postar-se de frente para o colega mais próximo, segurar em suas mãos, e um repetir para o outro a frase escrita em seu tórax. A música “Felicidade” (JENECI, 2010), tocará e será interrompida mais algumas vezes, para que os participantes tenham a oportunidade de realizar essa vivência com o maior número de colegas possível. Na finalização, abrirei um círculo para uma roda de conversa sobre as sensações que

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s2IAZHAsoLI>

os estudantes tiveram na participação dessa atividade, buscarei saber o que sentiram e se houve alguma coisa que os tenha marcado mais.

Segundo momento: será solicitado que cada grupo se reúna para entregar a sua própria *fanfic* impressa, em seguida, a desenhista Maria Joelma (Majess), fará uma oficina ensinando aos estudantes técnicas de desenho sombreado com grafite. Pediremos que cada grupo crie desenhos para caracterizar seus personagens e ilustrar as passagens mais importantes da história. E terceiro momento: os desenhos serão digitalizados e organizados, juntamente com as *fanfics* para formar uma coletânea a ser publicada em formato digital e partilhada com a comunidade escolar.

ETAPA IX-Era outra vez: contos de fadas que viraram *fanfics*

Duração: 4 aulas

Objetivo: expor para comunidade escolar e externa as atividades desenvolvidas.

Material: bolas, papéis- cartão coloridos; decorações utilizadas durante as etapas; *cards* com o código QR do livro digital produzido pelos alunos; caixa de som; projetor; notebook.

Metodologia: na sala de informática da escola, previamente decorada, os grupos apresentarão à comunidade escolar e externa, no formato de Sarau, as produções desenvolvidas durante a intervenção.

3 BRANCA DE NEVE, CHAPEUZINHO E CINDERELA NO REINO DAS FANFICS

O novo causa medo, faz germinar a desconfiança. A novidade gera receio de fugir a um modelo pré-estabelecido de avaliações e de mudar uma postura, tida como tradicional, em sala.

(JOÃO EVANGELISTA DO NASCIMENTO NETO, 2012)

Nesta seção, descrevemos e analisamos as etapas da proposta de intervenção apresentada e aplicada, cujo objetivo era estimular o gosto pela escrita, por meio do incentivo à produção de *fanfics* inspiradas em contos de fadas.

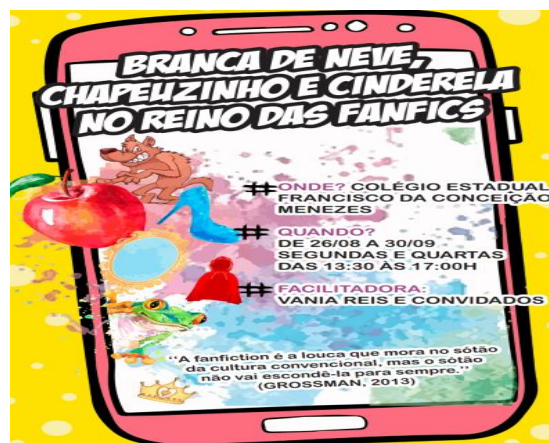
Por reconhecer que a escrita é um processo que envolve diversas leituras que vão além das letras, mas também é permeado por sons e inúmeras imagens, sentimos a necessidade de trazer para o projeto uma identidade visual. Entramos em contato com a ilustradora Laiana Vieira, explicamos nossa ideia, e ela conseguiu transformar em imagem aquilo que estávamos pensando. Posteriormente, a *designer* instrucional Vanessa Reis trabalhou a imagem criada pela ilustradora e criou o *banner* utilizado durante vários momentos do projeto. A seguir, apresentamos essas criações:

Figura 14 - Identidade visual



Fonte: acervo próprio, 2019.

Figura 15 - Banner do projeto



Fonte: acervo próprio, 2019.

Na **Figura 14**, estão símbolos cruciais dos contos de fadas escolhidos para inspirar as *fanfics* saindo da tela de um *Smartphone*, recurso disponível a quase todos os envolvidos na intervenção. Na **figura 15**, temos o *banner* de divulgação, com um texto multimodal que alia imagens e palavras para convidar e informar o público sobre a realização da proposta. Após o processo de divulgação, iniciamos a execução que aconteceu em nove etapas elaboradas tendo como base o conceito de educação híbrida de Moran (2015), e por isso mesclaram momentos

presenciais e virtuais, através da interação com os estudantes em um grupo de *WhatsApp*. A seguir detalhamos as Etapas aplicadas.

3.1 ETAPA I – Afinal, por que *fanfic*?

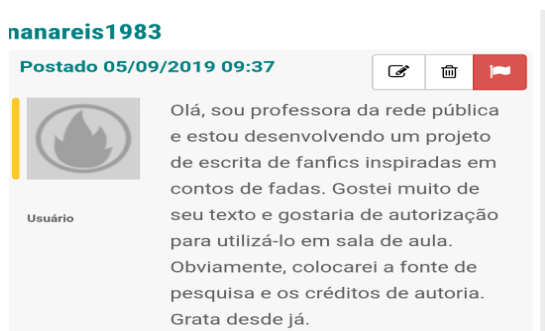
A divulgação da proposta de intervenção já havia ocorrido através da apresentação da marca em panfletos espalhados pela escola, como também nas redes *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*. Os estudantes, convidados a participar, tinham noção superficial do que aconteceria e, por isso, se mostravam bastante instigados.

Na manhã de aplicação da **Etapa I**, olhos curiosos me aguardavam, porém, eu já havia decidido adotar como estratégia o “elemento surpresa” para garantir a frequência deles nas etapas seguintes. Essa ideia de promover atividades pedagógicas com um certo ar de publicidade foi claramente influenciada pela leitura do texto “Pode me dar um autógrafo? O adolescente e a materialização da escrita” (NASCIMENTO NETO, 2012), em que o autor relata a experiência de incentivar, no cotidiano escolar, a leitura e a produção escrita de estudantes da educação básica. Dessa forma, revelei apenas o necessário e o que faríamos naquele momento.

Iniciei apresentando, com o auxílio de *slides*, o conceito de *fanfic* e informações sobre sua origem e características, esse material foi construído com base na definição de Jamison (2017) e Bertoni (2019). Embora muitos estudantes soubessem o que é *fanfic*, muitos não tinham ideia de que ela era uma estrutura textual mais velha do que eles. Prossegui passando informações sobre direitos autorais e boa convivência *online*.

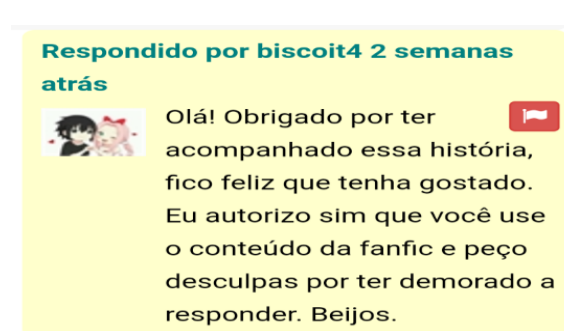
Depois distribuí para eles o capítulo 1 “O bosque” (cf **ANEXO - A**), da *fanfic* “A garota da capa vermelha”, escrita pelo usuário biscoit4 na rede *Spirit fanfics*. E para tanto solicitei autorização do autor, conforme a seguir:

Figura 16 - Pedido de autorização



Fonte: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/a-garota-da-capa-vermelha-17049944/capitulo1>

Figura 17- Autorização para uso da *fanfic*



Fonte: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/a-garota-da-capa-vermelha-17049944/capitulo1>

Cabe ressaltar que na rede o texto está classificado como recomendado para maiores de 18 anos, essa estratégia é usada por muitos escritores *online* para não sofrer censura, no entanto, após leitura, verifiquei que ele era adequado ao meu público. O final da narrativa foi propositalmente suprimido da cópia entregue aos alunos. Fizemos a leitura em voz alta do texto, e ao chegar no “ápice” os estudantes perceberam que faltava o final. Nesse momento solicitei que eles formassem seis grupos, e, construísem coletivamente o final que julgassem adequado. Adotamos nessa e nas outras etapas da proposta os princípios de escrita colaborativa definidos por Azzari e Custódio (2013), pois acreditamos que a partilha e troca de informações contribuem para a construção de um produto final mais consistente.

Em seguida, organizamos a sala em círculo, e os estudantes fizeram a partilha oral dos finais criados. Os comentários foram intensos e os finais produzidos muito criativos e até inesperados, dentre eles, destaco a fala do **aluno IS**, pois creio que a ideia apresentada por ele, mais tarde, foi adaptada por outro grupo na criação da *fanfic*:

Aluno IS: “Pró, hoje eu saí atrasado e não tomei café, então eu só consigo pensar em comer... Pois, se eu fosse a Chapeuzinho, eu olharia pro lobo mau e enxergaria não um lobo, mas um bifão suculento... Esse é o meu final, a Chapeuzinho estava com tanta fome, igual a mim, que comeu o lobo!”

Para finalizar, peguei os contatos dos alunos para incluí-los no grupo de *WhatsApp*, solicitei que eles verificassem o aparelho celular em casa. Compartilhei com eles o *link* que direcionava para a leitura da *fanfic* criada pelo *fictor* Biscoit4 completa, e solicitei que fizessem a leitura para descobrir o verdadeiro final da história e depois comentassem no grupo. Alguns demonstraram surpresa com o desfecho e se agradaram dele, outros, descontentamento, afirmaram preferir o final criado por eles mesmos. Também disponibilizei pelo *app* o arquivo com os *slides* usados durante a aula.

3.2 ETAPA II – Narrar é preciso!

Ao adentrar a sala, cada estudante recebeu um cartão com uma palavra relacionada ao universo dos contos de fadas. Logo, analisaram os cartões uns dos outros e perceberam que as palavras eram diferentes, começaram, então, a levantar hipóteses sobre qual seria a funcionalidade daquele cartão.

Rompi com a aura de mistério explicando a atividade, eu possuía, dentro de uma caixa, as mesmas palavras que havia entregue a eles, o propósito era produzir uma narrativa oral e

coletiva baseada na palavra que cada um recebeu; então sorteei as palavras uma a uma, e o estudante, que tivesse em mãos o termo sorteado, deveria ir narrando uma história inspirado nela até que eu pedisse que parasse e sortearse uma outra palavra. Vale ressaltar que essa atividade foi baseada numa vivência realizada na disciplina Literatura Infanto-juvenil ministrada pela Prof.^a Priscila Fiorindo.

Alguns alunos se queixaram de que a tarefa seria muito difícil, outros se mostraram animados. Ao terminá-la pedi que voluntários falassem como se sentiram participando daquela contação de história, transcrevo, a seguir, alguns desses comentários:

Aluno J: Achei sem pé nem cabeça no começo, mas até que me diverti.

Aluna JA: O difícil é ver a história tomando um rumo diferente do que eu tinha imaginado...

Aluno AY: Sim, as vezes o colega consegue pensar algo mais interessante do que o que a gente queria.

Após a vivência, deixei clara a minha satisfação com a criatividade e disponibilidade deles. Observei que eles tinham realizado, conforme Reis (2018), uma narrativa oral, e mobilizado, ainda que inconscientemente, muitos recursos que vão desde conhecimento de mundo, até mesmo às expressões corporais e faciais, bem como as diferentes entonações de voz, para emitir uma mensagem.

Fizemos um intervalo para o lanche e no retorno apresentei o conceito de narrativa conforme Fiorindo (2009) e os elementos de uma narrativa na concepção de Prestes (2000). Dividimos a turma em grupos e buscamos os elementos da narrativa na *fanfic* lida na **Etapa I**. Esclareci também que apesar de a narrativa não ser muito focada no ensino médio, por ser considerada um tipo textual mais simples, ela é a base para toda boa escrita, pois quem “conta” histórias tem maiores chances de redigir bem outros tipos de texto. Assim, convidei-os para adentrar no universo da escrita através da narrativa de fã.

Encerramos as atividades do dia e no grupo de *WhatsApp* compartilhei os slides usados na aula, e me coloquei à disposição para debate e retirada de dúvidas; alguns estudantes me buscaram para tentar compreender melhor as etapas de uma narração, orientei-os e, principalmente, deixei claro que, no processo de escrita, todos aqueles elementos apareceriam sem que, muitas vezes, eles nem se dessem conta. Também dei *spoilers* sobre a atividade da etapa seguinte que seria uma sessão do filme *Branca de Neve e o Caçador* (SANDERS, 2012).

3.3 ETAPA III – Cine *fanfic*

O dia da aplicação dessa etapa foi um pouco complicado, a escola estava sediando uma grande feira de ciências, realizada por estudantes do 2º e 3º ano regulares. Embora o grupo com o qual eu estava trabalhando fosse do Ensino Técnico Profissionalizante, havia a expectativa para que todos os estudantes das outras turmas visitassem os *stands*. Argumentei que precisava realizar a atividade para não ter atrasos no meu cronograma e fui autorizada a fazer a atividade na parte anexa da escola.

Dificuldade superada, organizei o laboratório de ciências para a sessão de cinema, montei projetor, levei lanche e recepcionei os alunos. Quando já estavam todos acomodados em seus lugares, pedi que assistissem ao filme com atenção para que pudessem perceber os elementos que foram modificados em relação à história original. Admito que tive um pouco de medo de trabalhar contos de fadas com alunos do ensino médio. Tive receio, principalmente, de que os estudantes considerassem o tema infantilizado e não quisessem produzir os textos.

No entanto, ao observá-los assistindo àquele filme, todos os meus receios foram afastados, de fato, o universo das fadas encanta a todos, independentemente da faixa etária. Na **Figura 18**, temos o momento que consegui captar quando todos abandonaram os celulares, alguns alunos desse grupo são constantemente advertidos por usarem o celular para jogar durante as aulas, vê-los de mãos livres e prestando atenção foi muito gratificante. Já na **Figura 19**, apresentamos um dos alunos segurando o cesto, elemento simbólico de muitos contos de fadas, que nos acompanhou durante várias etapas da intervenção. Nessa ocasião, ele foi usado para comportar os lanches distribuídos ao final da exibição do filme.

Figura 18 - Alunos concentrados assistindo ao filme



Fonte: acervo próprio, 2019.

Figura 19 – Distribuição do lanche



Fonte: acervo próprio, 2019.

Após o lanche, debatemos informalmente o filme; em seguida, pedi que formassem grupos e solicitei que preenchessem o roteiro de leitura (cf **APÊNDICE B**). As respostas dadas pelos grupos estão transcritas na tabela a seguir:

Tabela 1 - Comparativo das respostas dos grupos na ficha de leitura do filme

PERGUNTAS		
	Que características da história contada no filme também estão presentes nas versões populares de <i>Branca de Neve e os Sete Anões</i> ?	Que características da história contada no filme divergem das versões populares do conto <i>Branca de Neve e os Sete Anões</i> ?
G1	A personalidade dos anões, a maçã envenenada e o sono eterno.	Anões assassinos, a Branca de Neve mais empoderada e agressiva, um anão morre, quem desperta a Branca de Neve é o caçador, a bruxa Ravena possui um irmão “cabelo de cuia”
G2	Que ela encontra os sete anões e é envenenada. A beleza e o coração duro da rainha malvadeza.	O caçador enviado pela rainha para arrancar o coração de Branca de Neve acabou se tornando seu protetor, ajudando ela a lutar contra a rainha e retomar o reino.
G3	A rainha má morre de inveja da beleza de Branca de Neve e tenta matá-la, mas não consegue.	Branca de Neve foi presa em um lugar totalmente fechado desde criança, e só conseguiu sair dali fugindo e entrando em uma floresta negra. No final, é o beijo do caçador que desperta Branca de Neve.

Fonte: acervo próprio, 2019

Conforme verificamos, na **Tabela 1**, as perguntas que nortearam o roteiro de leitura foram bastante objetivas e não muito criativas; tal conduta foi proposital, pois é justamente com esses tipos de questões que os estudantes se deparam, muitas vezes, no cotidiano escolar. Tomando por base o que é defendido por Rogers (1997), as três condições para que a criatividade fosse despertada no indivíduo não foram priorizadas na elaboração dessa atividade.

Assim, evidenciamos, com a realização dessa experiência, que atividades desse tipo não são adequadas quando se objetiva despertar o gosto dos estudantes pela escrita, pois esse tipo de questionamento culmina por desmotivar e limitar a criatividade deles. Nas respostas dadas por todos os grupos ficou claro que eles buscaram cumprir a atividade com correção, mas não se aprofundaram nas respostas da forma que fizeram durante o debate.

3.4 ETAPA IV – O peso do cristal

Na construção dessa etapa, destacamos a influência exercida pela leitura da obra *Carinho se aprende* (WENDELL, 2016), pois foi nesse ponto que tive maior noção da importância de que o professor coloque boas energias e cuidado na produção de seu material pedagógico. Mais que isso, os estudantes percebem esses detalhes. E foi com muito carinho que separei todo o material, montei painel de isopor e tecido, do jeito que fazia quando era aluna do magistério.

Iniciamos a manhã vendo um trecho da animação *Cinderella III* (NISSEN, 2007); nele, a cena clássica do emissário do príncipe, que vai de casa em casa testar o sapato de cristal nas donzelas do reino, é incrementada pelo fato de que a madrasta faz um feitiço para que *Anastasia*, uma de suas filhas, consiga encaixar seu enorme pé no desejado calçado. Ao conseguir calçar o sapato, a vilã fica exultante de alegria e sai gritando, em inglês *it fits* (ele serve). A cena revela, mais do que a satisfação pela possibilidade de casamento com um príncipe, evidencia também o alívio de poder se encaixar num padrão de estética. A seguir, temos imagens desse momento:

Figura 20- *Anastasia* e o sapato de cristal



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=c7031WUioVM>

Figura 21- *Anastasia* consegue calçar o sapato de cristal



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=c7031WUioVM>

Na **Figura 20**, está um *print* do vídeo em que a vilã se mostra preocupada ao verificar o tamanho do sapato e de seu pé. Já na **Figura 21**, apresentamos um *print* de quando o feitiço foi feito e a vilã é surpreendida ao perceber seu enorme pé dentro do calçado de cristal. O trecho do vídeo, apesar de ter sido exibido com áudio em inglês, e sem legenda, foi perfeitamente compreendido pelos estudantes, fato que deixa claro que a leitura e a comunicação de um texto, muitas vezes, vão além do idioma.

O forte humor presente na cena fez com que a frase *it fits* virasse uma espécie de bordão entre os estudantes. No entanto, o objetivo com exibição do vídeo ia além de causar descontração, visava também reflexão. Assim, questões como: “Vale qualquer coisa para se encaixar no padrão de beleza? ”; “Os padrões de beleza são justos com as mulheres? ”; “Podemos considerar o perfil de submissão de Cinderela e outras princesas de contos de fadas como modelo de comportamento feminino? ”, foram lançadas ao grupo. A seguir, temos algumas das respostas:

Aluna MV: Nós mulheres não precisamos de homem para ser felizes, nós precisamos ser independentes em tudo.

Aluno VC: O que a mulher usa ou veste não é da conta de ninguém, pois a era em que a mulher era controlada já se foi há muito tempo. O que uma mulher veste não interfere no seu caráter, muito menos dá ao homem o direito de praticar assédio. Até porque assédio é crime e deve ser denunciado.

Aluna DM: Independente de qualquer coisa, todas as mulheres são lindas, elas não têm que se importar com os que os outros falam, devem levantar a cabeça e sair pela rua se achando a mulher maravilhosa!

Aluno AL: Eu acho que as princesas dos contos de fadas não representam a beleza das mulheres brasileiras, aqui nós temos cor, mas isso não quer dizer que uma seja melhor do que a outra, são apenas diferentes.

As falas transcritas expressam mais do que a opinião dos estudantes, mas as “vozes” que influenciam os discursos deles, ou seja, expressam o dialogismo descrito por Bakhtin (1988). Assim, podem ser percebidas nessas falas, a presença do ideário feminista de luta e defesa dos direitos das mulheres. Há, também, o discurso que se liga aos movimentos de defesa da diversidade, e os que militam contra a chamada pressão estética. Na perspectiva de Jung (2019), esses modelos de opinião apresentados nas falas dos estudantes são os arquétipos. Além disso, ao emitirem suas opiniões eles, muitas vezes, não se dão conta de estarem se apoiando nesses arquétipos, pois, acessam esse conhecimento através do inconsciente coletivo, também descrito por Jung (2019).

Após o debate, apresentei aos alunos o painel “O peso do cristal”, pedi que formassem seis grupos e cada um pegasse, aleatoriamente, um daqueles moldes de sapatinho. Eram seis moldes, logo, seis equipes, atrás de cada um deles havia uma frase machista que permeia o universo feminino, conforme podemos verificar a seguir:

Figura 22 - Paineil “ O peso do cristal”



Fonte: acervo próprio, 2019.

Tabela 2 - Frases machistas

O MACHISMO EM FRASES	
1	“Toda mulher precisa de um “príncipe” para lhe salvar! ”.
2	“Levanta a cabeça princesa senão a coroa cai! ”.
3	“Que me perdoem as feias, mas beleza é fundamental”.
4	“Por trás de todo grande homem existe uma mulher! ”.
5	“Para ficar bonita mulher, tem que sofrer! ”.
6	“Vestido curto demais, está pedindo...”.

Fonte: acervo próprio, 2019.

O **Aluno AU**, mais atento observou que no título do painel, conforme pode ser verificado na **Figura 22**, as palavras estavam espremidas e associou aos sacrifícios que as mulheres precisam fazer para “ficar bonitas”. Cada grupo recebeu a tarefa de discutir a frase machista, como pode ser constatado na **Tabela 2**, sorteada e produzir um *memes* sobre ela. A seguir podemos ver esses *memes*:

Figura 23 - Mosaico de *memes* sobre frases machistas



Fonte: acervo próprio, 2019.

Os estudantes usaram os próprios celulares para a montagem do texto multimodal, a maioria deles possui instalado no aparelho *app* para a produção desse gênero digital. Posteriormente, no grupo de *WhatsApp*, eles compartilharam e comentaram os *memes*, adverti alguns sobre o teor de violência e preconceito presente em alguns desses textos, conforme pode ser verificado na **Figura 23**, deixando claro que é possível ser engraçado e “descolado” sem incorrer nesses erros.

Todavia, vale a pena deixar registrado o empenho dos estudantes em desenvolverem, enquanto atividade escolar, algo que eles consideram diversão e faz parte do cotidiano deles: a produção de *memes*. Além disso, o surgimento de problemas com os textos produzidos, no que se refere a teor violento e preconceituoso, desnudam a necessidade de colocar no “chão” da escola essas discussões para oferecer orientações adequadas e, conforme Rojo (2013), alinhar a prática docente às necessidades socioculturais dos estudantes imersos no universo digital.

3.5 ETAPA V – Oficina de maquiagem artística

Essa etapa foi pensada para encerrar o ciclo de discussão e mobilização sobre o tema, a partir do conhecimento de mundo dos estudantes sobre o universo dos três contos de fadas selecionados, que foi iniciado na **ETAPA I**. Como o objetivo final foi a produção de *fanfics*, era necessário, antes de tudo, garantir que os estudantes se reconhecessem enquanto fãs dessas narrativas.

Assim, concebemos uma atividade que permitiu aos alunos a expressão, através da arte da maquiagem, da versão deles para seis dos personagens mais simbólicos dos contos de fadas: o *Príncipe Encantado*; o *Lobo*; a *Branca de Neve*; a *Rainha Má*; *Cinderela* e *Chapeuzinho vermelho*. Por conta de todas essas interações, essa etapa foi mais longa, dividida em dois dias. O primeiro, no dia anterior a oficina, Vanessa Reis, colaboradora que realizou essa intervenção comigo, pediu que distribuísse aos alunos o *facechart*¹⁷ para que os grupos colocassem no papel uma projeção de imagem do que gostariam de maquiar no dia seguinte, conforme as imagens a seguir:

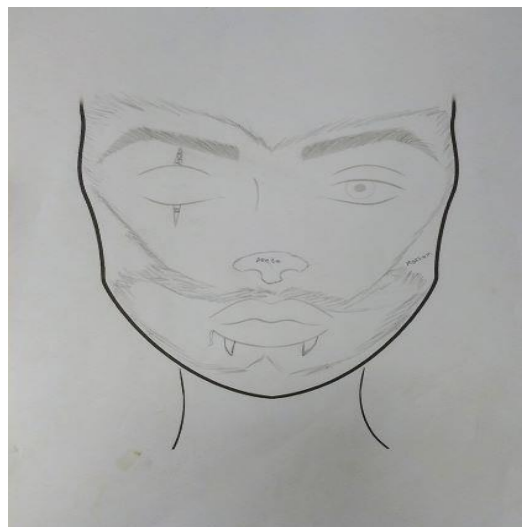
¹⁷ Projeção gráfica de um rosto impresso em papel que objetiva ajudar maquiadores a planejarem diferentes tipos de modelagem. Disponível em: <https://www.catharinehill.com.br/blog/catharine-hill/o-que-e-face-chart/>

Figura 24 - Cartaz de divulgação da oficina



Fonte: acervo próprio, 2019.

Figura 25 - Facechart da maquiagem de lobo



Fonte: acervo próprio, 2019.

Na **Figura 24**, apresentamos o cartaz de divulgação da oficina realizada no dia 27 de setembro, já na **Figura 25**, está o *facechart* da projeção da maquiagem do lobo feita por um dos grupos. No dia seguinte, após a realização das projeções de maquiagem, realizamos a tão aguardada oficina de maquiagem artística, no laboratório de ciências da escola, por ser climatizado e proporcionar um maior conforto. Antes de ensinar como maquiar, a maquiadora apresentou os principais produtos e deu dicas de segurança e higiene. Em seguida, usando uma aluna como modelo, ela demonstrou algumas técnicas. Nas imagens a seguir temos registros desse momento:

Figura 26 - Alunos atentos às explicações



Fonte: acervo próprio, 2019.

Figura 27- Demonstração de técnicas



Fonte: acervo próprio, 2019.

Após a demonstração, os grupos se organizaram e colocaram em prática seus projetos de maquiagem. É incrível como pensamentos machistas aparecem em nossa mente, por mais que resistamos, devido a isso, admito que tive receio de que os meninos, metade do grupo, não se interessassem por fazer maquiagem. No entanto, fui gratamente surpreendida e eles não só participaram como aplicaram as técnicas com muito cuidado e atenção. As meninas também se interessaram muito em participar, porém, nas maquiagens criadas por ela havia uma maior preocupação com a beleza, já as dos meninos tinham um maior compromisso com o fantástico. Podemos constatar no mosaico de imagens a seguir:

Figura 28 - Mosaico de imagens da oficina de maquiagem artística



Fonte: acervo próprio, 2019.

Conforme pode ser visto na **Figura 28**, o processo de recriação das personagens de contos de fadas, através de técnicas de maquiagem artística foi um sucesso, toda a turma se envolveu e contribuiu, seja maquiando ou servindo como modelo. Ao fim, além das maquiagens dos seis personagens recriados, para melhor caracterização deles, contamos também com fantasias, confeccionadas por mim, minha mãe e Tia Cleuza, uma costureira muito amiga nossa.

O resultado saiu melhor que o esperado, todos nós envolvidos na oficina aquela tarde nem percebemos o tempo correr, já passavam das 17:30 e os alunos não queriam ir embora. Diferente do que ocorreu na **Etapa III**, nessa etapa as condições para que a criatividade fosse despertada no indivíduo, definidas por Rogers (1997), foram plenamente atendidas.

Além disso, também ficou evidenciada a importância da arte e da ludicidade para incentivar a livre expressão de ideias no ambiente escolar. Pois, os estudantes conseguiram expressar em forma de maquiagem seus sentimentos e impressões acerca daqueles personagens de contos de fadas. Isso, sem dúvidas, contribuiu para que nas etapas seguintes eles conseguissem transformar isso em palavras no momento em que redigiram as *fanfics*.

Infelizmente, a encenação planejada para esse momento não pôde ser feita por conta do tempo, mas um desfile muito animado, de personagens recriados aconteceu no corredor da escola chamando a atenção dos transeuntes. No grupo de *WhatsApp*, partilhamos as imagens registradas durante a oficina e comentamos a alegria de ter participado dessa interação.

3.6 ETAPA VI – Leitura doce

Nós já estávamos há cinco etapas trabalhando prioritariamente com o conhecimento prévio e de mundo dos participantes em relação aos contos de fadas. Era chegado o momento de conhecer as fontes para fundamentar melhor o trabalho que seria realizado. Por isso, os estudantes precisavam conhecer as versões de *Chapeuzinho Vermelho* e *Cinderela* registrados por Perrault (2016) e Grimm (2018), bem como o registro de *Branca de Neve e o Sete Anões* feito por Grimm (2018) e Nascimento (2010).

Para fazer isso possível, bem como para tornar o momento que precede a leitura algo prazeroso, adaptei a estratégia *Leitura doce* recriada e apresentada por mim, durante um trabalho sobre estratégias de leitura, da disciplina Literatura Infanto-juvenil, ministrada pela Prof.^a Priscila Fiorindo. Colocar em prática o que foi desenvolvido durante as aulas do PROFLETRAS foi muito gratificante. Reaproveitei até o tecido e as letras em EVA utilizados na ocasião anterior.

Desse modo, recepcionei os alunos entregando-lhes, aleatoriamente, fichas numeradas de 1 a 20. Depois solicitei que aquele que portasse o número 1 viesse até o cartaz e pegasse um envelope. Cada envelope possuía por fora um bombom de chocolate e por dentro uma mensagem que precisava ser lida em voz alta. As mensagens (cf. **ANEXO A**), eram trechos das músicas *Pop zen*, *Lampirônicos* (2001), *Mantra*, Nando Reis (2004) e *O sal da terra*, Beto Guedes (1981). Além dos trechos das músicas, havia também um comando a ser executado pelo leitor, que basicamente teria que fazer alguma gentileza para com o próximo leitor, e doar o seu bombom a ele. É possível verificar parte dessa interação nas imagens a seguir:

Figura 29 - Orientação para realização da atividade



Fonte: acervo próprio, 2019.

Figura 30 - Doação e interação dos participantes



Fonte: acervo próprio, 2019.

Após o momento de leitura, partilha e interação conforme a **Figura 29** e a **Figura 30**, o aluno que pegou o último envelope teve a missão de fazer a leitura do trecho, doar o bombom ao participante de número 1 e procurar, juntamente com ele, um presente para todo o grupo escondido na sala. Esse presente era uma caixa, com seis coletâneas (cf. **ANEXO D**), duas de cada conto, montada e reproduzida em material gráfico especialmente para o grupo. Para ilustrar esse momento, temos as imagens que seguem:

Figura 31- Aluno que encontrou a caixa surpresa

Fonte: acervo próprio, 2019.

Figura 32 - O conteúdo da caixa

Fonte: acervo próprio, 2019.

Para organizar a leitura das coletâneas de contos apresentadas na **Figura 32**, havia na tampa interna da caixa, ilustrada na **Figura 31**, um comando para que os estudantes formassem seis equipes que seriam definitivas a partir daquele momento até que estivesse finalizada a confecção da *fanfic*. Com o grupo formado, eles deveriam se dirigir a mim e sortear um “passaporte de leitura” para uma das obras.

Cabe ainda ressaltar que, ao final de cada coletânea existiam folhas em branco para os grupos, após a leitura, registrarem manualmente a primeira versão de suas *fanfics*. Essa estratégia foi a solução encontrada para driblar a impossibilidade de uso do laboratório de informática da escola, uma vez que, os computadores estavam em sua maioria quebrados, e embora a escola possua 26 *chromebooks* novos, são equipamentos que só funcionam conectados à *internet*, e até o momento da aplicação da atividade a escola ainda não possuía uma conexão rápida e estável.

O importante é que a solução analógica não tirou dos estudantes o desejo de produzir a *fanfic*; ao contrário, com um material impresso desenvolvido exclusivamente para uso deles e no qual eles poderiam registrar a mão, a primeira publicação de um texto coletivo, eles nem se lembraram que os computadores da escola não funcionavam.

Após essa etapa presencial que durou 3 horas aula, os estudantes tiveram em seus grupos, cerca de 5 horas aula, monitorados a distância e pelo *WhatsApp*. Eles podiam me procurar presencialmente na escola para retirada de dúvidas, de forma privada através do *app*, bem como partilhar experiências, dúvidas e dicas no grupo virtual.

Nesse momento, percebi que estava conseguindo cumprir um de meus propósitos quando comecei a escrever o projeto e levei a ideia para a orientadora, pois, os meus alunos estavam fazendo um uso consciente e produtivo dos *smartphones*. Conseguir levar aprendizado para locais inesperados e extramuros da escola é muito recompensador.

3.7 ETAPA VII – Produções colaborativas

Iniciamos a Etapa com a atividade Tribo das Cores (WENDELL, 2016). A realização dessa dinâmica foi pensada para esse momento da intervenção porque é muito comum no convívio de adolescentes haver desentendimentos e “ruídos” na comunicação, principalmente quando eles realizam trabalhos em grupo. Uns pensam ter feito mais que os outros, ou que algum colega não se esforçou o suficiente, e isso pode gerar exclusão de membros do grupo e até mesmo desistência e não apresentação do trabalho final.

Assim, usamos aquele momento para reforçar os laços de afeto entre a turma, fortalecendo-os para que chegassem ao objetivo da produção das *fanfics*. Após a vivência, orientei que os grupos trocassem de coletâneas entre si fizessem a leitura dos textos criados pelos colegas. Depois da leitura, formamos um círculo e debatemos respeitosamente os textos de todos, enaltecendo os pontos fortes, e dando dicas para melhorar as partes que ainda não estavam boas.

Por fim, nos despedimos, e cada grupo ficou com a incumbência de revisar sua *fanfic* e enviá-la para mim via e-mail, para que eu pudesse avaliá-las e ajustar quaisquer desvios ortográficos que ainda existissem, o que, felizmente, foi cumprido por todos os grupos, de modo que recebi, seis *fanfics*, duas para cada conto trabalhado. Cabe ainda ressaltar que com o trabalho finalizado, os grupos trocaram de coletâneas entre si para que pudessem conhecer os textos fonte dos contos das outras equipes.

As duas primeiras *fanfics* são inspiradas no conto *Branca de Neve e Sete Anões*, nas versões dos Grimm (2018) e Nascimento (2010), apesar de possuírem o mesmo textos-base, se constituem em narrativas completamente diferentes. As reproduzo a seguir:

Fanfic 1- BRANCA DE NEVE: O COMEÇO DE TUDO

Meus caros amigos, vocês já devem ter ouvido muitas vezes a história da jovem atraída por uma madrasta invejosa de sua beleza. Por causa disso, a megera tentou contra a sua vida diversas vezes. Primeiro pediu seu coração ao caçador, mas ele não teve coragem, então a malvada resolveu ela mesma fazer o serviço.

Como feiticeira que era, tentou, de início, sufocar a donzela, dando-lhe um cinto encantado que apertou e afinou ainda mais sua cintura, de nada adiantou. Então resolveu oferecer à menina um pente envenenado para enfeitar seus negros cabelos. Também não deu certo.

Por fim, se fazendo passar por idosa, finalmente conseguiu tirar a vida de Branca através de uma maçã envenenada. Porém, a força do amor de um príncipe e um beijo salvador trouxeram de volta à vida a bela Branca de Neve. O final, certamente, todos vocês já sabem, Branca se casou, se tornou princesa, foi viver num palácio, feliz para sempre....

Todavia, o que talvez muitos não saibam é que essa trama de inveja e maldade teve início bem antes....

Pois, é essa história presenciada pelos olhos da pessoa que vos fala, que será contada!

Era uma vez, um rei, uma rainha e uma invejosa. O reino deles até que era feliz. Porém, ninguém desconfiava que o fim daquela felicidade toda se daria no dia em que a rainha anunciou sua gravidez.

A maioria dos súditos ficou exultante, mas havia entre eles uma invejosa disfarçada de amiga. Ela acompanhava a rainha desde a infância. Talvez um dia tenham até sido um pouco amigas, sentimento que acabou quando o rei não desposou a invejosa. A partir daquele momento toda a sua existência teve como objetivo ocupar o lugar da “amiga” ao lado do rei.

Há já um bom tempo a invejosa era envolvida com feitiçaria. Treinava incessantemente seus feitiços esperando o melhor momento de coloca-los em prática. Com a notícia da gravidez da rainha finalmente era chegado o momento.

Fingindo se importar com a saúde da amiga, todos os dias a invejosa lhe oferecia uma maçã, vistosa e bem vermelha, porém temperada com a essência do mal...

Dia após dia, a saúde da rainha ficava pior, nos últimos meses a pobrezinha já sentia mesmo a presença da morte, porém resistia, havia de ver, nem que fosse por instantes, os olhos de sua criancinha.

O bebê nasceu, era uma linda menina, de pele alva e cabelos negros como a noite, a rainha ficou feliz em contemplar tanta beleza numa criaturinha pequenina. Porém, ela estava tão fraca, que nem podia se ocupar dos cuidados com sua filhinha.

Uma manhã de tempestade, em que os trovões e relâmpagos cortavam o céu, o corpo da rainha foi encontrado em seu leito, já sem vida, em suas mãos uma bela e vistosa maçã vermelha maculada por apenas uma mordida, tão vermelha quanto o sangue que da boca da rainha escorria...

Como a história continua, meus caros amigos? Todos nós já sabemos!

(Álefe Lima, Alessandro Nascimento e Anderson Silva)

Na **Fanfic 1**, temos um exemplo de *canon*, pois os autores mantiveram a história original de Branca de Neve, porém resolveram recontar uma parte da narrativa que é pouco explorada nos textos-base, a morte da mãe da princesa. Embora o narrador não seja diretamente um personagem da história, há também um pouco de *autoinserção*, uma vez que ele conversa, interage com o leitor e deixa claro ser uma testemunha ocular dos fatos narrados. Esses dados se focados na perspectiva de Sant’Anna (1991) caracterizam o conto como estilização. Já se analisarmos o texto à luz do que diz Reis (2018) temos um narrador homodiegético e o centro da narrativa é predominantemente actorial.

Fanfic 2- DANDARA DAS NEVES E OS SETE HOMENS

Certa vez, em uma cidadezinha pequena, havia um casal feliz que desejava muito ter uma filha. A mulher fechava os olhos e sonhava quão bom seria se do seu ventre brotasse uma criança, com a marca dos seus ancestrais que viviam na África. Eles esperaram muito, já estavam quase desistindo, até que em um belo dia foram presenteados com uma linda menininha de tez escura e crespos cachos. Infelizmente, a chegada da criança custou a vida de sua mãe. A pequena era tão bela, e para homenagear a esposa de Zumbi seu pai a chamou de Dandara. O homem até que se conformou com a perda da esposa, e amou a criança incondicionalmente, mas sua cunhada não entendia a morte da irmã. A tia de Dandara não compreendia como sua irmã podia ter posto no mundo uma criança tão linda, ao mesmo tempo em que perdia a vida. Ela também não aceitava a cor da pele e o cabelo de Dandara, pois todas as mulheres de sua família já não tinham mais aquela tonalidade de pele, a maioria já era praticamente branca, inclusive sua irmã. Aquela só podia ser uma criatura amaldiçoada.

Ao longo dos anos, Dandara ia se desenvolvendo e se tornando cada vez mais negra e bela. Isso só trazia desgosto, raiva e até inveja. A menina também sofria muito preconceito por parte de sua tia que a chamava de negrinha e criticava seu cabelo.

A mulher estava tão transfigurada por aqueles sentimentos negativos que pouco a pouco a beleza de outrora era substituída pela face do mal... Agora, para aquela criatura insana, Dandara era culpada não só pela perda de sua amada irmã, mas também roubava pouco a pouco a beleza e vitalidade dela. Algo precisava ser feito, ela tinha que se vingar. Então, começou a elaborar um plano maléfico.

Certo dia, a tia de Dandara resolveu colocar seu plano em ação. Começou pelo seu cunhado, pai da menina, porque ela também já o culpava da morte de sua irmã. Então, no meio da madrugada, ela se levantou, foi até o quarto dele e o sufocou com um travesseiro. No dia seguinte, ao encontrarem o corpo, acreditaram que a morte tinha sido de causa natural, já que após a perda da esposa, o homem nunca se recuperou.

Entretanto, naquela madrugada, Dandara percebeu os passos de sua tia, ouviu ainda risos e resmungos que prometiam:

- Dandara será a próxima.

No momento nada daquilo fez sentido para a garota, mas agora, diante da morte de seu pai, ela podia compreender tudo com clareza. Era preciso fugir...

Assim, após o sepultamento de seu pai, Dandara juntou suas coisas e foi embora. A garota correu pela floresta e vagou sem rumo por quase dois dias. Ela estava desalentada, até que encontrou uma casinha simples, bem ali no meio da floresta.

Dandara entrou na casa, e para sua sorte havia uma mesa posta com pão e café, ela se alimentou, e andando pela casa encontrou um quarto com três beliches e uma cama, resolveu se deitar na cama para descansar um pouco, aqueles dias tinham sido muito difíceis...

Ao chegarem na casa os sete homens que trabalhavam na mina encontraram Dandara dormindo e se encantaram com a beleza da garota. Certamente era de origem nobre, descendente de alguma rainha africana. Quando acordou e percebeu os sete homens a sua volta Dandara se assustou:

- Perdão, senhores! Eu não sabia que a casa tinha dono. Já estou de saída.

Um dos homens respondeu de maneira bondosa

- Acalme seu coração, menina! Nós somos honrados e protegemos os nossos. Se você está aqui existe razão para isso, cuidaremos de você.

Dandara então se acalmou e contou para os sete homens a sua história. Eles se emocionaram e perceberam que tanto eles quanto a menina possuíam a mesma raiz ancestral. Prometeram proteção e ofereceram a casa para que ela ficasse o tempo que quisesse. Apenas alertaram para o fato de que durante o dia ficavam

fora trabalhando, por isso a garota deveria se cuidar, não expor muito sua figura, nem abrir a porta para pessoas estranhas. Certamente sua tia estaria a sua procura para colocar em prática o final de seu plano.

Nos primeiros dias, Dandara seguiu rigidamente os conselhos, mas com o passar do tempo começou a ficar entediada, afinal possuía dentro de si o espírito da liberdade.

- Um passeio para pegar um sol não faria mal, é só não ir muito longe. – falou sozinha a menina.

E foi exatamente nesse passeio que Dandara encontrou uma velha camponesa com uma cesta de frutas. A senhora lhe sorriu e perguntou se a menina se a menina queria comprar. Não vendo maldade, Dandara comprou, com algumas moedinhas que possuía, uma fruta para si e outras para presentear seus sete protetores.

Voltou para casa feliz sem saber, que na verdade, a camponesa, era sua tia disfarçada; e todas aquelas frutas, estavam com um encantamento para adoecê-la até a morte; durante os últimos anos, a megera tinha afundado em obscuridade e aprendido a fazer feitiços mortais e perigosos.

Em casa, Dandara colocou as frutas em uma cesta em cima da mesa, seus olhos miraram uma maçã bem vermelha que parecia reluzir para ela. Não resistindo à fruta tão apetitosa resolveu comê-la.

Na primeira mordida, sentiu a boca formigar e tudo foi se apagando. Caiu... Estaria morta?

Quando chegaram em casa os sete homens encontraram o corpo de Dandara tombado no chão, viram também algo muito estranho: uma maçã apodrecida em sua mão e várias frutas podres no cesto em cima da mesa. Um dos homens que era mais velho, e mais vivido, logo compreendeu que a menina fora envenenada, e a responsável por isso era sua tia.

Reunidos os sete resolveram que aquela morte não seria em vão, algo precisava ser feito. Então os quatro homens mais jovens decidiram ir até a cidadezinha, enquanto os três mais velhos velavam o corpo de Dandara. Quando anoiteceu, os quatro invadiram sorrateiramente a casa, entraram no quarto da tia bruxa e a sufocaram com o travesseiro, da mesma forma que a vilã tinha feito com seu cunhado.

Voltaram os quatro, muito tristes para casa, principalmente por perceberem que a violência cometida não tinha aliviado a dor pela perda da protegida. No entanto, ao chegarem em casa, se surpreenderam a ver Dandara ali de pé, cantarolando e ajudando os três mais velhos na preparação das marmitas para o dia seguinte.

Foi então que eles perceberam que ao sufocarem a tia de Dandara o encantamento foi quebrado, trouxeram a menina de volta a vida e libertaram também a alma aprisionada de sua tia, pois, como souberam depois, o que matou aquela mulher não foi o travesseiro, antes mesmo disso, ela já estava sufocada por todo ódio, rancor, inveja e preconceito que nutrira todos aqueles anos.

Daquele dia em diante, Dandara se sentiu mais forte e livre, embora contasse com a proteção de seus sete amigos, era dona de si, ela quem guiava seu próprio destino em busca de dias melhores.

(Jamile Lopes, Livia Araujo e Milena Barbosa)

Por outro lado, utilizando a classificação de Bertoni (2019), a **Fanfic 2** é um claro exemplo de *crossover*, pois os autores inserem a heroína negra Dandara, como personagem principal da narrativa. Todavia, apesar das trocas de personagens, principalmente no que se refere às características estéticas deles, como também troca de cenário, o enredo central da história de Branca de Neve pode ser claramente percebido por qualquer leitor. Assim, quando

focalizamos a *fanfic* sob a ótica de Sant'Anna (1991), temos uma estilização. Analisando a narrativa na perspectiva de Reis (2018) temos caracterizado o narrador heterodiegético e o centro da narrativa em função do relato é predominantemente actorial. A seguir, são transcritas mais duas fanfics, dessa vez tendo como textos-base o conto *Chapeuzinho Vermelho* nas versões de Perrault (2016) e dos irmãos Grimm (2018):

Fanfic 3- CHAPEUZINHO COLORIDO

Era uma vez, uma menina que todos adoravam, ela era muito gentil e demonstrava amor por todos, não tinha preconceito ou discriminava ninguém por conta de cor, sexualidade ou religião, seu nome era Chapeuzinho Colorido. Um belo dia, a mãe de Chapeuzinho Colorido pediu que ela levasse uma cestinha com bolo e suco para sua avó, pois ela estava adoentada. Como amava muito a sua avó, a menina não hesitou e prontamente se pôs a caminho para fazer a visita.

A menina ia bem distraída, cantando e olhando a paisagem, nem se deu conta de que não estava mais sozinha e contava com a companhia de um lobo que apareceu do nada.

Ao perceber a presença do lobo, Chapeuzinho Colorido se assustou, sua mãe sempre lhe falava sobre os perigosos lobos da floresta. Porém, como era uma boa menina e acreditava na bondade de todos, ela decidiu não julgar o lobo por sua aparência e confiar nele.

O lobo então perguntou:

- Aonde vai com essa cestinha?

Ela respondeu:

- Estou indo visitar minha avozinha que está doente. - Mamãe pediu que eu lhe levasse bolo e suco. O senhor gostaria de me fazer companhia?

O lobo, acostumado a ser afugentado, xingado e maltratado por todos, sentiu seu coração ser inundado por um sentimento estranho. Sim, ele estava com fome, mas como fazer algum mal a tão gentil criatura? E, travando uma guerra interior sobre encher a barriga ou aquecer o coração, o lobo acompanhou a menina.

Estavam os dois já quase chegando a casa da avozinha e o lobo ainda não havia conseguido tomar nenhuma decisão, quando, diante deles, apareceu um ser mágico. De pelos brancos e chifres da cor do arco íris, o Unicórnio da Diversidade quase nunca podia ser visto naquelas bandas. De repente, balançando suas asas, sem dizer nenhuma palavra, ele tocou com seu chifre de arco-íris o peito esquerdo do lobo e desapareceu.

Após ser tocado por aquele ser divino, seu coração se encheu ainda mais daquele sentimento até então desconhecido, e o lobo não teve mais dúvidas; jamais faria mal àquela bela e doce menina; seria seu amigo, a seguiria e protegeria por onde quer que ela fosse.

Continuaram a caminhada e chegaram a casa da avozinha de Chapeuzinho Colorido. A menina bateu na porta:

- Toc, toc, toc.

A avó perguntou:

- Quem é?

-Sou eu, sua netinha Chapeuzinho Colorido.

- Entre, minha netinha!

Chapeuzinho entrou e entregou a cestinha com o bolo e o suco que sua mãe havia mandado.

De repente, ao notar que sua neta estava em companhia de um lobo, a velhinha se assustou, e chamou a menina num canto.

Após conversarem, e Chapeuzinho ter lhe contado tudo que tinha acontecido, inclusive sobre a aparição do Unicórnio da Diversidade, a velhinha, que sabia dos poderes daquele ser mágico, se despreocupou e disse:

- Chapeuzinho Colorido, você é a minha netinha e eu lhe amo. Se o lobo é seu amigo, a minha amizade também ele terá.

Os três se abraçaram e, desde então, ficaram inseparáveis. A vovó, após restabelecer a saúde, até resolveu dar uma festa para celebrar a amizade.

(Ednilson Simões, Ellen Santos, Larine Cardozo e Maria Vanessa Santana)

Observamos, na **Fanfic 3**, uma narrativa que, conforme a classificação de Bertoni (2019), se aproxima do *canon* mas tem um traço de *crossover* quando os autores acrescentam o Unicórnio da Diversidade que não existe na história original, como personagem que leva o vilão da história à redenção. Esses dados se considerados na perspectiva de Sant'Anna (1991), caracterizam o conto como estilização. Conforme Reis (2018), a função do relato é actorial, pois o centro da narrativa são os personagens e o narrador pode ser classificado como heterodiegético, pois não há evidências da participação dele na história.

Fanfic 4- CHAPEUZINHO CHURRASQUEIRA

Era uma vez, uma bela menina muito doce e educada. Com seu jeito meigo, todos no vilarejo admiravam o encanto da menina. Principalmente sua avó que lhe deu de presente um lindo chapeuzinho vermelho. Ela adorou o presente, e o usava quase sempre, por causa disso, passou a ser conhecida por toda a vizinhança como Chapeuzinho Vermelho.

Numa tarde maravilhosa, a mãe de Chapeuzinho pediu que ela levasse uma cesta com frutas e ervas na casa de sua avó, pois a velhinha estava muito doente. A menina prontamente pegou a cesta e se pôs a caminho da casa da vovó que era um pouco longe, ficava em outro vilarejo.

Ao atravessar o bosque, Chapeuzinho deu de cara com um lobo. Ela ficou muito surpresa e com medo

-Chapeuzinho, onde você vai? – falou o lobo.

- Vou à casa de minha avó, levar essa cesta com frutas e ervas, pois ela está acamada. – respondeu Chapeuzinho.

-Hummm... Então, eu vou lá visitar ela também.- disse o lobo.

-Que bom meu amigo! Já que é assim, façamos uma competição para ver quem chega primeiro. Eu vou por esse caminho aqui e você vai pelo outro. – respondeu Chapeuzinho, com esperteza, apontando para o lobo o caminho mais longo.

No meio do caminho a menina encontrou o compadre caçador e contou para ele o ocorrido. Após ouvir o relato de Chapeuzinho, o caçador resolveu acompanhá-la até a casa de sua avó. Enquanto caminhavam os dois arquitetavam um plano...

Ao chegar na porta da casa da velhinha Chapeuzinho chamou:

- Vovó, é sua neta que traz frutas e ervas.

A boa senhora respondeu:

- Roda a trinca que a porta abrirá.

Entraram, Chapeuzinho e o caçador; contaram o ocorrido e o plano traçado para a velhinha. Logo em seguida, o caçador se enfiou embaixo da cama, Chapeuzinho se escondeu no armário, e a vovó deitou em seu leito...

Passaram-se uns 30 minutos, escutaram uma batida na porta:

- Toc, toc!- era o lobo tentando se passar por Chapeuzinho.
- Quem é? – disse a vovó com voz frágil.
- Sou eu, sua netinha, Chapeuzinho. – respondeu o lobo.
- Entre minha netinha. Que saudades estou! Gire a trinca que a porta abrirá. – falou a velhinha.

O lobo não perdeu tempo, com suas patas enormes, de um giro só na trinca, conseguiu escancarar a porta. Ele estava faminto e já salivava pela refeição tão próxima. Ia engolir aquela velha numa só bocada, e depois esperar sua netinha como sobremesa...

O vilão estava tão animado que nem percebeu quando o caçador saiu de debaixo da cama. Com muita agilidade ele tirou sua faca de caça da cintura e num golpe certo ceifou a vida do lobo malvado.

Chapeuzinho saiu do armário, entregou a cestinha com frutas e ervas para a vovó, e enquanto o caçador estava no quintal removendo a pele do lobo e cortando as partes, a menina saiu pelo vilarejo convidando os vizinhos para um grande churrasco. Todos aceitaram o convite, seja por fome ou curiosidade, até alguns um tanto desconfiados, mas no fim a maioria comeu de se fartar e elogiou a maciez da carne.

Daquele dia em diante o “espetinho de lobo mau” se transformou num prato muito popular naquela região, mais popular, até mesmo, que o famoso “churrasquinho de gato”.

(Dadyson Santos, Francielly dos Santos e Viviane dos Santos)

Já a narrativa presente na **Fanfic 4**, não se encaixa com perfeição nas classificações de *fanfics* enumeradas por Bertoni (2019), talvez a que mais se aproxime seja ainda o *canon*. Todavia, entendendo que os gêneros textuais digitais se transmutam com velocidade, criamos a categoria *laughcanon*, uma *fanfic* que embora tente preservar as características do estilo de escrita presentes no texto-fonte, inclui nele também o humor e/ ou a sátira. Quando recorremos às relações de intertextualidade descritas por Sant’Anna (1991) temos uma paródia, já que a característica moralizante do texto original foi substituída pelo humor. No que se refere à conceituação de Reis (2018) temos configurado o narrador heterodiegético e o centro da narrativa em função do relato é predominantemente actorial. Além disso, percebemos nessa *fanfic* a influência da fala do **aluno IS** durante a **Etapa I**, quando ele relatou estar sentindo tanta fome que comeria o lobo, embora não fosse membro da equipe que escreveu esse texto, claramente a solução encontrada por ele para eliminar o lobo mau foi adotada pelo grupo.

Por fim, transcrevemos na sequência as duas últimas *fanfics* produzidas pelos grupos que tiveram como textos-base Cinderela no registro de Perrault (2016) e dos irmãos Grimm (2018):

Fanfic 5 – A CINDERELA EMPODERADA

Era uma vez, uma mulher que estava para morrer, pois ficou muito doente; quando ela morreu, seu marido casou-se novamente com uma mulher má e orgulhosa que possuía já duas filhas, de mesma índole. Elas tratavam a filha do homem muito mal, o nome dessa jovem era Cinderela.

Cinderela fazia todo o serviço da casa e era muito maltratada, porém também era muito dona de si e inteligente; certa feita, ela descobriu que sua madrasta e irmãs postiças planejavam matar seu pai, e mandá-la embora, para ficar com toda a herança. Desde então, começou a planejar uma forma de salvar a si mesma e ao eu pai.

O plano foi simples, porém eficaz. Ela aguardou se aproximar o horário de chegada de seu pai para o jantar; este seria um jantar especial, pois o príncipe havia sido convidado. Assim que seu progenitor saiu para buscar o príncipe, Cinderela começou a agir. Ela estava arrumando a mesa, louça de porcelana inglesa, prataria italiana, e a tigela de cristal indiano, objeto de adoração de sua madrasta...

Cinderela tinha um olho na mesa e outro no caminho, ao perceber que seu pai já estava perto de chegar, a jovem, como quem não quer nada, deixou cair “acidentalmente” a tigela de cristal indiano...

Ao ver seu objeto tão estimado espatifado em milhares de pedaços a madrasta ficou tomada pelo ódio, foi até a casa de ferramentas e pegou o machado do marido. Com os olhos flamejantes de raiva, a megera se encaminhou em direção à Cinderela que aparentava pavor.

Entretanto, no exato momento em que a madrasta ia desferir a primeira machadada em Cinderela, seu pai e o príncipe adentraram no recinto e viram a cena; os dois impediram o ato de violência da malvada. Decepcionado com a atitude de sua esposa, o pai de Cinderela a expulsou de sua casa e enxotou junto suas duas filhas invejosas. Após isso, sentaram-se os três: Cinderela, seu pai e o príncipe e jantaram alegremente.

A madrasta bem que procurou um outro bom partido para sustentar a ela e suas filhas, porém a oferta de homens ricos e bobos estava escassa no reino, por conta disso, com o tempo, as três acabaram virando mendigas.

Quanto a Cinderela, depois de muitos jantares animados teve seus laços estreitados com o príncipe e os dois acabaram se casando. No entanto, ela sempre deixou claro para o pretendente de que não fazia o perfil de moça “bela, recatada e do lar”. Apaixonado pela moça, o príncipe teve que rever seus conceitos sobre mulher ideal. Hoje, ela mora com seu pai no palácio, o seu marido já se tornou rei, muito justo e bondoso. Porém, a fama que corre longe nos outros reinos é a de que ali naquele palácio vive uma rainha reconhecida não apenas por sua beleza e altivez, mas por sua inteligência e liberdade: Cinderela, a rainha empoderada!

(Débora Maria Escolástico e Islan do Bomfim)

Na **Fanfic 5**, temos um exemplo de *canon*, conforme a classificação de Bertoni (2019) e uma estilização se levarmos em conta Sant’Anna (1991), a mudança de enredo a partir da alteração de personalidade da Cinderela, é mais uma atualização, pois, não é mais comum ver em mulheres, nos dias de hoje a característica de passividade presente no conto original, por isso ela foi substituída pela inteligência e empoderamento. Porém, a bondade da personagem é mantida. Quanto à perspectiva de Reis (2018), a função do relato é predominantemente actorial e o narrador heterodiegético.

Fanfic 6- CINDERELA?

Era uma vez um homem que havia se casado com uma bela moça, e com ela teve uma filha, porém a sua esposa morreu durante o parto. A falecida era tataraneta de Cinderela, a princesa do sapatinho de cristal, e todas as mulheres de sua família eram batizadas com esse nome. Para honrá-la e homenageá-la o viúvo manteve a tradição da família e, daquele dia em diante, a criança passou a se chamar Cinderela.

Anos se passaram, e o pai de Cinderela resolveu se casar novamente; porém, a mulher que escolheu para desposar já possuía duas filhas que não se davam bem com a Cinderela...

- Você é amaldiçoada, nasceu junto com a morte de sua mãe.- disse a mais nova.

- É...você é estranha, por que não some de uma vez? - disse a mais velha.

Cinderela então ficou cheia de ódio, mas não fez nada, e, durante todos os dias da sua adolescência, ela era obrigada a aturar o desgosto das irmãs postiças por ela.

Até que um dia, as três foram convidadas para uma festa que aconteceria no reino. Foi aí que a Cinderela viu a melhor oportunidade para se vingar das irmãs.

Pediu para a sua fada madrinha que lhe desse sapatos de rubi, para, enfim, executar o seu plano.

Durante a festa, enquanto todos estavam dançando, Cinderela esbarrou no garçom de propósito para que as taças de vidro caíssem no chão e se quebrassem. No exato momento em que as taças caíram no chão, ela quebrou o seu sapato de rubi, para que ninguém desconfiasse do barulho.

Enquanto todos dançavam, ela passou disfarçadamente por perto das irmãs, e as golpeou com o sapato quebrado; uma recebeu um golpe na garganta, e a outra no peito. Assim, as irmãs postiças foram executadas quase que instantaneamente, pelas pontas afiadas do sapato quebrado.

Para disfarçar o ato, Cinderela fingiu ter tropeçado no corpo das irmãs e quebrado o sapato. (A cor vermelha do rubi ajudou a mascarar a presença do sangue.)

Enquanto todos no baile estavam chocados com o acontecido, e tentavam encontrar explicações para tamanha tragédia. Cinderela passou de fininho entre as pessoas e saiu do local do assassinato.

Ao chegar em casa, Cinderela estava em prantos. Ela contou para a sua Madrasta que haviam assassinado as suas filhas, e que ela estava realmente muito triste com o acontecido.

O crime nunca foi elucidado. As irmãs foram sepultadas. E, desde então, a Cinderela retornou para a sua vida de "Filha única" até o fim dos seus dias.

(Augusto Santos, Aysllan Ribeiro e Vitor da Luz)

Por outro lado, na **Fanfic 6**, ao fazermos a classificação de Bertoni (2019), ainda temos um *canon*, já que vários elementos cenográficos do conto original são mantidos. Todavia, ao analisarmos as relações intertextuais sob a ótica de Sant'Anna (1991) temos caracterizada uma paródia, uma vez que, o texto se transformou num conto de terror, cujo grotesco é exaltado e a maldade não é punida no final. Na perspectiva de Reis (2018), o narrador é heterodiegético e o centro da narrativa em função do relato é actorial.

Vale ressaltar ainda que algo perceptível em todas as *fanfics* produzidas pelos grupos foi a tentativa de “imitar” a linguagem dos autores dos textos-base usando palavras mais rebuscadas e também através do detalhamento minucioso de e características dos personagens e ambientes presente nas narrativas. Talvez por isso, também, a maioria delas tenha se aproximando mais da classificação de *canon* conforme Bertoni (2019).

3.8 ETAPA VIII – *Fanfics* ilustradas

Iniciamos a dinâmica Leia para mim (WENDELL, 2016), essa atividade foi pensada para esse momento visando demonstrar aos alunos o quanto eles são importantes, e quão valioso foi a contribuição deles na execução da proposta de intervenção. Uma vez que “é fácil obrigar o aluno a ir à escola o difícil é convencê-lo a aprender aquilo que ele não quer aprender”, (ALVES, 2003 p. 25). Dessa forma, cheguei nessa etapa da intervenção, praticamente o final, com os sentimentos de gratidão e satisfação muito grandes, agora não restava mais dúvidas de que o projeto tinha dado certo.

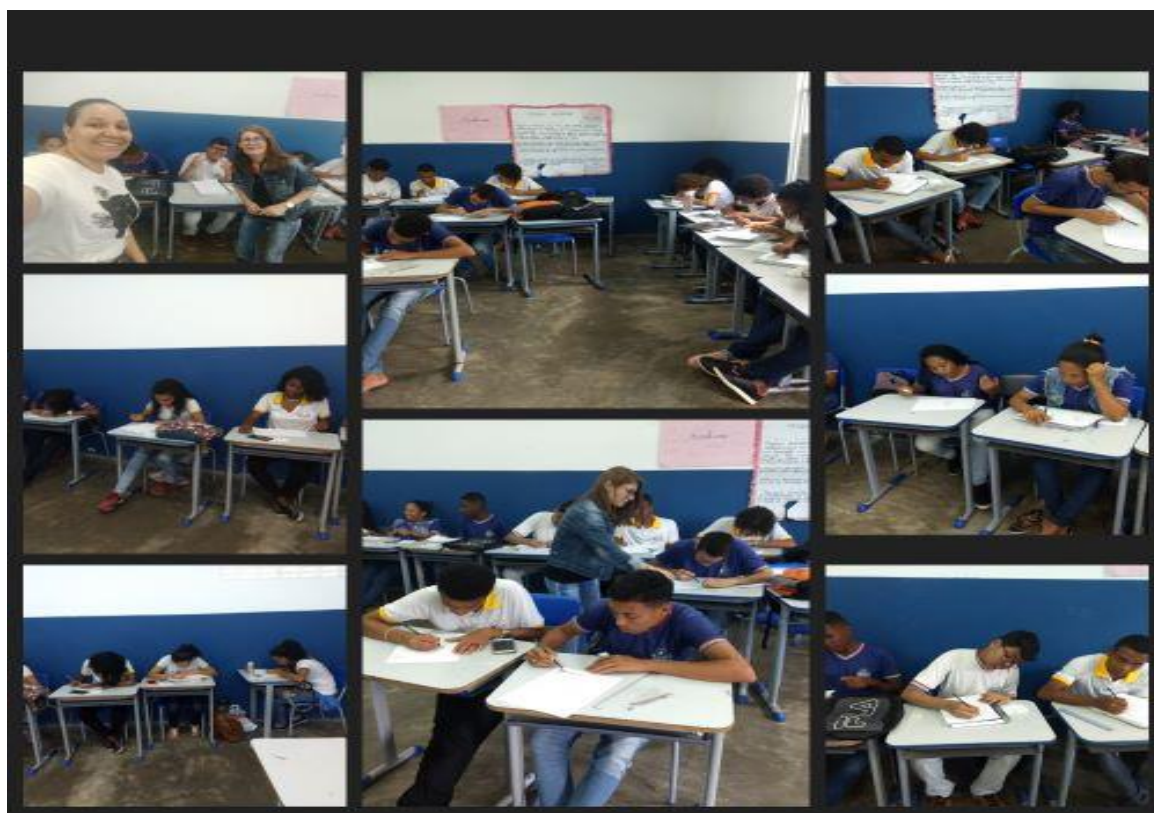
Cabe ainda evidenciar que, durante todo o planejamento da etapa, houve uma preocupação em incentivar a escrita criativa de maneira concreta, com vivências que permitissem aos alunos desenvolverem suas habilidades. Como para nós a escrita não é apenas utilizar com adequação as letras, finalizamos nosso processo com uma oficina de ilustração que teve a colaboração da desenhista e professora Majjess. Nela a artista deu aos estudantes as primeiras noções de desenho sombreado com grafite, e eles puderam transformar em imagem os personagens recriados nas *fanfics*. Podemos verificar essa interação nas seguintes imagens:

Figura 33 - Cartaz de divulgação da oficina



Fonte: acervo, próprio, 2019.

Figura 34 - Oficina de ilustração



Fonte: acervo próprio, 2019.

Na **Figura 33**, está o cartaz montado para divulgar a oficina nas redes sociais com a comunidade escolar, na **Figura 34**, apresentamos algumas imagens dos estudantes fazendo suas ilustrações e sendo orientados pela desenhista. Nessa etapa, o grupo recebeu a visita do 4º ano do curso Técnico Profissionalizante em Finanças, e puderam partilhar com eles o conhecimento oferecido pela artista.

Assim, ao término da oficina, de posse das *fanfics* e das ilustrações, comecei a articular com os alunos uma maneira de publicar o trabalho. Seria custoso uma tiragem impressa, eu também não queria inserir os alunos de vez no universo das redes sociais de publicação de *fanfics*, tendo em vista que o laboratório da informática da escola não funcionava e, sendo a maioria deles, menores de idade, eu não poderia monitorar e garantir a segurança desse processo.

Depois de pesquisarmos, encontramos o *flipsnack*, rede social que permite a publicação gratuita de um volume de até 30 páginas. Criei uma conta em meu nome, e iniciei junto com os alunos o processo de formatação e improvisação no *word* mesmo, para garantir que a coletânea ficasse com, no máximo, 30 páginas. Após isso, salvamos o arquivo em *pdf* e descarregamos

no *flipsnack*. Porém tínhamos apenas um link, e não seria muito atrativo e prático oferecer às pessoas apenas isso. Então tivemos a ideia de converter o link em código QR e usá-lo, juntamente com o link, na divulgação da coletânea de *fanfics*. A seguir, temos o cartaz e o código QR produzidos:

Figura 35 - Código QR gerado



Fonte: <https://www.qr-code-generator.com/>

Figura 36 - Cartaz de divulgação da coletânea



Fonte: acervo próprio, 2019.

Dessa forma, com a organização da coletânea de *fanfics* e preparação para divulgação dela em meio virtual e presencial, o que pode ser constatado na **Figura 35** e na **Figura 36**, encerramos as atividades de produção escrita e começamos a planejar o evento de encerramento do projeto.

3.9 ETAPA IX – Era outra vez: contos de fadas que viraram *fanfics*...

Resolvemos fazer o evento de encerramento em forma de sarau, alternando momentos de diálogo com momentos de música. Para tal, convidamos a aluna Alanna do 1º M D, acompanhada ao violão pelo músico Kleisson Santos. Ela cantou um repertório de quatro músicas relacionados com o tema do projeto. O sarau foi iniciado com a música *João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca (1977), optamos por essa obra porque ela se conecta com o universo de imaginação e elementos fantásticos dos contos de fadas.

Após a canção, eu falei brevemente sobre o projeto e apresentei o primeiro convidado, o artista plástico local, conhecido internacionalmente por suas obras, Marcos Reis Peixoto-Marepe. Em sua apresentação intitulada *A transformação do cotidiano em arte*, o artista expôs

com o auxílio do projetor, algumas de suas obras e foi contando aos alunos a história delas. Foi um momento encantador, pois pudemos perceber que não só os textos contêm histórias, mas as coisas também. Chegamos ainda à conclusão de que Marepe faz *fanfic* com as mãos, no instante em que pega um elemento do cotidiano e lhe atribui um novo significado.

No segundo momento, Alanna cantou *Era uma vez* de Kell Smith (2017), canção que se relaciona com o universo dos contos de fadas e também trata sobre a transição da infância para a adolescência, fase do desenvolvimento humano em que estão os alunos. Em seguida, a Prof.^a Priscila Fiorindo fez sua apresentação de título: *Ler e escrever para amadurecer*, que abordou sobre a importância da leitura e da escrita para o crescimento e desenvolvimento dos indivíduos. Em sua fala, a psicolinguista evidenciou a importância da leitura, da renovação dos contos de fadas e exibiu o vídeo de Aline no Bosque Encantado, estilização criada por ela e pelo seu grupo de pesquisa na UNEB, *Campus V*. A seguir, apresentamos um mosaico com imagens dos melhores momentos dessas interações:

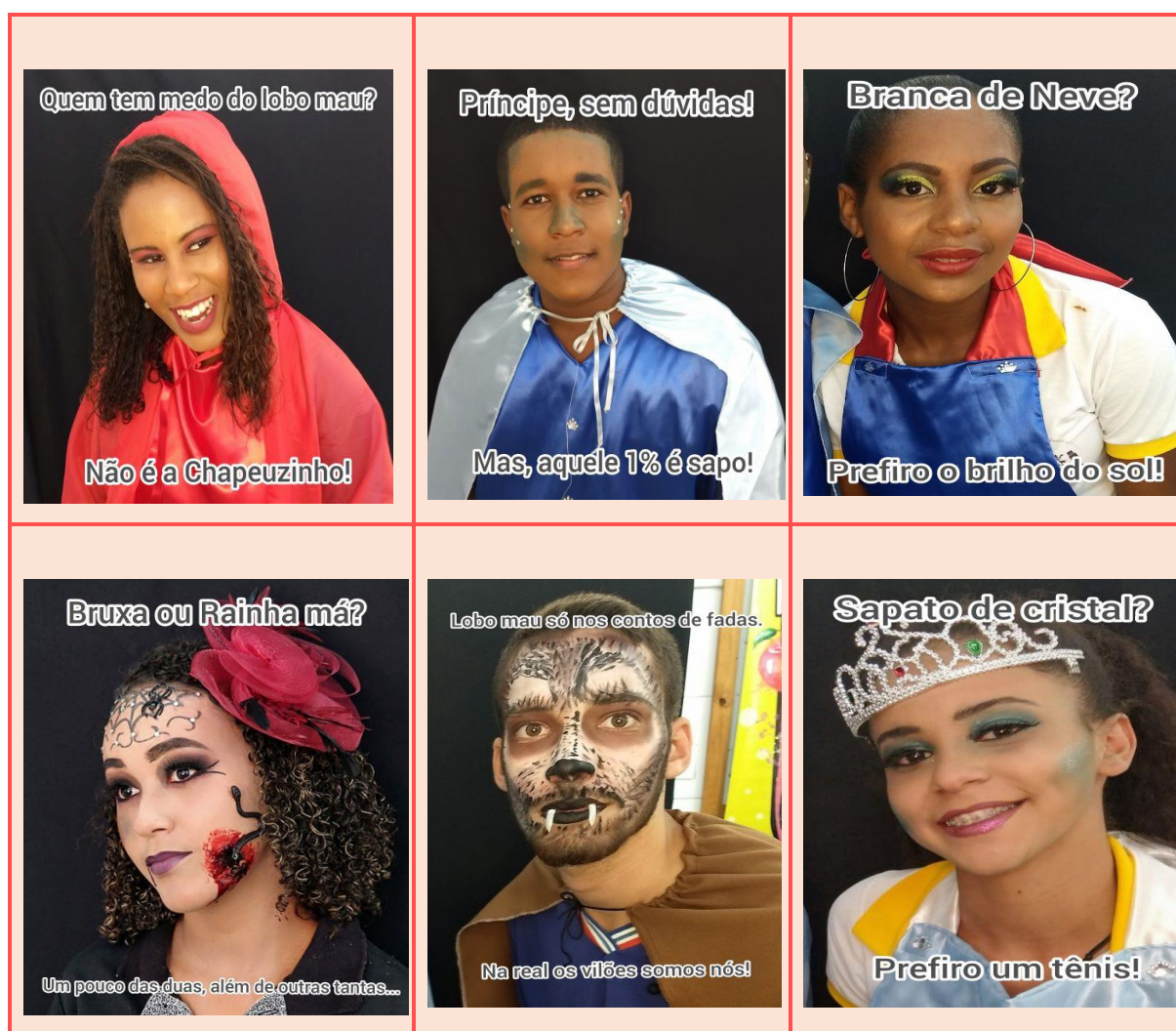
Figura 37 - Mosaico melhores momentos



Fonte: acervo próprio, 2019.

Além da presença e participação dos convidados citados, os alunos também fizeram parte da programação. Eles ajudaram com a decoração da sala de informática para o evento, também me presentearam com a produção de *memes* divertidos e politicamente corretos, fato que me alegrou, e por isso fiz a impressão deles e usei na decoração da sala. Os estudantes comprovaram com essa surpresa que o *meme* gênero digital bastante difundido nas redes sociais, quando bem aproveitado, pode oferecer excelentes oportunidades de leitura e, sobretudo, expressão de ideias. Tais textos podem ser vistos a seguir na Figura 38:

Figura 38 - Mosaico de *memes* inspirados nos contos de fadas



Fonte: acervo próprio, 2019.

Após a fala da Prof.^a Priscila, a música *Triste, louca ou má*, da banda Francisco *el Hombre* (2016), foi cantada por Alanna, a opção por essa letra se deu por conta de ela se alinhar com várias discussões que ocorreram durante o projeto, dentre as quais a discussão sobre a

forma como as mulheres que fogem ao padrão de princesas são vistas pela sociedade. Depois de ouvirmos a música, os alunos apresentaram um jogral do texto *Não me chame de princesa* (cf. **APÊNDICE C**), escrito por mim à luz do impacto causado pelas atividades desenvolvidas durante a intervenção.

Terminado o jogral, os grupos falaram a sinopse de suas *fanfics*. Em seguida, um vídeo com imagens dos melhores momentos, produzido pelo aluno da turma Ednilson Simões foi exibido. Para encerrar, Alanna cantou *Malandragem*, composta por Frejat e Cazuza (1988), canção que sintetiza de forma poética as discussões realizadas nas etapas da intervenção, uma vez que concluímos que a mulher deve questionar a sua realidade e se necessário fazer seu próprio “conto de fadas”.

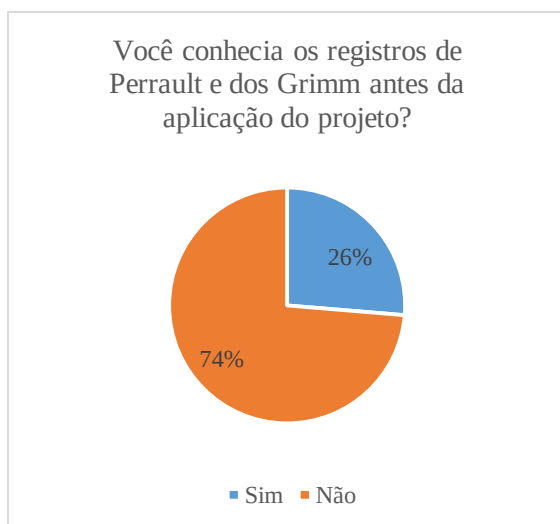
Por fim, fizemos os agradecimentos e lanchamos. A emoção de encerrar o projeto com esse evento foi constituída por um misto de sensações, a primeira delas tem a ver com o sentimento de dever cumprido, satisfação pelo alcance de objetivo, mesmo quando foram necessárias mudanças de rota. A segunda se conecta com a saudade de ter, não que deixar para trás, mas deixar seguir seu próprio rumo o trabalho desenvolvido por tanto tempo. A última se conecta com a esperança de ter encontrado um caminho para ser feliz fazendo o meu trabalho.

4 COM A PALAVRA, OS ESTUDANTES

Após o encerramento das etapas do projeto, aplicamos um questionário com dez perguntas objetivas (cf **APÊNDICE D**) visando mensurar o impacto que as atividades desenvolvidas exerceram sobre os alunos. Para que eles não se sentissem induzidos a dar respostas convenientes à pesquisadora, solicitamos que o líder da turma entregasse e recolhesse os questionários e orientasse os colegas a não se identificarem.

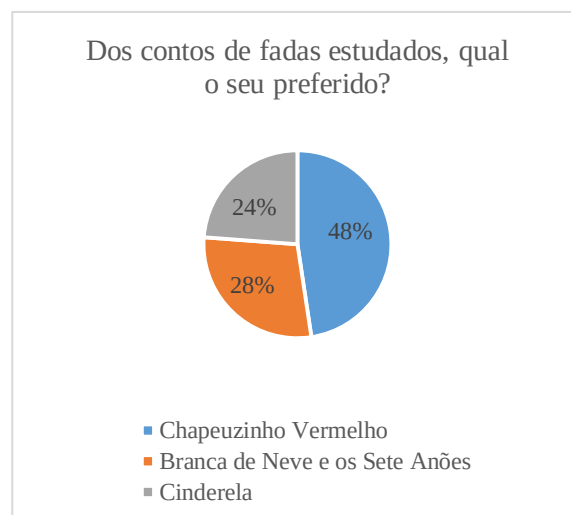
Ao serem perguntados se já conheciam o registro de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm antes da realização da intervenção, 74% dos estudantes afirmaram que não, além disso 48% deles tem em *Chapeuzinho Vermelho* o personagem preferido entre os três estudados, tais informações podem ser acessadas nos gráficos a seguir:

Gráfico 9 - Reconhecimento dos autores



Fonte: acervo próprio, 2019.

Gráfico 10 - Personagem predileto



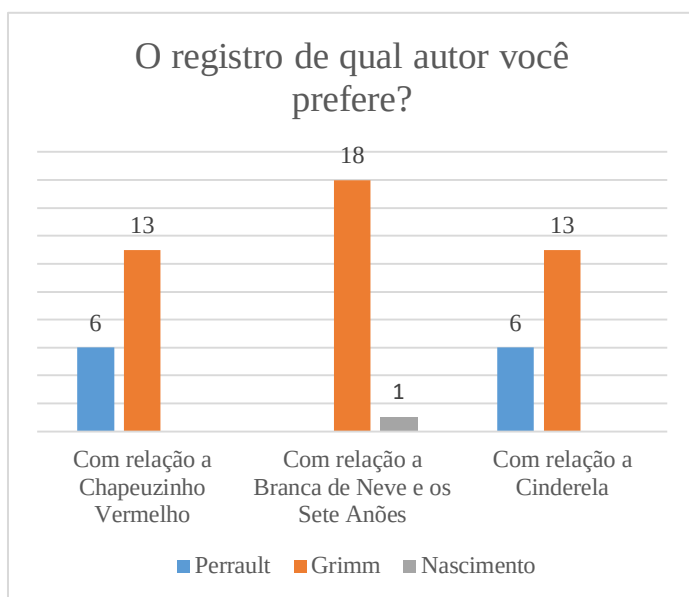
Fonte: acervo próprio, 2019.

Tendo como referência o **Gráfico 9**, podemos afirmar que, além do incentivo à escrita escolar através da *fanfic*, o projeto fomentou também o estabelecimento do letramento literário, uma vez que apenas 26% dos estudantes afirmaram conhecer os textos - fonte anteriormente, assim, para construírem o gênero marginal eles precisaram se apropriar do cânone. Já a preferência por *Chapeuzinho Vermelho*, explicitada no **Gráfico 10**, pode ser atribuída ao fato de que as metáforas relacionadas ao comportamento humano na representação de inocência da menina e vilania do lobo, foram mais representativas para aquele grupo de indivíduos.

Ao serem perguntados sobre a preferência de registro de cada um dos contos estudados, a maioria dos alunos optou pelas versões dos irmãos Grimm, podemos atribuir essa predileção

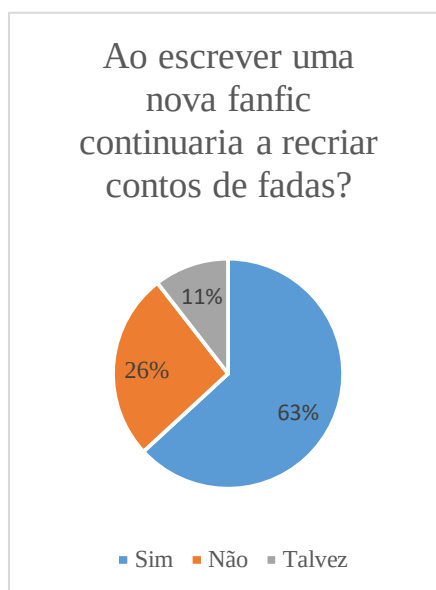
ao fato de que as versões mais populares desses contos de fadas têm raiz na narrativa dos Grimm, pois, conforme já explicitamos na **Seção 1**, embora a literatura infantil tenha surgido com Perrault, foi com os irmãos alemães que ela se expandiu para o mundo. No que se refere à utilização dos contos de fadas como inspiração, 63% dos estudantes afirma que caso continuasse a escrever *fanfics* manteria essa temática. Verificamos esses e outros dados nos gráficos que seguem:

Gráfico 11- Preferência de registro



Fonte: acervo próprio, 2019

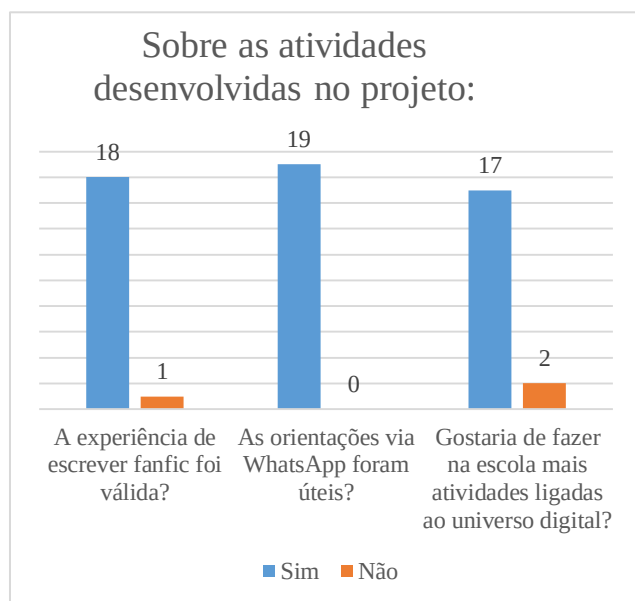
Gráfico 12 - O conto de fadas como tema



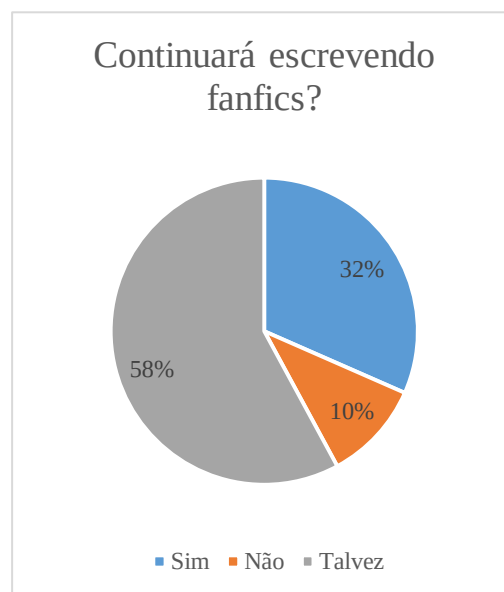
Fonte: acervo próprio, 2019.

Embora seja justificável a preferência pelo registro dos Grimm, um ponto preocupante explicitado pelo **Gráfico 11** é que apenas 1 dos estudantes apontou a versão em cordel do conto *Branca de Neve e os Sete Anões* como opção de melhor leitura, muito embora esses versos tenham sido inspirados no registro dos Grimm. O fato de apenas um indivíduo ter se identificado com a linguagem poética deixa clara a necessidade de introduzir no ambiente escolar a leitura desse tipo textual como forma de deleite, talvez resida nisso a temática para uma próxima intervenção.

Sobre as atividades desenvolvidas no projeto, a maioria dos estudantes afirma ter sido válida a experiência de escrever *fanfic*, eles também validam a utilidade das orientações realizadas via *WhatsApp* e afirmam que gostariam de ter no ambiente escolar mais atividades ligadas ao universo digital. Além disso, 32% deles afirma a pretensão de continuar a redigir narrativas ficcionais de fã. Esses dados são melhor detalhados nos gráficos que seguem:

Gráfico 13 - Relevância das atividades

Fonte: acervo próprio, 2019

Gráfico 14 - Intenção dos estudantes

Fonte: acervo próprio, 2019

A obtenção dos dados explicitados no **Gráfico 13** deixam clara relevância e o sucesso da proposta de intervenção sob a ótica dos estudantes envolvidos. Além disso, conforme o **Gráfico 14**, uma semente plantada em solo fértil, que certamente germinará, é o gosto pela escrita, no primeiro levantamento de dados, anteriormente a intervenção, 68 % dos estudantes afirmavam não gostar de escrever (*cf Gráfico 5, Seção 2*). Após o projeto apenas 10% deles afirma que não continuará a escrever *fanfics*, 58% consideram manter a prática e 32% têm certeza disso. Assim, tais dados revelam uma mudança gradual na visão que esse grupo de estudantes possui sobre o ato de escrever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS?

Ao findarmos a aplicação das etapas da proposta de intervenção, pudemos refletir acerca de toda a trajetória pela qual passamos até chegarmos nesse momento de encerramento. Quando fazemos esse *feedback*, reconhecemos nossos enfrentamentos e vitórias. As carências de recursos, incentivo, valorização e investimentos na educação pública afetam igualmente professores e alunos. O dia a dia em uma escola pública é de muitas dificuldades e obstáculos. No entanto, quando são tomadas iniciativas, ainda que pequenas, para tentar reverter esse quadro, os resultados podem ser positivos.

Vale ressaltar que não foi tarefa fácil tomar tais iniciativas; além do financiamento próprio, várias mudanças de rota foram necessárias. A principal se deveu à existência de estruturas “ocas” dentro da escola. Por fora, temos um prédio reformado, modernizado, com laboratórios e espaços específicos para a realização de atividades diversas.

No entanto, quando observamos essas estruturas internamente, verificamos que o auditório não tem mobiliário e sistema de som, o laboratório de ciências tem equipamentos, mas não tem matéria-prima, possuímos quadra, porém a oferta de material esportivo é escassa, e no laboratório de informática os computadores não funcionam, além do mais, a rede de *internet* não é estável e não há previsão de recursos para solucionar essas demandas. Diante disso, tivemos que improvisar usando os *smartphones* e *internet* próprios.

Desse modo, foi possível implementar dentro da escola uma proposta que necessitava de tecnologia e conectividade, mas isso, em nenhum momento se deveu a uma mudança de cenário, fato que nos colocou diante da constatação de que os alunos são conectados, a escola não. Porém, também estivemos diante da percepção de que é possível captar os recursos dos alunos para dirimir essa carência estrutural da unidade escolar.

Fazer essa captação foi um trabalho de convencimento, uma vez que os estudantes encaram o uso de seus aparelhos celulares como prioritariamente recreativo. No entanto, ao serem colocados diante da possibilidade de criação de algo pedagógico, mas com o qual eles se identificaram, como era o caso da coletânea de *fanfics*, esses sujeitos acabaram por “liberar” seus dados móveis para as aulas.

Nessa senda, acreditamos que enquanto a escola não se insere no contexto atual captar os recursos dos alunos seja a alternativa mais viável para trabalhar com tecnologia. Pelo menos, foi assim que seguimos em frente e conseguimos implementar nosso projeto etapa a etapa. Pelo meio do caminho, as incertezas e dúvidas foram sendo substituídas pela gratidão e orgulho daqueles estudantes.

Além de perceber a capacidade de colaboração que eles possuem, também foi possível aprender junto com eles. Descobrimos, por exemplo, que dá para trabalhar contos de fadas em outra perspectiva que não a infantil, que meninos também maquiavam e podem ser parceiros na luta pelo empoderamento feminino.

Construímos essa intervenção objetivando primariamente incentivar a expressão escrita no ambiente escolar. Buscamos isso por intermédio da *fanfic*, gênero digital, pois percebemos, a partir do contato em redes sociais, que os estudantes se expressavam com mais clareza e fluidez em ambientes virtuais do que na escola. Desse modo, fizemos essa adaptação e podemos afirmar que através dessa proposta iniciamos o processo de conciliação desses indivíduos com a arte de escrever.

Nesse sentido, a hipótese de que a *fanfic* contribuiria para incentivar a escrita dos estudantes foi confirmada, percebemos ainda que o sucesso obtido não se deveu apenas ao fato de levar para a sala de aula elementos do mundo virtual no qual os sujeitos estão imersos. Não restam dúvidas que ações desse tipo são importantes e necessárias. Porém, além disso, um outro elemento decisivo também, foi o cuidado que tivemos ao desenvolver cada detalhe das atividades aplicadas. Afeto esse que foi percebido e retribuído pelos estudantes. Desse modo, compreendemos que o fato de eles se sentirem, por vezes, mais a vontade nas redes sociais, tem a ver também com a sensação de acolhimento.

Assim, acreditamos que o sucesso de uma proposta pedagógica é construído a partir da sensibilidade do docente/mediador e dos alunos. O professor precisa se conectar com seus alunos, valorizar o conhecimento e sabedoria que eles trazem. Quando essa relação de empatia é estabelecida o aprendizado acontece. Pelo menos foi desse modo que aconteceu com a nossa intervenção.

Agora, com a coletânea de *fanfics* pronta, todas as etapas da proposta aplicadas, descritas e analisadas, resta a sensação de dever cumprido e um sentimento ainda maior de que esse não foi o fim, mas o começo de transformações profundas no modo de encarar a educação, as práticas de ensino e os alunos. Nesse exato momento, ao vislumbrar o futuro, a “vista” alcança não apenas os obstáculos, mas também as possibilidades de mudança e realização profissional. Sim, a educação no Brasil possui muitos entraves, é muito difícil ser professor de escola pública, porém, é também nesse ambiente que podemos presenciar o “voo” dos nossos alunos...

REFERÊNCIAS

ALVES, Elizabeth Conceição de Almeida. **Fanfiction e Práticas de Letramentos na Internet**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2015.

ALVES, Rubem. **Conversas sobre educação**. Campinas, São Paulo: Verus, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Textualidade**: noções básicas e implicações pedagógicas. São Paulo: Parábola, 2017.

AZZARI, Eliane Fernandes; CUSTÓDIO, Melina Aparecida. **Fanfics, google docs...** A produção textual colaborativa. In: ROJO, Roxane (org). **Escol@ conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

BENVENISTE, Émile, 1902-1976. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.

BERTONI, Estevão. **O que é fanfic. E como ela é abordada na Base Nacional Curricular**. <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/01/10/O-que-%C3%A9-fanfic.-E-como-ela-%C3%A9-abordada-na-Base-Nacional-Curricular> Acesso em 10 de setembro de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 02 maio de 2018.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**: símbolos- mitos- arquétipos. São Paulo: Paulinas, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/ juvenil**: das origens indo européias ao Brasil contemporâneo. São Paulo: Ática, 1991.

DISCINI, Norma. **Intertextualidade e conto maravilhoso**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2002.

FIORINDO, Priscila Peixinho. **Ler e Escrever...** Jornal A Tarde. Região Metropolitana de Salvador. p. A7. 12/07/2015.

FIORINDO, Priscila Peixinho. **Abordagens do texto literário para a formação do leitor crítico**. Conhecimento Prático Língua Portuguesa, São Paulo, p. 28 - 33, 01 fev. 2012.

FIORINDO, Priscila Peixinho. **O papel da memória construtiva na produção da narrativa oral infantil a partir da leitura de imagens em sequência**. 2009, Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009, doi: 10.11606/T8.2009.tde-03022010-155318. Acesso em 28 de fevereiro de 2019.

FIORINDO, Priscila Peixinho. **Em torno da narrativa narração**: a proposta revisitada do modelo Laboviano de narrativa oral. 2005, Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005, doi: 10.11606/D.8.2005.tde-15122005-141613. Acesso em 25 de fevereiro de 2019.

GRIMM, Irmãos. **Os 77 Melhores contos**. Volume I. Trad. Íside M. Bonini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

GRIMM, Irmãos. **Os 77 Melhores contos**. Volume II. Trad. Íside M. Bonini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

JAMISON, Anne. **Fic**: porque a fanfiction está dominando o mundo. Trad. Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

LEAL, Jaqueline; *et al.* **Educação e tecnologia**: rompendo os obstáculos epistemológicos. In ALVES, Lynn, SANTOS, Edmea. **Práticas pedagógicas e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

MELO, Edsônia de Souza Oliveira; OLIVEIRA, Paulo Wagner Moura de; VALEZI, Sueli Correia Lemes. **Gêneros poéticos em interface com gêneros multimodais**. In: ROJO, Roxane; MOURA Eduardo (orgs). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

MICHELLI, Regina. **Contos fantásticos e maravilhosos**. In FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura infantil em gêneros**. São Paulo: Mundo Mirim, 2012.

MONTEIRO, Angélica; *et al.* **Blended learning em contexto educativo**: perspectivas teóricas e práticas de investigação. Santo Tirso – Portugal: DeFacto Editores, 2012. Livro Eletrônico.

MORAN, José. **Educação Híbrida**: Um conceito Chave para a educação hoje. In BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino híbrido**: Personalização e Tecnologia na Educação. Porto Alegre: Penso, 2015. Livro Eletrônico.

NASCIMENTO, Neto. **Pode me dar um autógrafo? O adolescente e a escrita como materialização de leituras**. Anais do III Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. v. 01. P. 01-09.

NASCIMENTO, Neto. **De borralheira a Cinderela: releitura do conto de fadas, dos textos clássicos à tela do cinema**. Anais eletrônicos do III Seminário Nacional Literatura e Cultura. São Cristóvão / SE: GELIC / UFS, V.3, 6 a 8 de junho de 2011. ISSN: 2175 – 4128.

NASCIMENTO, Varnecy, **Contos em Cordel Branca de Neve**. São Paulo: Panda Books, 2010.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

PERRAULT, Charles. **Contos de Charles Perrault**. Trad. Eliana Bueno-Ribeiro. São Paulo: Paulinas, 2016.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **Leitura e (Re)escritura de textos:** subsídios teóricos e práticos para seu ensino. São Paulo: Rêspel, 2000.

PRETTO, Nelson de Luca. **O desafio de educar na era digital.** Revista Portuguesa de Educação, 2011, 24(1), p. 95-118.

REIS, Carlos. **Dicionário de Estudos Narrativos.** Coimbra: Almedina, 2018.

RESENDE, Valéria Barbosa de e MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **Letramento escolar:** reflexões sobre a produção escrita de adolescentes. Educação em revista. Belo Horizonte. V. 31, n. 4, p. 157-178. Outubro-Dezembro de 2015. Acesso em 24 de fevereiro de 2019.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever hoje,** palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. São Paulo: Parábola, 2018.

ROGERS, Carl Ransom. **Tornar-se pessoa.** Trad. Manuel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamfarell J. São Paulo: Fontes, 1997.

ROJO, Roxane. **Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e multiletramentos.** In: ROJO, Roxane (org). **Escol@ conectada:** os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua:** Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013. Livro eletrônico.

SANT'ANA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & cia.** São Paulo: Ática, 1991.

SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTI, Marianne C. B. (orgs). **Diversidade textual:** os gêneros na sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Livro eletrônico.

SILVA, Dáfinie Paulino. **Jogo de interface textual:** práticas de letramento em mud. In: ROJO, Roxane (org). **Escol@ conectada:** os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. **Tessituras (Hiper) textuais:** leitura e escrita nos cenários digitais. Salvador: Quarteto, 2008.

SOUZA, Tatiane Ribeiro de. **Do letramento visual aos multiletramentos:** produção de vídeos curtos na escola, 2016. Dissertação (Mestrado Profissional Em Letras- PROFLETRAS). Universidade de Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus V. Acesso em 27 de fevereiro de 2019.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; RIBEIRO, Simone Regina. **Interfaces entre tecnologias e linguagem:** gêneros textuais digitais. Revista UNIABEU Belford Roxo V.8 Número 18, janeiro- abril 2015.

WENDELL, Ney. **Carinho se aprende:** atividades para professores e pais. Pernambuco: Prazer de ler, 2016.

XAVIER, Antônio Carlos. **Leitura, texto e hipertexto.** In MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

YABU, Fábio. **Branca dos Mortos e os Sete Zumbis e outros contos macabros**. São Paulo: Globo Livros, 2016. Livro eletrônico.

APÊNDICE A- Questionário aos alunos**QUESTIONÁRIO TRAÇANDO O PERFIL**

Prezado (a) estudante do Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes, 2º ano do curso de Informática M A.

Eu – Vânia Costa Reis – aluna do curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – UNEB-BA. Estou desenvolvendo o Projeto de Pesquisa- ação “Do virtual para o real: a *fanfic* como estratégia de escrita na escola”, que tem como foco o desenvolvimento da reedição dos contos de fadas sob a perspectiva da narrativa ficcional de fã. Para tanto, conto com sua participação, fornecendo as informações abaixo, sendo somente do meu conhecimento e da minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Priscila Peixinho Fiorindo. Portanto, se você deseja ser um colaborador, participe respondendo as questões propostas a seguir, com o máximo de seriedade e verdade dos fatos.

Desde já, agradeço pela colaboração.

Nome: _____

Qual sua idade? _____

Sexo - Masculino (☐) Feminino (☐)

01 - Você gosta de ler?

Sim (☐) Não (☐)

02- Quantos livros completos você já leu?

0(☐) 1(☐) 2(☐) 3(☐) 4(☐) 5(☐) Mais de 5(☐)

03- Você costuma ou costumava ouvir histórias em sua casa?

Sim (☐) Não (☐)

04- Você já contou uma história depois de ler um livro?

Sim (☐) Não (☐)

05- Você conhece os contos de fadas?

Sim (☐) Não (☐)

06- Você se sente representado(a) esteticamente pelos personagens dos contos de fadas?

Sim (☐) Não (☐)

07– Você gosta de escrever?

Sim (☐) Não (☐)

08 – Você possui computador em casa?

Sim (☐) Não (☐)

09 – Em sua casa existe *wi-fi*?

Sim (☐) não (☐)

10 – Você possui *smartphone*?

Sim (☐) Não (☐)

11- Você já escreveu uma história e publicou *online*?

Sim (☐) Não (☐)

12- Você possui redes sociais?

Sim (☐) Não (☐)

13- Se sua resposta à questão 11 foi sim indique quais redes sociais você possui:

Facebook (☐) Instagram (☐) Youtube (☐) WhatsApp (☐) Twitter (☐) Outras _____

14- Com que objetivo você mais comumente usa as redes sociais?

(☐) Comunicação (☐) Entretenimento (☐) Pesquisa (☐) Trabalho (☐) Outro _____

15- Com que frequência você utiliza as redes sociais e outras ferramentas online para produzir trabalhos escolares?

(☐) Sempre (☐) As vezes (☐) Raramente (☐) Nunca

16- Seus professores costumam orientar atividades escolares por meio das redes sociais?

(☐) Sim (☐) Não

17- Você se sente mais a vontade para expressar suas ideias e sentimentos:

(☐) Na escola (☐) Nas redes sociais

APÊNDICE B - Roteiro de leitura do filme

ROTEIRO DE “LEITURA” DO FILME BRANCA DE NEVE E O CAÇADOR

1- Que características da história contada no filme também estão presentes nas versões populares do conto Branca de Neve e os Sete Anões?

[illegible]

2- Que características da história contada no filme divergem das versões populares do conto Branca de Neve e os Sete Anões?

[illegible]

3- De qual versão da história de Branca de Neve a equipe gosta mais? Expliquem as razões.

[illegible]

APÊNDICE C- Cordel apresentado pelos alunos**NÃO ME CHAME DE PRINCESA**

(Vânia Reis)

- Desde o meu nascimento,
Quando eu nem tinha documentos,
Recebi um manual
Pra ter bom comportamento.

- Eu nem engatinhava,
Poucos sons articulava,
Mas, mamãe já se preocupava,
Em me ensinar o “bê-á-bá”:

- Menina, senta direito,
Fecha as pernas
Estufa o peito.

- Mulher que se dá ao respeito
Não deve se posicionar!

- Mulher acorda cedo,
De cozinha não tem medo

- Se da casa não cuidar
Pra titia vai ficar!

- Conforme fui crescendo,
E as princesas conhecendo,
Contos de fadas que ensinaram
Padrões de comportamento:

- Chapeuzinho fique alerta,
Sempre faça a coisa certa!
- Se um pouco você ousar,

O lobo mau vai te pegar!

- Obedeça sem questionar,
Faça o que o que for necessário.
- Se cumprir o seu calvário,
No padrão vai se encaixar!

- Moça feminista
Nunca é capa de revista,
Mais parece um rapaz!
E se preferir ser ativista,
Pra casar não serve mais!

- Antes ser uma Cinderela,
Da própria vida não ter tutela.
Servir sem julgamento,
Aguentar todo o tormento,
E ainda assim ser doce e bela.

- Se der sorte e não reclamar,
A fada madrinha irá ajudar.
Moça de boa aparência,
O príncipe encantado encontrará!

- E se ainda assim não está convencida,
A seguir o meu conselho.
- Lembre que por trás do espelho
A verdade sempre está!

- Que o diga Branca de Neve,
Foi princesa e foi da plebe,
Pela maldade de uma madrasta
Que seu coração queria arrancar.

- Ainda bem que em seu caminho,
Apesar da dor e de tanto espinho,
Por uma maçã envenenada
Teve a beleza restaurada,
E com um príncipe foi morar.

- Eu é que não vou,
Seguir conselho ultrapassado,
Viver na esperança de que surja
A fada madrinha ou príncipe encantado,
Pela beleza sempre fascinado,
E com sorte sair do borralho.

- Pois, de tudo isso que foi dito,
Só tenho uma certeza:

- Já não quero ser princesa,
Seguir padrão de beleza,
Me anular, sorrir aturar,
Pra frequentar a realeza.

- Também não me chame de guerreira,
Mesmo que eu lute a vida inteira
Para ocupar o meu espaço.

- Não tente a minha dor romantizar!

- Prefiro antes ser eu mesma,
Menina ou mulher,
Que resiste e não se cala!

- Pois, beleza, comportamento,
Inteligência, sentimento,
Amor, paixão,
Ou pensamento,
Não se medem com padrão!

APÊNDICE D – Questionário final

QUESTIONÁRIO FINAL

- 1- Dos contos de fadas lidos e analisados em sala de aula qual o seu preferido?
(☐) *Chapeuzinho Vermelho*? (☐) *Branca de Neve e os Sete Anões* (☐) *Cinderela*
- 2- Antes da realização desse projeto você já conhecia as versões dos contos de fadas no registro de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm?
(☐) Sim (☐) Não
- 3- Com relação a história de *Chapeuzinho vermelho* você prefere a versão de:
(☐) Charles Perrault (☐) Irmãos Grimm
- 4- Com relação a história de *Branca de Neve e os Sete Anões* você prefere a versão:
(☐) Clássica dos Irmãos Grimm (☐) Em cordel de Varnecy Nascimento
- 5- Com relação a história de Cinderela você prefere a versão de:
(☐) Charles Perrault (☐) Irmãos Grimm
- 6- A experiência de recriar contos de fadas em forma de *fanfic* foi válida?
(☐) Sim (☐) Não
- 7- Você pretende continuar escrevendo *fanfic*?
(☐) Sim (☐) Não (☐) Talvez
- 8- Você considera que as orientações de atividades via *WhatsApp* foram úteis?
(☐) Sim (☐) Não
- 9- Você gostaria de realizar mais atividades que adaptassem práticas *online* à realidade da escola?
(☐) Sim (☐) Não
- 10- Ao escrever uma nova *fanfic* continuaria a recriar contos de fadas?
(☐) Sim (☐) Não

APÊNDICE E - Homenagem ao estudante Anderson dos Santos Silva**Um Aluno Exemplar¹⁸**
(Vânia Costa Reis)

A relação entre professores e alunos é permeada por dificuldades, estresses vitórias e alegrias. Nada satisfaz mais um professor do que olhar alguém de sucesso apontar e dizer: Já foi meu aluno!

Deixando claro aqui que, para nós professores, um alguém de sucesso não é necessariamente aquela pessoa que se torna mais rica, famosa ou bem-sucedida profissionalmente. Para nós o que importa é ver nossos alunos trilhando os caminhos do bem e do bom exemplo.

Uma curiosidade sobre professores é que muitas vezes temos medo de demonstrar aos nossos pupilos o quanto eles são importantes e nos encham de orgulho. Acreditamos que o excesso de mimo pode “estragá-los”. Porém em nosso coração e muitas vezes silenciosamente ficamos exultantes com cada avanço de um aprendiz.

Sei que nem todos os mestres são assim, é até uma bobagem esse regime forçado de afeto, mas vergonhosamente confesso que “eu sou dessas”. Quando penso em Anderson sinto um orgulho danado, rapaz de saúde frágil de quem acompanhei a luta desde o sexto ano, embora tudo apontasse para sua desistência, ele seguia firme. Assim, chegou no terceiro ano do Curso Técnico em Informática...

Sem dúvidas não era o aluno mais aplicado ou participativo. As vezes no canto da sala tirava um cochilo mexendo no celular ou desenhando, porém nunca desistiu de estar ali, pois só ele e outros poucos, inclusive eu, sabiam o ato de resistência que era sua permanência na escola.

O imponderável que é aquilo que a gente não escolhe ou prevê quis que ele se fosse antes que eu pudesse vê-lo “se formar”, no entanto isso não reduz em nada o orgulho que eu sentia dele (nunca confessado), e a crença de que ele sempre será um Aluno Exemplar.

¹⁸ O aluno Anderson dos Santos Silva que participou de todas as etapas da intervenção descrita, e é coautor de uma das *fanfic* da coletânea, faleceu em acidente de trânsito no dia 19/02/2020.

ANEXO A - Fanfic “A Garota da Capa Vermelha”

A garota da capa vermelha

Autor(es): biscoit4

Sinopse

A Lenda do Lobo sempre rondou o vilarejo, fazendo os moradores temerem o bosque. Da mais nova das crianças até o mais velho dos anciões sabiam da tal lenda, e a maioria acreditava.

Menos A garota da capa vermelha. Ela sempre se aventurara no bosque. Sabia que não tinha lobos naquela região.

Era isso que pensava. Mas e se em uma noite tudo que ela pensa não existir se tornasse real? E se realmente existir um lobo no bosque?

Aviso Legal

Alguns dos personagens encontrados nesta história e/ou universo não me pertencem, mas são de propriedade intelectual de seus respectivos autores. Os eventuais personagens originais desta história são de minha propriedade intelectual. História sem fins lucrativos criada de fã e para fã sem comprometer a obra original.

1. O bosque

Notas do Autor

Olá pessoas!

Essa é minha primeira história, então me desculpem caso não esteja tão boa.

Gostaria de esclarecer algumas coisas:

- Eu não dei um nome específico a personagem, então sintam-se livres para imaginarem o nome que vocês quiserem.

- Eu me inspirei no livro A garota da capa vermelha e no conto popular da Chapeuzinho vermelho, mas eles serviram apenas de inspiração, pois a história é bem diferente de qualquer um dos dois.

Bem, acho que é só isso. Espero que gostem!

Eu realmente não deveria estar aqui. Pensei enquanto caminhava pelo bosque. Ainda que a noite estivesse clara por causa da lua cheia, andar por aí sozinha não é uma das melhores coisas a se fazer.

Desde pequena eu sempre fui a encarregada de levar morangos para a vovó. Minha mãe, sendo dona de casa e com uma filha para sustentar, tinha que arranjar uma forma de sobreviver. Sendo assim, ela plantava morangos no quintal de casa e vendia-os na feira.

Em uma das minhas idas à casa da vovó, ela me deu um capuz vermelho de presente e desde então todos no vilarejo me conhecem como **A garota da capa vermelha**.

Eu gostava de morar no vilarejo. A maioria das pessoas eram gentis comigo e com minha mãe. Mas, como sempre, nem tudo é perfeito. Normalmente, quando eu andava pelas ruas, sempre tinha algum cara idiota que ficava tentando chamar minha atenção. Por ter cabelos longos, pretos como a noite, e olhos da mesma cor, muitos garotos tinham interesse em mim, mas eu nunca dei muita bola. Não precisava de homem nenhum na minha vida.

Por mais que o vilarejo fosse legal, tinha uma coisa que me incomodava. A maioria das pessoas mais velhas acreditavam em uma lenda absurda. Essa lenda diz que, na parte mais escura do bosque, existe um lobo que devora a todos que por ali passam. Que baboseira. Eu já passara

por este bosque milhares de vezes e nunca vi lobo algum. Não passava de uma história para assustar crianças.

Até mesmo minha mãe acreditava nessa tal lenda. Por isso sempre mandava eu ir para a casa da vovó pela trilha que os moradores usavam. Mas era muito longe, então eu sempre pegava o caminho pelo bosque. *Já tenho 16 anos, não sou mais uma criança!*

Normalmente, eu sempre vou deixar os morangos na casa da vovó pela tarde. Mas hoje eu acabei perdendo a hora na feira, já que minha mãe está doente e não pôde ir. Então tive que ir agora à noite.

Eu só não esperava que seria tão assustador. Tudo estava tão silencioso e quieto. Nem mesmo os animais faziam barulho. Por mais que eu passasse por aqui todos os dias, nunca tinha saído a noite.

Só espero que o "lobo" não venha me pegar. Ri com o pensamento.

Mas me arrependi instantaneamente no momento em que o silêncio do bosque foi rompido com um uivo. E estava perto.

Eu paralisei completamente. Meu sangue pareceu congelar e meu coração batia tão forte que chegava a doer.

O que? Não existem lobos no bosque. É só uma lenda para assustar as crianças.

Era isso que eu pensava. Até ver uma sombra escura sair de trás de um dos arbustos e parar alguns passos a minha frente.

Não pode ser. Pensei. Mas era. Bem na minha frente, aquilo que eu julgava ser invenção, se tornou real diante dos meus olhos.

Era um lobo.

Com seu pelo escuro como a noite, e mais ou menos um metro e meio de altura, ele me encarava com olhos amarelados. A boca se abriu e ele exibiu seus dentes, um rosnado profundo ecoando do fundo da garganta. Pronto para atacar.

A cesta de morangos caiu da minha mão. O vento soprava, fazendo minha capa esvoaçar.

Pensei em correr, mas meu corpo não me obedecia. Não que eu fosse ter alguma chance contra as patas velozes do animal à minha frente.

O lobo começou a andar devagar em minha direção. Faça alguma coisa, vamos. Mas não conseguia me mexer.

E então o lobo atacou.

Ele pulou contra mim e eu senti suas patas contra meu peito, me empurrando de encontro ao chão.

Por um momento ele apenas rosnou contra meu rosto, e pude sentir seu bafo. Tinha cheiro de sangue. Cheiro de morte.

Um grito atravessou minha garganta, cortando a noite. Meu corpo começou a responder novamente e tentei me debater. Mas o lobo era muito pesado e nem se moveu, apenas voltou a rosnar.

Lágrimas pesadas já escorriam de meus olhos.

As batidas do meu coração enchiam meus ouvidos. Vou morrer. Não tenho chances.

E pelo visto, eu estava certa.

O lobo mordeu meu pescoço, e a dor foi tanta que minha visão ficou turva, e comecei a ver tudo vermelho. Era sangue.

O lobo pareceu não gostar dessa região, e senti seu focinho descer de encontro à minha barriga. Novamente, a dor insuportável voltou a tomar conta do meu corpo.

Ele deve ter aprovado essa região, pois começou a estraçalhá-la. Senti minhas entranhas se revirarem enquanto o lobo as arrancava.

Olhei para o céu e tive um vislumbre da lua. Tão cheia e com um tom avermelhado. Talvez por causa do sangue em meus olhos.

De repente, vi um tecido vermelho voando. Minha capa.

A última coisa da qual me lembro, é de ver olhos amarelados me encarando. Logo em seguida um uivo cortou a noite e pude ouvir os passos pesados do lobo ao se afastar, me deixando sozinha. *Até que enfim.*

Então, vi uma luz. Ela me deixava em paz, me acalmava. A dor abandonou meu corpo.

Acho que chegou a hora.

As lágrimas inundaram meu rosto. Ah, mãe, se eu tivesse acreditado em você, talvez isso não tivesse acontecido. Eu sinto muito.

E tudo escureceu.

Pelo que parece, **A garota da capa vermelha** começou a acreditar na lenda.

Cuidado com o lobo.

ANEXO B - Mensagens musicais da dinâmica leitura doce

*1-Tudo que você tem não é seu
Tudo que você guardar
Não lhe pertence
Nunca lhe pertencerá
(Só é seu aquilo que você
dá. Por isso, doe o bombom
ao seu colega de número 2
como gesto de
generosidade).*

*2-Tudo que você tem não é seu
Tudo que você guardar
Pertence ao tempo,
que tudo transformará
(Só é seu aquilo que você dá.
Então, dê seu bombom ao colega
de número 3 como gesto de
desapego).*

*3- Tudo aquilo que você
não percebeu
Tudo que não quis olhar
É como o tempo
Que você deixou passar
(Só é seu aquilo que você
dá. Agora que já conhece o
jogo, doe o bombom para o
colega de número 4 como
gesto de atenção).*

*4- Tudo aquilo que você
escondeu
Tudo que não quis mostrar
Deixe que o tempo, com o
tempo
Vai revelar
(Só é seu aquilo que você
dá. Não tem mais mistério,
adoce a vida de seu colega
de número 5 como gesto de
resiliência).*

5- O beijo que você deu
 É seu, é seu
 É seu beijo...
 (Só é seu aquilo que você
 dá. Por fim, doe seu
 bombom ao colega de
 número 6 e, junto com ele,
 dê um beijo respeitoso no
 rosto como gesto de
afeição).

6- Quando não tiver mais
 nada
 Nem chão, nem escada
 Escudo ou espada
 O seu coração... Acordará
 (Mostre que seu coração
 está acordado doando seu
 bombom para o colega de
 número 7 como gesto de
liberdade).

7- Quando estiver com tudo
 Lã, cetim, veludo
 Espada e escudo
 Sua consciência...
 Adormecerá
 (Mostre que sua
 consciência nunca dorme
 doando seu bombom para o
 colega de número 8 como
 gesto de sensatez).

8- E acordará no mesmo
 lugar
 Do ar até o arterial
 No mesmo lar, no mesmo
 quintal
 Da alma ao corpo material
 (Mostre que seu coração
 está acordado e doe o
 bombom para o colega de
 número 9 como gesto de
despertar).

*9- Quando não se tem mais
nada*

Não se perde nada

Escudo ou espada

*Pode ser o que se for, livre
do temor*

*(Mostre que você é
vencedor e doe o seu
bombom para o colega de
número 10 como gesto de
coragem).*

*10- Quando se acabou com
tudo*

Espada e escudo

Forma e conteúdo

*Já então agora dá, para dar
amor*

*(Mostre que seu coração
tem bons sentimentos e doe
o seu bombom para o
colega de número 11 como
gesto de amor).*

*11- Amor dará e receberá
Do ar, pulmão; da lágrima,
sal*

Amor dará e receberá

*Da luz, visão do tempo
espiral*

*(Mostre que você tem visão
e doe seu bombom ao
colega de número 12 como
gesto de sagacidade).*

*12- E quando não tiver
mais nada*

Nem chão, nem escada

Escudo ou espada

*O seu coração... Acordará
(Mostre que você é solidário
e doe seu bombom ao
colega de número 13 como
gesto de doação).*

**13- Quando estiver com
tudo**

Lã, cetim, veludo

Espada e escudo

Sua consciência...

Adormecerá

**(Mostre que você é
consciente e doe seu
bombom ao colega de
número 14 como gesto de
inteligência).**

14- Anda!

Quero te dizer nenhum

segredo

**Falo desse chão, da nossa
casa**

**Vem que tá na hora de
arrumar.**

**(O mundo precisa de
pessoas dispostas a
cooperar, por isso doe o
bombom ao colega de
número 15 para demonstrar
a sua parceria).**

15- Tempo!

**Quero viver mais duzentos
anos**

**Quero não ferir meu
semelhante**

**Nem por isso quero me ferir
(Cuidar de si é também
cuidar do outro, então já
que está com dois bombons,
doe um para o colega de
número 16 como prova de
cuidado).**

**16- Vamos precisar de todo
mundo**

**Pra banir do mundo a
opressão**

**Para construir a vida nova
Vamos precisar de muito
amor**

**A felicidade mora ao lado
E quem não é tolo pode ver
(Reconhecer que precisa do
outro é qualidade dos
humildes. Por isso doe o
bombom ao seu colega de
número 17 como gesto de
humildade).**

17-A paz na Terra, amor

O pé na terra

A paz na Terra, amor

O sal da

Terra!

És o mais bonito dos
planetas

Tão te maltratando por
dinheiro

Tu que és a nave nossa
irmã (Somos todos irmãos
nesse plano, então doe um
bombom ao seu colega de
número 18 como gesto de
irmandade).

18- Canta!

Leva tua vida em harmonia

E nos alimenta com seus
frutos

Tu que és do homem, a
maçã

("Quem canta seus males
espanta"! Por isso, doe um
bombom ao seu colega de
número 19 como prova de
alegria).

19- Vamos precisar de todo
mundo

Um mais um é sempre mais
que dois

Pra melhor juntar as nossas
forças

É só repartir melhor o pão

Recriar o paraíso agora

Para merecer quem vem
depois

(Repartir é qualidade de
quem tem bom coração. Por
isso, doe seu bombom ao
colega de número 19 como
prova de gratidão).

20- Deixa nascer, o amor

Deixa fluir, o amor

Deixa crescer, o amor

Deixa viver, o amor

O sal da terra

(Mostre que você não quer
mais do que precisa e doe
seu bombom para o colega
de número 1 como gesto de
união).

De mãos dadas com ele,
encontre um presente
especial para toda a turma).

ANEXO C - Coletânea dos textos utilizados

Branca de Neve e os Sete Anões

Por: Irmãos Grimm

Era Há muito e muito tempo, bem no meio do inverno, quando os flocos de neve caíam do céu leves como plumas, uma rainha estava sentada costurando junto a uma janela com esquadrias de ébano. Costurava distraída, olhando os flocos de neve que caíam lá fora e, por isso, espetou o dedo com a agulha e três gotas de sangue caíram na neve. Aquele vermelho em cima do branco ficou tão bonito que ela pensou: "Eu queria ter um neném assim, que fosse branco como a neve, vermelho como o sangue e negro como a madeira da moldura desta janela."

Algum tempo depois, ela teve uma filha, que era branca como a neve, vermelha como o sangue e tinha cabelos negros como o ébano. Deram a ela o nome de Branca de Neve, mas, quando ela nasceu, a rainha morreu.

Um ano mais tarde, o rei casou de novo. A nova rainha era linda, mas muito orgulhosa e prepotente; tão vaidosa que não podia suportar a ideia de que alguém pudesse ser mais bonita do que ela. Tinha um espelho mágico e gostava de se olhar nele e perguntar:

- Espelho, espelho, vem já e me diz, quem é a mais linda de todo o país?

E o espelho respondia:

- Senhora Rainha, tu és a mais linda de todo o país.

Então ela ficava satisfeita, porque sabia que o espelho dizia sempre a verdade.

Mas, à medida que Branca de Neve crescia, ia ficando cada vez mais bonita e, quando tinha sete anos, já era tão bela quanto o dia e mais bonita do que a própria rainha. Um dia, quando a rainha perguntou ao espelho:

- Espelho, espelho, vem já e me diz, quem é a mais linda de todo o país?

O espelho respondeu:

- Senhora Rainha, tu és a mais linda que está aqui, mas Branca de Neve é mil vezes mais linda que todas as lindas que há por aí.

A rainha engoliu em seco, ficou amarela e verde de inveja. Cada vez que ela olhava para Branca de Neve, depois disso, tinha tanto ódio dela que seu sangue até fervia no peito. A inveja e o orgulho cresceram como ervas daninhas dentro do coração da rainha até que ela não conseguia ter um momento de sossego, nem de noite nem de dia. Finalmente, mandou chamar um caçador e disse:

- Suma com essa menina da minha frente. Quero que você a leve para o fundo da floresta e a mate. Para provar que você fez mesmo isso, traga-me os pulmões e o fígado dela.

O caçador obedeceu. Levou a menina para a floresta, mas, quando puxou seu facão de caça e se preparava para atravessar o coração inocente de Branca de Neve, ela começou a chorar e disse:

- Por favor, querido caçador, deixe-me viver. Eu fujo para o fundo do mato e nunca mais volto para casa...

Ela era tão bonita que o caçador ficou com pena e disse:

- Está bem, menina, pobre coitada. Fuja!

Mas, para si mesmo, pensou: "Num instante os animais selvagens vão devorá-la." Porém, como nesse caso não era ele mesmo quem ia matar a criança, isso já tirava um peso enorme de cima dele. Logo depois, um filhote de javali saiu correndo do mato. O caçador meteu a faca nele, tirou os pulmões e o fígado e os levou para a rainha, como prova de que tinha cumprido sua missão. A malvada mandou o cozinheiro salgar e assar esses miúdos e comeu tudo, certa de que estava comendo os pulmões e o fígado de Branca de Neve.

Enquanto isso, a pobre menina estava sozinha no meio da grande floresta. Apavorada, ela se assustava com todas as folhas das árvores e não sabia para onde ir. Começou a correr. Correu,

correu, por cima de pedras afiadas e pelo meio de moitas de espinhos e os animais ferozes passavam por ela sem fazer mal nenhum. Correu enquanto as pernas aguentaram até que, finalmente, pouco antes de anoitecer, avistou uma casinha e entrou nela para descansar.

Lá dentro tudo era pequenininho, mas limpo de fazer gosto. A mesa estava posta com uma toalha branca e sete pratinhos, cada um com sua faca, seu garfo, sua colher e sete canequinhas. Do outro lado, junto à parede, havia sete caminhas enfileiradas, cobertas por lençóis brancos imaculados. Branca de Neve estava morrendo de fome e sede, mas não queria comer a comida toda de ninguém, por isso comeu um pouquinho de pão e de legumes de cada prato e bebeu um gole de vinho de cada caneca. Depois estava tão cansada que resolveu se deitar em uma das camas, mas nenhuma servia exatamente para ela - algumas eram compridas demais, outras eram curtas demais, até que a sétima era do tamanho perfeito. Resolveu ficar por ali, rezou suas orações e caiu no sono.

Quando já estava bem escuro, chegaram os donos da casa. Eram sete anões que, todos os dias, iam para as montanhas minerar prata, com suas pás e picaretas. Acenderam suas sete velinhas e, quando tudo ficou iluminado, eles perceberam que alguém tinha estado por ali, porque algumas coisas estavam fora do lugar. O primeiro disse:

- Quem sentou na minha cadeira?

E o segundo:

- Quem comeu no meu prato?

E o terceiro:

- Quem deu uma dentada no meu pão?

E o quarto:

- Quem andou beliscando os meus legumes?

E o quinto:

- Quem usou o meu garfo?

E o sexto:

- Quem cortou com minha faca?

E o sétimo:

- Quem bebeu na minha caneca?

Depois, o primeiro olhou em volta e viu que a cama dele estava amassada, como se tivesse uma coisa cavada no meio e perguntou:

- Quem deitou na minha cama?

Os outros vieram correndo e gritaram:

- Alguém deitou na minha cama também!

Mas quando o sétimo olhou para a cama dele, viu que Branca de Neve ainda estava deitada lá, dormindo. Chamou os outros, que chegaram num instante. Começaram a gritar muito espantados, foram buscar as velas e as levantaram bem alto por cima de Branca de Neve:

- Deus do céu! - gritaram - Deus do céu! Que menina tão linda!

Ficaram tão maravilhados com ela que nem a acordaram, mas deixaram que ela continuasse dormindo na caminha. O sétimo anão dormiu com seus companheiros, uma hora com cada um e depois a noite já tinha acabado.

Na manhã seguinte, Branca de Neve acordou e, quando viu os sete anões, levou um susto. Mas eles foram muito simpáticos, com um jeito amigo e perguntaram:

- Qual é o seu nome?

- Meu nome é Branca de Neve - respondeu ela.

- Como é que você veio parar na nossa casa? - os anões quiseram saber.

Então ela contou a eles tudo o que tinha acontecido, como a madrasta queria matá-la, como o caçador poupou a vida dela, como ela tinha caminhado o dia todo até que, finalmente, encontrou a casinha deles. Os anões disseram:

- Se você tomar conta de nossa casa, cozinhar para nós, fizer as camas, lavar, costurar e cerzir as nossas roupas e deixar tudo bem limpinho e arrumado sempre, pode ficar morando conosco e nunca vai lhe faltar nada.

- Que bom! - disse Branca de Neve - Eu ia adorar...

E foi assim que ela ficou tomando conta da casa. Todas as manhãs eles saíam para a montanha, para garimpar ouro e prata e, todas as noites, voltavam para casa e ela tinha que ter feito o jantar. Mas ela passava o dia todo sozinha e os bondosos anões acharam bom avisar:

- Muito cuidado com sua madrasta. Ela vai descobrir logo que você está aqui. Não deixe ninguém entrar nunca.

Pois bem, a rainha que pensava ter comido os pulmões e o fígado de Branca de Neve, agora tinha certeza de que era a mais bonita do lugar. Foi até diante do espelho e perguntou:

- Espelho, espelho, vem já e me diz, quem é a mais linda de todo o país?

E o espelho respondeu:

- Senhora Rainha, tu és a mais linda que está aqui, mas Branca de Neve, que já foi-se embora com os sete anões, na montanha onde mora, é mil vezes mais linda que todas as lindas que há por aí.

A rainha engoliu em seco. Como ela sabia que o espelho não mentia nunca, compreendeu que o caçador a enganara e que Branca de Neve ainda estava viva. Ficou então pensando sem parar, imaginando que jeito podia dar para matar a menina, porque ela tinha que ser a mulher mais linda do mundo... Se não, a inveja não ia deixá-la em paz. Afinal, acabou fazendo um plano. Sujou o rosto todo e se vestiu como se fosse uma velha vendedora ambulante, para que ninguém pudesse reconhecê-la. Com esse disfarce, atravessou as sete montanhas até a casa dos sete anões, bateu na porta e anunciou:

- Belas coisas para vender! Quem quer comprar? Bonito e barato!

Branca de Neve olhou pela janela e perguntou:

- Bom dia, minha boa velha, que é que a senhora tem para vender?

- Corpetes lindos, de todas as cores - respondeu ela. E estendeu um corpete brilhante, tecido em seda colorida.

"Esta senhora tem um ar tão honesto," pensou Branca de Neve, "não pode fazer mal se eu deixar que ela entre..." Por isso, abriu a porta e comprou o belo corpete.

- Minha filha, você está toda mal-ajambrada! - disse a velha - Venha cá, deixe que eu dê o laço direito...

Sem desconfiar de nada, Branca de Neve se aproximou dela e deixou que a velha a vestisse e amarrasse o corpete novo. Mas ela teve um gesto tão rápido e apertou tanto o cadarço do colete, que Branca de Neve ficou sem fôlego e caiu como se tivesse morrido.

- Muito bem, - disse a rainha - agora você não é mais a mais linda do mundo.

E foi embora correndo. Um pouco mais tarde, quando caiu a noite, os sete anões voltaram para casa. Ficaram horrorizados ao ver sua adorada Branca de Neve caída no chão! Ela estava tão imóvel que eles pensaram que ela estivesse morta. Levantaram-na com cuidado e, quando viram que a roupa estava apertada demais, cortaram o corpete. Com isso, ela respirou um pouquinho e, bem devagar, foi voltando à vida. Quando os anões ouviram o que tinha acontecido, disseram:

- É claro que essa velha vendedora era a rainha malvada e mais ninguém. Você tem que ser mais cuidadosa e não pode deixar ninguém entrar em casa.

Quando a malvada chegou em casa, foi direto para a frente do espelho perguntar:

- Espelho, espelho, vem já e me diz, quem é a mais linda de todo o país?

E o espelho respondeu, como sempre:

- Senhora Rainha, tu és a mais linda que está aqui, mas Branca de Neve, que já foi-se embora com os sete anões, na montanha onde mora, é mil vezes mais linda que todas as lindas que há por aí.

Quando ouviu isso, a rainha sentiu um aperto tão grande no peito que parecia que o sangue ia ferver, pois compreendeu que Branca de Neve ainda estava viva.

- Mas não faz mal... - disse - Desta vez vou pensar em alguma coisa que vai mesmo destruir você de uma vez por todas...

Com a ajuda de uns encantamentos mágicos que conhecia, fez um pente envenenado.

Depois se disfarçou de novo, como se fosse outra velhinha. E, mais uma vez, atravessou as sete montanhas até a casa dos sete anões, bateu na porta e disse:

- Belas coisas para vender! Quem quer comprar? Bonito e barato!

Branca de Neve olhou pela janela e disse:

- Vá embora! Não posso deixar ninguém entrar.

- Mas você pode olhar, não pode? - perguntou a velha, mostrando o pente.

A menina gostou tanto dele que esqueceu de tudo e abriu a porta. Combinaram o preço e aí a velha disse:

- Agora eu vou pentear você direitinho.

Sem desconfiar de nada, Branca de Neve ficou bem quieta, deixando que a velha a penteasse, mas, assim que o pente tocou seu cabelo, o veneno fez efeito e ela caiu desmaiada, como se estivesse morta.

- Aí está, minha beleza, - disse a malvada - agora vai ser o seu fim.

E foi-se embora. Mas, felizmente, a noite já vinha caindo e logo os anões chegaram em casa. Quando viram Branca de Neve caída no chão como se estivesse morta, imediatamente desconfiaram da madrasta. Examinaram Branca de Neve com cuidado e encontraram o pente envenenado. Assim que o arrancaram dos cabelos dela, a menina despertou e contou como tudo tinha acontecido. Mais uma vez, eles avisaram que ela precisava ter cuidado e não devia abrir a porta para ninguém. Quando a rainha chegou ao castelo, foi direto para o espelho e perguntou:

- Espelho, espelho, vem já e me diz, quem é a mais linda de todo o país?

O espelho respondeu do mesmo jeito que antes:

- Senhora Rainha, tu és a mais linda que está aqui, mas Branca de Neve, que já foi-se embora com os sete anões, na montanha onde mora, é mil vezes mais linda que todas as lindas que há por aí.

Quando ouviu o espelho dizer isso, ela tremeu e se sacudiu de raiva, gritando:

- Branca de Neve tem que morrer! Mesmo que isto custe a minha própria vida.

Então ela foi até um quarto secreto e isolado onde ninguém entrava, nem se sabia que existia e fez uma maçã muito venenosa. Tinha um aspecto tão bonito por fora, branca com faces vermelhas, que qualquer pessoa que a visse ia querer comer. Mas qualquer um que comesse um pedacinho ia morrer. Quando a maçã ficou pronta, ela sujou bem o rosto e se disfarçou de camponesa. E, mais uma vez, atravessou as sete montanhas até a casa dos sete anões. Bateu na porta e Branca de Neve pôs a cabeça para fora da janela.

- Não posso deixar ninguém entrar. Os anões não querem.

- Não faz mal - disse a camponesa - eu só quero me livrar dessas maçãs. Tome. Eu lhe dou uma de presente.

- Não posso - disse Branca de Neve - não posso aceitar nada.

- Você está com medo de que esteja envenenada? - perguntou a velha - Bobagem... Veja, vou cortar a maçã pelo meio. Você fica com a banda vermelha e eu fico com a banda branca.

Mas a maçã tinha sido tão bem feita que só a banda vermelha é que tinha veneno. Branca de Neve estava morrendo de vontade de comer a maçã e, quando viu a camponesa dando uma dentada na fruta, não conseguiu resistir. Estendeu a mão e pegou a metade envenenada. Assim que deu uma mordida, caiu morta no chão. A rainha deu um olhar cruel, uma gargalhada terrível e disse:

- Branca como a neve, vermelha como o sangue, negra como o ébano... Desta vez os anões não vão conseguir reviver você...

E, quando chegou ao castelo, perguntou ao espelho:

- Espelho, espelho, vem já e me diz, quem é a mais linda de todo o país?

E o espelho finalmente respondeu:

- Senhora Rainha, tu és a mais linda de todo o país.

Então seu coração invejoso ficou sossegado - se é que um coração invejoso pode ficar sossegado. Quando os anões voltaram para casa ao cair da noite, encontraram Branca de Neve caída no chão. Não saía nem um pouco de hálito de sua boca e ela estava morta realmente.

Eles a levantaram, procuraram bem para ver se encontravam alguma coisa venenosa, afrouxaram as roupas dela, despentearam o cabelo, lavaram a menina com água e vinho, mas não adiantou nada - sua bem-amada estava morta e morta ficou. Puseram-na numa maca, sentaram-se todos em volta, choraram e se lamentaram durante três dias. Depois iam enterrá-la. Mas ela ainda tinha aspecto fresco e cheio de vida e continuava com suas lindas bochechas vermelhas.

- Não podemos botar essa menina na terra escura - disseram.

Então fizeram um caixão transparente, de vidro, de modo que ela pudesse ser vista de todos os lados. Deitaram Branca de Neve no caixão e escreveram o nome dela em letras de ouro, acrescentando que ela era filha de um rei. Depois puseram o caixão no alto de uma colina e um deles sempre ficava ao lado, montando guarda. E os pássaros foram chegando e também choraram por Branca de Neve; primeiro uma coruja, depois um corvo e depois uma pomba.

Branca de Neve ficou no caixão por muitos e muitos anos. Ela não se decompunha e parecia dormir, continuando sempre branca como a neve, vermelha como o sangue e negra como o ébano. Até que um dia um príncipe veio por aquela floresta e parou para passar a noite junto à casa dos sete anões. Viu o caixão no alto da colina, viu a linda Branca de Neve dentro dele, leu as letras de ouro no caixão. Então, disse aos anões:

- Eu quero esse caixão, por favor. Pagarei por ele o quanto vocês pedirem.

Mas os anões responderam:

- Não nos separaríamos dele nem por todo o dinheiro do mundo.

- Então, por favor, me deem o caixão, - insistiu ele - porque não vou poder continuar vivendo se não puder ficar olhando Branca de Neve. Vou honrá-la e respeitá-la para sempre.

Aí os anões ficaram com pena e resolveram dar o caixão a ele. Quando os criados do príncipe o levantaram e foram carregá-lo nos ombros, um deles tropeçou numa raiz. Com o tropeção, o pedaço envenenado da maçã que ela havia comido se soltou da garganta, Branca de Neve desengasgou, abriu os olhos, levantou a tampa do caixão, sentou e voltou à vida.

- Onde é que eu estou? - perguntou.

- Está comigo! - respondeu o príncipe, todo alegre.

Então ele contou o que tinha acontecido e disse:

- Eu amo você mais do que qualquer outra coisa no mundo. Venha comigo até o castelo de meu pai e vamos nos casar.

Branca de Neve também se apaixonou pelo príncipe e foi com ele. Começaram logo os preparativos para uma festa maravilhosa de casamento. A madrasta malvada de Branca de Neve também foi convidada. Depois de se arrumar toda, com suas roupas mais bonitas, foi para a frente do espelho perguntar:

- Espelho, espelho, vem já e me diz, quem é a mais linda de todo o país?

O espelho respondeu:

- Senhora rainha, tu és a mais linda que está aqui, mas a jovem rainha é mil vezes mais linda que todas as lindas que há por aí.

Ouvindo isso, a malvada xingou e amaldiçoou. Ficou tão horrorizada que não sabia o que fazer. Primeiro não queria ir ao casamento, mas não podia resistir à curiosidade de ver a jovem rainha.

No momento em que entrou no salão, reconheceu Branca de Neve e ficou tão apavorada que nem conseguiu se mexer. Mas já tinham mandado botar dois sapatinhos de ferro na brasa. Alguém os tirou de lá com uns tenazes e os pôs diante dela, que foi obrigada a calçar os sapatinhos em brasa e dançar até cair morta.

Conto em cordel Branca de Neve

Adaptação: Varnecy Nascimento

Certa vez uma criança
Disse: - O poeta me deve uma história em cordel,
Bonita, atraente e leve.
Quando perguntei: - Qual era?
Responde: - Branca de Neve!

No inverno, a rainha
Atenta a neve olhou.
Distraída, no caixilho
De ébano se machucou,
E três gotinhas de sangue
Na neve ali salpicou.

Ela disse: - Eu queria
Uma filha muito bela,
Tão branca como a neve,
Vermelhinha, a cor dela,
Cabelo negro igualmente
À moldura da janela.
E desse jeito a sua
Filhinha um dia nasceu:
Que da própria mãe bebeu.
Face rosada e cabelo
Igual ébano enegreceu!
Por isso a menina foi
Branca de Neve chamada.
Mas a sua mãe morreu,
Ficou quase abandonada,
Por uma madrasta ruim
Passou a ser maltratada.
Por fora uma mulher linda,
Por dentro muito horrorosa.
Não suportava a ideia
De ter alguém mais formosa.

No espelho mágico foi
Perguntar, toda orgulhosa:
- Oh espelho, espelho meu,
Responda em um segundo:
Há alguém mais bela que
Eu nesse globo rotundo?
-De jeito nenhum, rainha.

És a mais bela do mundo!

Aos sete anos de idade,
A menininha já era
Mais bela que a rainha.

O espelho a fez uma fera,
Dizendo: - Branca de Neve
No encanto lhe supera!

Ao ouvir isso, zangou-se,
De raiva empalideceu.
Invejosa, deu um grito,
Ordenando a um servo seu:
-Leve Branca à floresta
Dê-lhe fim, que mando eu!

O servo assim o fez,
Porém na mata implorou:
-Oh, homem, me deixa vida!
Comovido ele a deixou,
Pensando que as feras iam
Comê-la lhe abandonou
Mas quando as feras a viram,
Nenhuma quis lhe atacar.
Até que à noite pôde
Numa casinha chegar,
Com seus pezinhos cansados,
Entrou para repousar.

Casa limpa, mesa posta,
Contendo sete pratinhos,
Facas, garfos arrumados,
Junto com sete copinhos,
Sete caminhas bonitas,
De pães sete pedacinhos!

Faminta de cada prato
Pedaço de pão tirou,
Dos sete copos de vinho
Um pouquinho experimentou,
Em todas sete caminhas
Branca de Neve deitou.

Até que os sete anõeszinhos,
Donos da casa, chegaram.
Acendendo as lanterninhas,
Mudanças logo notaram:
Tudo estava diferente
Da maneira que deixaram.

- Quem beliscou o meu pão?
- Quem sentou no meu banquinho?
- Quem usou minha colher?
- Quem comeu no meu pratinho?
- Quem cortou com a minha faca?
- Quem pegou no meu garfinho?

Nisso o sétimo avistou
Aquele bela mimosa.
Dormindo em sua caminha,
Não acordou a garbosa,
Apenas disse: - Oh céus,
Que criancinha formosa!

De manhã, Branca de Neve
Pôde a história contar.
Com pena eles disseram:
- Conosco pode ficar.
Buscamos ouro e você
Vai lavar e cozinhar.

A madrasta já pensava:
“Branca de Neve morreu! ”.
De novo foi ao espelho,
Perguntando: - Espelho meu,
Haverá no mundo alguém
Mais bonita do que eu?

Do mundo é a mais bela,
Mas à sombra da ramada,
Onde os sete anões fizeram
Nas colinas a morada,
Por Branca de Neve, linda,
A rainha é superada.

Alarmada, em mendiga
A rainha se disfarçou.
Depois subiu as colinas,
Bateu na porta e chamou:
- Vendo linhas coloridas!
A menina impressionou.

Branca então abriu a porta.
A maldosa com destreza
Amarrou nela uns cordões
Que desmaiou a princesa
Deixando-a sem fôlego disse:
- Acabou sua beleza!
Os sete anões, ao voltarem,

A viram imóvel no chão
E, percebendo o que era,
Cortaram logo o cordão.
Recuperou os sentidos,
Voltou-lhe a respiração.

Eles disseram: - A mendiga
Deste reino é a senhora.
Por isso, tome cuidado
Quando a gente estiver fora!
A maldosa com o espelho
Já falava nessa hora:
- Poderá haver no mundo
Outra bela igual a mim?
- Soberana, onde os anões
Moram, creia, existe sim!
Uma menina lindíssima
E com encanto sem fim.

O seu coração gelou
Pelo mal contaminado.
Se disfarçou e partiu
Praticar o mal pensado,
Levando, para vender,
Um pente envenenado!

- Quer comprar lindos artigos?
Na porta pegou a gritar,
Mas Branca de Neve disse:
- Não ouse deixá-la entrar...
- Então pegue este pente
Pra você se pentear.

Pegou inocentemente
No cabelo, sem demora.
Passou, caiu sem sentido
De si, totalmente fora.
- Aí mesmo fica e morre!
Disse a bruxa e foi embora.

Por sorte, os sete anões
Da mina voltaram cedo.
Acharam Branca caída
E descobriram o segredo.
Tirando o pente, a menina
Voltou ao normal sem medo!

A rainha, no palácio, ao espelho consultou
Sobre a sua boniteza,
E este reafirmou:

- Branca de Neve em beleza
Muito já lhe superou!

- Porém não vai escapar
De morrer nessa investida.
Uma maçã vermelhinha,
Com um veneno homicida,
Levou e dou para ela
Nem que me custe a vida.

Vestida de camponesa,
Na casinha dos anões
Lá se foi bater de novo,
Repleta de maldições
E a menina caiu
De novo nas armações.

- Não vou lhe deixar entrar,
Fique aí mesmo na frente.
- Faça como achar melhor,
Mas aceite o meu presente,
Esta maçã tão gostosa.
- Não desejo, nem me tente!
- Do que tens medo, menina?
Pois não está estragada.
-Coma uma parte, e eu, outra.
A velha deu uma dentada
Na metade boa e deu-lhe
A parte envenenada.

Branca de Neve tentada
Pela bonita aparência
Da maçã apetitosa,
Não teve mais resistência
Quando colocou na boca,
Caiu morta de dormência.

- Ninguém poderá salvá-la,
Sua vida aqui se encerra.
Foi de novo ao seu espelho,
Crendo que este não erra,
E finalmente afirmou:
És a mais bela da Terra.

Seu coração invejoso
Assim ficou satisfeito.
Os anõezinhos, ao verem
O que haviam lhe feito,
Tentaram reanimá-la.
Contudo, não teve jeito.

Colocaram-na de pé,
Seus cabelos pentearam,
E por três dias inteiros
Com cuidado lhe guardaram.
Decidiram enterrá-la,
E num caixão a botaram.

Mas as maçãs de seu rosto
Continuavam rosadas.
Suas faces pareciam
A cada dia mais avivadas,
E seu nome no caixão
Fizeram em letras douradas.

Seu ataúde de vidro
Levaram para a colina.
Os sete anões vigiavam
O corpinho da menina.
Coruja, corvo e pomba
Choravam a sua sina.

E assim por muito tempo
Parecia adormecida,
Vermelha igual a sangue,
Como ébano enegrecida.
Nisso apareceu um príncipe
Para salvar sua vida.

Ao ler as letras douradas,
Viu sua origem real.
Ele ofereceu dinheiro,
Cada anãozinho leal
Rejeitou essa proposta,
Porque achava ser mal.

Mas o príncipe insistiu tanto
Que lhe deram de presente.
Enquanto ele a levantava,
A maçã caiu de repente
Dos lábios, e a menina
Ficou sã rapidamente.

Despertou, disse: - Onde estou?
Por certo coro perigo?
- Não querida- disse o príncipe. –
Estás a salvo comigo.
Amo-te, vais ao palácio
Para me casar contigo.

Para o grande casamento
 A rainha foi chamada,
 E perguntou ao espelho
 Sobre a beleza encantada.
 - Senhora, lamento, mas
 Hoje vai ser superada.

Ouvindo isso ficou
 A medonha furiosa.
 Ao ver sua enteada,
 Jovem, atraente e formosa,
 Adoeceu e morreu
 De raiva e muito nervosa.
 Branca de Neve nunca mais caiu
 Nos seus ardilosos planos.
 Com o seu príncipe formoso,
 Reinou sem sofrer mais danos.
 Viveram alegremente
 Por muitos e muitos anos...

Cinderela ou A Pequena Pantufa de Vidro

Por: Charles Perrault

Era uma vez um fidalgo que desposou em segundas núpcias a mulher mais altiva e orgulhosa que jamais se vira. Tinha ela duas filhas de seu mesmo caráter e que se pareciam com ela em todas as coisas. O marido tinha, por seu lado, uma menina, mas de uma doçura e de uma bondade sem exemplo; nisso ela puxara sua mãe, que fora a melhor pessoa do mundo. Assim que as bodas foram concluídas, a madrasta mostrou claramente seu mau caráter; não podia ela suportar as boas qualidades daquela criança, que tornavam suas filhas ainda mais odiáveis. Encarregou-a das mais vis ocupações da casa: era ela quem lavava a louça e as escadas, que esfregava o quarto de Madame e os das Mesdemoiselles suas filhas. Ela dormia lá no alto da casa, no sótão, sobre um miserável colchão de palha, enquanto suas irmãs estavam em quartos assoalhados, onde tinham os leitos mais na moda e espelhos onde podiam ver-se dos pés à cabeça!

A pobre menina sofria tudo com paciência, e não ousava queixar-se a seu pai, que a teria repreendido, porque sua mulher dominava-o inteiramente. Depois de acabar seu trabalho, ia ela pôr-se no cantinho da lareira e, sentava-se sobre as cinzas, o que fazia com que a chamassem comumente, na casa, de Cudecinzas. A mais nova, que não era tão grosseira quanto a mais velha, chamava-a Cinderela; Entretanto, Cinderela com suas roupas velhas, continuava cem vezes mais bela que suas irmãs, ainda que estivessem vestidas magnificamente.

Aconteceu que o filho do rei deu um baile e convidou todas as pessoas de família nobre: nossas duas demoiselles foram, assim convidadas, pois eram pessoas importantes na região. Ei-las bem contentes e bem ocupadas em escolher as roupas e os penteados que melhor lhes assentariam; nova tarefa para Cinderela, pois era ela quem passava a roupa das irmãs e engomava seus punhos, neles fazendo preguinhas. Só se falava da maneira pela qual cada uma ia vestir-se.

- Eu, disse a mais velha, porei meu vestido de veludo vermelho enfeitado com renda da Inglaterra.

- Eu, disse a mais nova, terei de pôr minha saia de todos os dias; mas em troca porei meu mantô com flores de ouro e meu broche de diamantes, que não passa despercebido.

Mandou-se buscar a melhor cabeleireira para armar os chapéus com renda ou tecido, em duas partes, e moscas da melhor fabricante foram compradas: elas chamaram Cinderela para pedir sua opinião, pois ela tinha bom gosto. Cinderela deu-lhes os melhores conselhos do mundo, e ofereceu-se até para penteá-las, o que elas aceitaram. Enquanto ela as penteava, elas disseram:

- Cinderela, tu gostarias de ir ao baile?

-Ai de mim, Mesdemoiselles, vós zombais de mim, isso não é para a minha condição.

- Tens razão, todos ririam demais se vissem um cudecinzas ir ao baile.

Qualquer outra que não Cinderela tê-las-ia mal penteado. Mas ela era boa, e penteou-as perfeitamente bem. Ficaram elas quase dois dias sem comer, tanto estavam arrebatadas pela alegria. Romperam-se mais de doze cordões de tanto apertá-los para fazer a cintura delas mais fina, e elas estavam sempre diante do espelho.

Enfim o grande dia chegou, elas partiram e Cinderela seguiu-as com os olhos o mais tempo que pôde; quando ela não as viu mais, pôs-se a chorar. Sua madrinha, que a viu debulhada em lágrimas, perguntou-lhe o que tinha:

- Eu queria... eu queria...

Ela chorava tão alto que não podia acabar. Sua madrinha, que era fada, disse-lhe:

- Querias ir ao bailei, não é?

- Ai de mim, sim!- disse Cinderela suspirando.

-Hum, bem, serás uma boa menina? – disse a sua madrinha- eu, te farei ir lá.

Levou-a a seu quarto e disse-lhe:

- Vai ao jardim e traz-me uma abóbora.

Cinderela foi imediatamente colher a mais bela que pôde encontrar e levou-a para sua madrinha, não podendo adivinhar como aquela abóbora poderia fazê-la ir ao baile. Sua Madrinha esvaziou a abóbora e, só tendo deixado a casca, bateu-lhe com sua varinha mágica, e foi ela imediatamente transformada numa bela carruagem toda dourada. Então foi a madrinha olhar em sua ratoeira, onde encontrou seis camundongos, todos vivos; disse ela a Cinderela que levantasse devagar a tampa e em cada camundongo que saía dava ela um toque com sua varinha, e o camundongo era logo transformado num belo cavalo. O que fez um belo conjunto de seis cavalos, de um belo cinza camundongo, cobertos de manchas redondas cinzentas e brancas. Como a fada estava com dificuldade para encontrar de que fazer um cocheiro:

- Vou ver- disse Cinderela-, se não há mais nenhum rato na ratoeira, faremos dele um cocheiro.

- Tens razão- disse a madrinha-, vá ver.

Cinderela trouxe-lhe a ratoeira, onde havia três grandes ratos. A fada tomou um entre os três por causa de sua grande barba e, tendo-o tocado, transformou-se em um gordo cocheiro, que tinha um dos mais belos bigodes jamais vistos. Então ela disse a Cinderela:

- Vai ao jardim, tu encontrarás seis lagartos atrás do regador, traga-os para mim.

Assim que ela os levou à madrinha, esta os transformou em seis lacaios, que logo subiram atrás da carruagem com suas roupas berrantes, cheias de ornamentos, e que ali ficaram firmes como se nunca tivessem feito outra coisa em sua vida. A fada, então, disse a Cinderela:

- Muito bem, eis aí como ir ao baile, não estás contente?

- Sim, mas irei assim, com minhas miseráveis roupas?

Sua madrinha apenas tocou-a com sua varinha e suas roupas foram transformadas em roupas de tecido de ouro e de prata todo enfeitado de pedras preciosas; deu-lhe ela, então, um par de pantufas de vidro, as mais bonitas do mundo. Depois que ela estava assim vestida, subiu na carruagem; mas sua madrinha recomendou-lhe que acima de tudo não passasse da meia-noite, advertindo-a de que, se ela permanecesse no baile um momento mais, sua carruagem voltaria a ser abóbora, seus cavalos, camundongos, seus lacaios lagartos, e que suas velhas roupas retomariam a forma inicial. Ela partiu, não cabendo em si de contente. O filho do rei, que tinha sido avisado que chegara uma grande princesa que ninguém conhecia, correu para recebê-la; deu-lhe a mão para que ela descesse da carruagem e levou-a à sala onde estavam os convidados.

Fez-se, então, um grande silêncio; parou a dança e os violinos não tocaram mais, tamanha era a atenção com que se contemplavam as grandes belezas daquela desconhecida. Só se ouvia um ruído confuso:

-Ah! como ela é bela!

Até o rei, mesmo mais velho, não cessava de contemplá-la e de dizer baixinho à rainha que fazia muito tempo que não via uma tão bela e tão agradável dama. Todas as damas estavam atentas observando seu penteado e suas roupas para ter iguais já no dia seguinte, desde que se encontrassem tecidos tão belos e artesãos tão hábeis. O filho do rei ofereceu-lhe o lugar mais honroso e depois convidou-a para dançar. Ela dançou com tanta graça que a admiraram ainda mais. Serviram uma muito bela refeição, da qual o príncipe nada comeu, tanto estava ele ocupado em admirá-la. Ela foi sentar-se junto a suas irmãs e fez-lhes mil delicadezas: partilhou com elas laranjas e limões que o príncipe havia lhe dado, o que muito as surpreendeu, pois elas não a reconheceram de modo algum. Enquanto elas conversavam assim, Cinderela ouviu soarem onze horas e três quartos: imediatamente fez uma reverência aos convidados e se foi o mais depressa possível.

Assim que ela chegou, foi encontrar sua madrinha e, depois de ter-lhe agradecido, disse-lhe que desejaria ir de novo ao baile no dia seguinte, por que o filho do rei a havia convidado. Quando estava ela ocupada contando para sua madrinha tudo o que se tinha passado no baile, suas duas irmãs bateram à porta. Cinderela foi abrir:

- Como vocês demoraram para voltar! – disse-lhes ela bocejando, esfregando os olhos e se espreguiçando como se ela acabasse de acordar; ela não tivera, no entanto, vontade de dormir desde que elas se tinham separado.

- Se tu tivesses ido ao baile- disse-lhe uma das irmãs-, não te terias entediado; estive lá a mais bela princesa que se possa jamais ver; ela nos fez mil gentilezas, deu-nos laranjas e limões.

Cinderela não cabia em si de contente: perguntou-lhes o nome dessa princesa; mas elas lhe responderam que ninguém a conhecia, que o filho do rei estava muito triste, e que ele daria todas as coisas no mundo para saber quem era ela. Cinderela sorriu e disse-lhes:

- Ela era, pois, tão bela? Meu Deus, como sois felizes, não poderia eu vê-la de jeito nenhum? Que pena! Mademoiselle Javotte, emprestai-me vossa roupa amarela que usai todos os dias.

- De fato- disse Mademoiselle Javotte-, concordo com isso! Emprestar vossa roupa a uma suja cudecinzas assim: seria preciso que eu fosse bem louca.

Cinderela esperava essa recusa e ficou assim bem contente, pois ela teria ficado muito embaraçada se sua irmã tivesse aceitado emprestar-lhe sua roupa.

No dia seguinte as duas irmãs foram ao baile, e Cinderela também, mas ainda mais enfeitada que da primeira vez. O filho do rei ficou novamente junto dela e não cessou de dizer-lhe palavras doces; a jovem divertia-se muito e esqueceu o que sua madrinha havia-lhe recomendado, de sorte que ouviu soar a primeira badalada da meia-noite quando pensava que não fossem ainda onze horas: ela se levantou e fugiu tão rapidamente que quanto faria uma corça. O príncipe seguiu-a, mas não pôde alcançá-la; ela deixou cair uma de suas pantufas de vidro, que o príncipe recolheu muito cuidadosamente. Cinderela chegou em casa sem fôlego, sem carruagem, sem lacaios e com suas feias roupas, só lhe tendo restado de toda sua magnificência uma de suas pequenas pantufas, o par daquela que tinha deixado cair.

Perguntou-se aos guardas da porta do palácio se eles não tinham por acaso visto sair uma princesa; eles disseram que não tinham visto sair ninguém além de uma jovem muito malvestida e que tinha mais a aparência de uma camponesa que de uma nobre. Quando suas duas irmãs voltaram do baile, Cinderela perguntou-lhes se elas tinham de novo se divertido muito, e se a bela dama tinha estado lá. Elas lhe disseram que sim, mas que tinha ela fugido quando soou a meia-noite e tão rapidamente que tinha deixado cair uma de suas pequenas pantufas de vidro, a mais bonita do mundo; que o filho do rei a recolhera e que a contemplara durante todo o resto

do baile e que com toda a certeza ele estava muito apaixonado pela bela pessoa a quem pertencia a pequena pantufa.

Elas falavam a verdade, pois poucos dias depois o filho do rei fez proclamar, ao som de trompa, que desposaria aquela cujo pé se adaptasse à pantufa. Começou-se a experimentá-la nas princesas, em seguida nas duquesas e na Corte toda, mas inutilmente. Levaram-na à casa das duas irmãs, que fizeram todo o seu possível para fazer entrar o pé na pantufa, mas não puderam consegui-lo. Cinderela, que as observava e que reconheceu sua pantufa, disse rindo:

- Que eu veja se ela não ficará boa em mim!

Suas irmãs se puseram a rir e a zombar dela. O fidalgo que experimentava a pantufa, tendo olhado atentamente Cinderela e a achado muito bela, disse que isso seria justo, e que ele tinha ordem de experimentá-la em todas as moças. Fez ele Cinderela sentar-se e, aproximando a pantufa de seu pequeno pé, viu que ela entrava nele sem nenhum esforço, e que ele se adaptava como se fosse de cera. A surpresa das irmãs foi grande, mas maior ainda quando Cinderela tirou de seu bolso a outra pequena pantufa, que pôs no pé. Nesse momento chegou a madrinha, que, tocando com sua varinha as roupas de Cinderela, fê-las tornarem-se ainda mais magníficas que todas as outras.

Então suas duas irmãs a reconheceram como a bela pessoas que tinham visto no baile. Elas se lançaram a seus pés para pedir-lhe perdão por todos os maus-tratos que lhe tinham infligido. Cinderela ergueu-as e disse-lhes, abraçando-as, que ela as perdoava de bom coração e pedia-lhes que sempre gostassem dela. Levaram-na à casa do jovem príncipe, enfeitada como estava: ele a achou ainda mais bela e poucos dias depois a desposou. Cinderela, que era tão boa quanto bela, instalou as irmãs no palácio e casou-as naquele dia mesmo com dois grandes senhores da Corte.

MORALIDADE

A beleza para o belo sexo é um raro tesouro,
De admirá-la ninguém se cansa;
Mas o que se chama bondade
Não tem preço e mais vale ainda.

É o que a Cinderela sua Madrinha fez ter,
Ao educa-la, ao instruí-la,
Tanto e tão bem que dela fez uma Rainha:
(Pois assim a partir deste Conto vai-se fazendo a moral.)

Beldades, mais vale este dom que bem penteada estar,
Para um coração prender, para isto conseguir,
A bondade é das fadas o verdadeiro dom;
Sem ela nada se pode, com ela se pode tudo.

OUTRA MORALIDADE

Sem dúvida é grande vantagem,
Ter espírito, coragem,
Origem nobre, bom senso,
E outros semelhantes talentos,
Que se recebe do céu na partilha;
Mas tê-los de nada adianta,
Para vosso sucesso serão coisas vãs,
Se não tendes, para valorizá-las,

Padrinhos ou madrinhas.

Cinderela

Por: Irmãos Grimm

Certa vez a mulher de um homem muito rico adoeceu e, quando sentiu que a morte ia se aproximando, pediu à sua única filha que se aproximasse de seu leito e lhe disse:

- Minha querida filha, seja sempre humilde e dedicada para que Deus esteja sempre do seu lado, e, lá do céu, eu ficarei cuidando de você.

Dita essas palavras, fechou os olhos e morreu.

A menina ia todos os dias visitar a sepultura da mãe e chorava, sem jamais esquecer os conselhos maternos, continuava humilde e dedicada. Quando chegou o inverno, a neve formou um verdadeiro lençol sobre seu túmulo e, na primavera, com a chegada do sol, o lençol se desfez. Foi aí, então, que o pai tornou a casar-se.

A nova esposa trouxe consigo para casa, duas filhas que apesar da bela aparência, eram invejosas e abrigavam a maldade em seus corações. A partir de então, começou um período de muito sofrimento para a pobre menina.

- Essa boba vai morar conosco! Perguntaram elas.- quem quer comer pão deve fazer para merecê-lo. Ela que vá para a cozinha!

Tiraram-lhes as belas roupas, fizeram-na vestir uma velha túnica cor de cinza e, para calçar, lhe deram tamancos da madeira.

- Olhem só para a princesa vaidosa como ela está arrumada! Gritaram elas, rindo e empurrando a menina para a cozinha.

Ali tinha ela que trabalhar da manhã à noite, levantar de madrugada, buscar água, acender o fogo, cozinhar e lavar. Além disso, suas irmãs tudo faziam para magoá-la; zombavam dela e jogavam grãos de lentilha e de ervilha na cinza para que a menina tivesse que recolhê-los. À noite, quando estava cansada, não tinha uma cama na qual pudesse se deitar, tendo que dormir ao lado do fogão, no meio das cinzas. E como sempre estivesse empoeirada e suja, passaram a chama-la de Cinderela.

Certa vez, como o pai tivesse decidido ir a uma feira, perguntou a suas filhas o que desejavam que ele lhes trouxesse.

- Belas roupas! - disse a primeira.

- Pedras e pérolas preciosas! - pediu a segunda.

- E você, Cinderela, o que quer de presente?

- Pai, na sua volta, traga-me o primeiro galho de árvore que bater em seu chapéu.

Ele comprou roupas, pérolas e pedras preciosas para as duas filhas de sua mulher, e na volta, quando cavalgava pela floresta, o galho de um arbusto fez cair o seu chapéu. O pai de quebrou-o e o levou para a filha. Chegou em casa deu às irmãs o que elas tinham pedido e, para Cinderela, entregou o galho do arbusto, que era um tipo de amendoeira. Cinderela agradeceu e foi ao túmulo da mãe, onde o plantou. A pobre menina chorou tanto que as lágrimas que rolavam de seu rosto serviram para regar a planta. O pequeno galho cresceu e transformou-se numa bela árvore. Três vezes ao dia Cinderela ia até lá, onde chorava e rezava, e todas as vezes vinha um pássaro branco que pousava na árvore e, cada vez que a menina manifestava um desejo, este era prontamente atendido pelo pássaro.

Aconteceu que o rei organizou uma festa que deveria durar três dias e para qual seriam convidadas todas as moças do reino, a fim de que seu filho escolhesse uma noiva entre elas. Quando souberam que também compareceriam ao baile, as duas irmãs ficaram exultantes de alegria, chamaram Cinderela e ordenaram:

- Penteie nossos cabelos, escove nossos sapatos e aperte nossos cintos, pois vamos a um baile no palácio do rei!

A pobre cinderela obedeceu, mas começou a chorar, pois também gostaria de ir ao baile e, para isso, pediu permissão à madrasta.

- Você, Cinderela - falou ela - está toda empoeirada e suja e quer ir à festa? Você não tem vestido nem sapatos e quer dançar?

E, encerrando a conversa, disse:

- Eu despejei uma bacia de lentilhas nas cinzas do borrarho; se, em duas horas, você juntar todos os grãos, poderá ir conosco.

A menina foi até o jardim pela porta dos fundos e chamou:

- Queridas pombinhas, todas as pombinhas, todas as avezinhas do céu, venham me ajudar a catar as lentilhas! As boas na panelinha! as ruins na goelinha!

Duas pombinhas brancas entraram voando pela janela da cozinha e logo depois mais outras e, finalmente, um bando de todas as avezinhas do céu pousaram sobre as cinzas. E as pombinhas acenaram com a cabecinha e começaram a pic, pic, pic e os outros pássaros também começaram a pic, pic, pic, e juntaram todas as lentilhas, colocando as boas dentro da bacia. Mal se passara uma hora, o trabalho já estava pronto e eles foram embora. Então a menina, contente, levou a bacia para a madrasta, pensando que assim poderia ir à festa. Mas ela falou:

- Não, Cinderela, você não tem roupas e não sabe dançar; todos zombariam de você.

A menina pôs-se a chorar, e a madrasta então lhe disse:

- Se você conseguir, em uma hora, catar das cinzas duas bacias de lentilha, então poderá ir conosco. E pensou: "Isto ela jamais conseguirá".

Depois de ter despejado as duas bacias de lentilhas na cinza, a menina novamente foi ao jardim pela porta dos fundos e chamou:

Pombinhas amadas, queridas pombinhas, todas as pombinhas, todas as avezinhas do céu, venham me ajudar a catar as lentilhas! As boas na panelinha! as ruins na goelinha!

E pela janela da cozinha chegaram duas pombinhas brancas e depois mais outras e, finalmente, um bando de todas as avezinhas do céu pousaram na cinza. E as pombinhas acenaram a cabecinha e começaram a pic, pic, pic, e colocaram todas as lentilhas dentro da bacia. Antes de se ter completado meia hora, todas já estavam prontas e voaram pela janela.

Então a menina, contente, levou a bacia para a madrasta, acreditando que agora poderia ir à festa. Mas esta tornou a falar:

- De nada adianta; você não pode ir conosco, pois não tem vestido e não sabe dançar. Passaríamos vergonha por sua causa.

Dito isso, virou-lhe as costas e foi embora com as duas filhas orgulhosas.

Quando já não havia mais ninguém em casa, Cinderela foi até o túmulo da mãe e, debaixo da amendoeira, falou:

- Te sacode, arvorezinha, e balance, ouro e prata sobre mim lança!

Então o pássaro jogou um vestido bordado com ouro e prata e um par de sapatinhos feitos de seda e prata. Apressadamente a menina vestiu-se e foi à festa. Suas irmãs e madrasta não a reconheceram e pensaram que fosse alguma princesa de algum reino distante, tão linda estava em seu vestido dourado.

Jamais lhes passou pela cabeça que pudesse ser Cinderela, pois estavam certas de que ela ficara em casa, toda suja, catando lentilhas na cinza. O príncipe, assim que a viu, foi ao seu encontro e, tomando-a pela mão, convidou-a para dançar. Se algum outro jovem vinha tirá-la para dançar ele dizia:

-Esta é a minha dançarina.

Cinderela dançou até anoitecer, quando, então, quis voltar para casa. Mas o príncipe falou:

-Eu vou junto para acompanhá-la! Pois ele queria saber de onde vinha tão bela moça.

Mas ela conseguiu escapar, escondendo-se na casinha das pombas. O príncipe esperou até que o pai da menina chegasse e lhe contou que ela havia pulado para o pombal. O velho pensou "Será Cinderela?" Então mandou buscar um machado para derrubar a casa das pombinhas, mas lá dentro não havia ninguém.

Quando entraram em casa, Cinderela estava deitada nas cinzas, com sua roupa suja, e só uma pequena lamparina acesa pendia da chaminé. Ela rapidamente havia pulado pela parte detrás do pombal e, correndo até amendoeira, tirara o vestido e o colocara sobre o túmulo, de onde o pássaro o levou. Tornando então a vestir seus pobres trapos, recolhera-se para a cozinha, deitando-se nas cinzas.

No outro dia, quando os pais e irmãs já haviam saído novamente para a festa, Cinderela foi até a amendoeira e falou:

- Te sacode, arvorezinha, e balança, ouro e prata sobre mil lança!

E o pássaro jogou um vestido ainda mais bonito que o do dia anterior. Quando ela apareceu na festa, assim vestida, todos se admiraram da sua beleza. Mas o príncipe, que estava à espera de sua chegada, logo a pegou pela mão e com ela dançou toda a noite. Se algum outro jovem a convidava para dançar, ele dizia:

- Esta é minha dançarina.

Quando anoiteceu, Cinderela quis ir embora, e o príncipe a seguiu para descobrir onde ela morava. Mas ela conseguiu escapar dele pulando para o jardim que ficava atrás da casa. ali existia uma grande e linda árvore, na qual estavam penduradas as mais deliciosas peras, e ela subiu pelos galhos com a agilidade de um esquilo, de tal modo que o príncipe não pôde ver para onde ela tinha ido. O príncipe esperou até que o pai da menina chegasse e lhe falou:

-A jovem desconhecida escapou, eu acho que ela se escondeu na pereira.

O pai pensou "Serpa Cinderela?" Então mandou buscar um machado para derrubar a árvore, mas lá não encontrou ninguém.

Quando entraram na cozinha, Cinderela estava deitada nas cinzas com suas roupas sujas. Como no dia anterior, a menina tinha pulado da árvore para o outro lado e, às pressas, devolvera ao pássaro, pousado na amendoeira, o belo vestido, tornando a enfiar-se em sua roupa cinza e suja. No terceiro dia, quando os pais e as irmãs já haviam saído para a festa, Cinderela foi novamente à sepultura da mãe e pediu à arvorezinha:

- Te sacode, arvorezinha, e balança, ouro e prata sobre mim lança!

Então o pássaro jogou um vestido tão lindo e brilhante como jamais se vira outro igual, e sapatinhos feitos todo de ouro. Quando chegou ao palácio assim vestida, ninguém sabia o que dizer de tanta admiração. O príncipe dançou só com ela e, quando alguém a convidava para dançar, ele dizia:

- Esta é a minha dançarina.

Ao cair a noite, Cinderela quis ir embora, e o príncipe decidiu acompanhá-la, mas ela conseguiu escapar tão depressa que ele não pôde segui-la. Desta vez, porém, o príncipe tinha posto em prática o seguinte plano: mandara passar piche em toda escadaria e, quando Cinderela desceu correndo, o sapatinho esquerdo ficou preso em dos degraus. O príncipe o recolheu e viu como era pequeno, mimoso e todo de ouro. Na manhã seguinte foi à casa do pai de Cinderela e lhe disse:

- A jovem em cujo pé servir este sapatinho de ouro será a minha esposa.

As duas irmãs ficaram felizes, pois tinham pés bonitos. A mais velha pegou o sapatinho e foi para o quarto, pois queria prova-lo na presença da mãe. Mas não conseguiu fazer com que seu dedão entrasse, porque o sapatinho era muito pequeno. Então a mãe lhe alcançou uma faca dizendo:

- Corte fora o dedão! Quando você for rainha, não mais precisará andar a pé.

A moça cortou fora o dedão e, fingindo não sentir dor, foi até ao príncipe. Este a levou no seu cavalo como sua noiva, tomando a direção do palácio. Mas, ao passarem pela sepultura, que ficava no caminho, havia duas pombinhas pousadas na amendoeira que gritavam:

Ruc, ruc, ruc, ruc. Há sangue no sapato! O sapato está muito pequeno! A noiva certa ainda está em casa!

Então o príncipe olhou para o pé da moça e viu como o sangue escorria pelo sapato. Dando meia-volta com o seu cavalo, levou a falsa noiva para casa e falou que essa não era a moça certa, e pediu que a outra irmã experimentasse o sapato.

Esta foi também até o quarto e conseguiu fazer com que seu dedão entrasse, mas desta vez quem não coube no sapatinho foi seu calcanhar, que era muito grande.

Ai a mãe lhe alcançou uma faca dizendo:

- Corte um pedaço do calcanhar! Quando você for rainha, não precisara mais andar a pé.

A moça cortou um pedaço do calcanhar, enfiou o pé no sapato, disfarçou a dor e foi até ao príncipe. Então ele a levou como sua noiva e cavalgou com ela em direção ao castelo.

Ao passarem pela amendoeira, as duas pombinhas gritaram:

Ruc, ruc, ruc, ruc. Há sangue no sapato! O sapato está muito pequeno! A noiva certa ainda está em casa!

O príncipe olhou para o pé da noiva e viu como o sangue escorria pelo sapato e como manchava a meia branca.

Deu meia volta e levou a falsa noiva para casa.

- Esta não é a moça certa! - falou ele. Vocês têm outra filha?

- Não! - respondeu o homem, só a da minha falecida esposa, mas é uma pequena maltratada Cinderela, que certamente não poderá ser sua noiva.

Mesmo assim o príncipe mandou que a chamassem, mas a madrasta respondeu:

- Ah, não, ela está muito suja, não pode ser vista desse jeito.

Mas ele queria vê-la de qualquer maneira e, assim, tiveram que chamar Cinderela. Rapidamente ela lavou as mãos e o rosto e, foi até ao príncipe, curvou-se diante dele, que lhe deu o sapatinho de ouro. Então ele se sentou num banquinho, tirou o pé do tamanco pesado de madeira e o colocou dentro do sapato, que lhe serviu perfeitamente. E, quando levantou e olhou no rosto do príncipe, este reconheceu a bela moça com quem havia dançado, e exclamou:

- Esta é a noiva certa!

A madrasta e as duas irmãs levaram um susto e empalideceram, mas o príncipe levou Cinderela e ajudou a subir na carruagem. E, quando passaram pelo portão, as duas pombinhas gritaram:

- Ruc, ruc, ruc, ruc! Não há mais sangue no sapato! O sapato não é pequeno! A noiva certa é essa mesma!

Dito isso, as duas pombas vieram voando e sentaram, uma no ombro direito e outra no ombro esquerdo de Cinderela.

Quando o casamento estava para realizar, as falsas irmãs, interesseiras como eram, procuraram se aproximar de Cinderela para partilharem de sua felicidade.

Quando os noivos estavam indo para a igreja, a mais velha colocou-se ao lado direito do casal, e a mais moça, do lado esquerdo. Então, cada uma das pombas arrancou com uma bicada um dos olhos de cada uma das irmãs.

Na saída a mais velha colocou-se do lado esquerdo, e a mais moça do lado direito. E então cada uma das pombas arrancou o outro olho de cada uma das irmãs.

E, assim, elas receberam o castigo merecido por sua maldade e falsidade, ficando cegas para o resto da vida.

Chapeuzinho Vermelho

Por: Charles Perrault

Era uma vez uma menina de vilarejo, a mais bonita que já se vira; sua mãe era louca por ela, e sua avó mais louca ainda. Essa boa mulher mandou fazer-lhe um chapeuzinho vermelho que lhe assentava tão bem que por todo lado chamavam-na Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, sua mãe, tendo cozido e feito pãezinhos chatos, disse-lhe:

- Vai ver como está sua avó, pois disseram-me que ela estava doente, leva-lhe um pão e este potinho de manteiga.

Chapeuzinho Vermelho partiu logo para a casa de sua avó, que ficava num outro vilarejo. Ao atravessar um bosque, encontrou ela o compadre lobo, que teve grande desejo de comê-la; mas não ousou, por causa de alguns lenhadores que estavam na floresta. Perguntou-lhe, então, onde ia ela; a pobre criança, que não sabia que era perigoso parar para escutar um lobo, disse-lhe:

- Vou ver minha avó e levar-lhe um pão com um potinho de manteiga que minha mãe lhe manda.

- Ela mora muito longe? – Disse-lhe o lobo.

- Oh! Sim – disse Chapeuzinho Vermelho-, é depois do moinho que vedes lá longe, na primeira casa do vilarejo.

- Muito bem! - disse o lobo- quero ir vê-la também; vou para lá por este caminho aqui e tu por aquele caminho ali, e veremos quem chegará primeiro.

O lobo pôs-se a correr com todas as suas forças pelo caminho que era o mais curto, e a menina se foi pelo caminho mais longo, divertindo-se com colher avelãs, correr atrás das borboletas e fazer buquês de pequenas flores que encontrava.

O lobo não demorou muito para chegar à casa da avó, ele bate: toc, toc.

- Quem está aí?

-É vossa neta, Chapeuzinho vermelho (disse o lobo, disfarçando a voz), que voz traz um pãozinho e um potinho de manteiga que minha mãe vos envia.

A boa avó, que estava na cama porque se achava um pouco doente, gritou-lhe:

- Puxa o pininho e a tranquinha cairá.

O lobo puxou o pininho e a porta se abriu. Ele se jogou sobre a boa mulher e devorou-a num segundo, pois havia mais de três dias que ele não comia. Então fechou a porta e foi deitar-se no leito da avó, esperando Chapeuzinho Vermelho, que, algum tempo depois, veio bater à porta. Toc, toc.

- Quem está aí?

Chapeuzinho Vermelho, que ouvira a grossa voz do lobo, primeiro teve medo, mas crendo que sua avó estivesse resfriada, respondeu:

- É vossa neta, que voz traz um pãozinho e um potinho de manteiga que minha mãe vos manda.

O lobo grita-lhe, adoçando um pouco a voz:

-Puxa o pininho, a tranquinha cairá.

Chapeuzinho Vermelho puxou o pininho, e a porta se abriu. O lobo, vendo-a entrar, disse-lhe, escondendo-se na cama, sob a coberta:

- Põe o pãozinho e o potinho de manteiga em cima da caixa de pão e vem deitar-te comigo.

Chapeuzinho Vermelho tira a roupa e entra na cama, onde ficou muito surpresa ao ver como era sua avó vestida de camisola. Disse-lhe:

- Minha avó, como tendes braços grandes!

- É para te abraçar melhor, minha neta.

- Minha avó, como tendes pernas grandes!

- É para correr melhor, minha filha.

-Minha avó, como tendes orelhas grandes!

- É para escutar melhor, minha filha.

-Minha avó, como tendes olhos grandes!

- É para ver melhor, minha filha.

- Minha avó, como tendes dentes grandes!

- É para te comer.

E, dizendo tais palavras, o malvado lobo lançou-se sobre Chapeuzinho Vermelho e comeu-a.

MORALIDADE

Aqui vê-se que jovens,
Moças sobretudo,
Belas, benfeitas, e bonitas,
Muito mal fazem a qualquer pessoa escutar,
E nesse caso coisa estranha não é,
Que as devore o lobo.
Digo o lobo, pois os lobos todos
Do mesmo tipo não são;
Há os que o humor amável tem,
Sem ruído, sem fel e sem cólera,
Que, domesticados, complacentes e doces,
As jovens nobres seguem
Até dentro das casas, até nos salões;
Mas oh!, quem não sabe que esses lobos melífluos
De todos os lobos são os mais perigosos.

Chapeuzinho Vermelho

Por: Irmãos Grimm

Era uma vez uma graciosa menina de quem todos gostavam, principalmente a sua avozinha, que não sabia o que dar e o que fazer pela netinha. Certa vez, presenteou-a com um chapeuzinho de veludo vermelho e, como lhe ficava muito bem, a menina não mais quis usar outro e acabou ficando com o apelido de Chapeuzinho Vermelho. Um dia, a mãe chamou-a e disse-lhe:

- Vem cá, Chapeuzinho Vermelho. Aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho, leva tudo para a vovó. Ela está doente e fraca e com isso ficará boa. Vá antes que o sol esquento muito e, quando for, comporta-te direito. Não saias do caminho, senão caís e quebras a garrafa e a vovó ficará sem nada. Quando entrar em seu quarto, não se esqueça de dizer “bom dia, vovó”, em vez de bisbilhotar pelos cantos.

- Farei tudo direitinho- disse Chapeuzinho Vermelho à mãe, e despediu-se.

A avó morava a beira da floresta, a uma meia hora da aldeia. Quando Chapeuzinho Vermelho chegou à floresta, encontrou o lobo, não sabendo, porém, que animal malvado ele era, não sentiu medo.

- Bom dia, Chapeuzinho Vermelho- disse o lobo, todo dengoso.

- Muito obrigada.

- Aonde vais assim tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?

- Vou à casa da vovó.

- E que levas aí nesse cestinho?

- Levo bolo e vinho. Assamos o bolo ontem, assim a vovó, que está adoentada e muito fraca, ficará contente tendo com que se alimentar.

- Onde mora tua vovó, Chapeuzinho Vermelho?

- Mora na floresta, a uns quinze minutos daqui, debaixo de três grandes carvalhos. A casa está cercada de nogueiras, acho que você conhece.

Enquanto isso o lobo ia pensando: “ Esta meninazinha delicada é um quitute delicioso, certamente mais apetitosa que a avó. Devo agir com esperteza para pegar as duas”. Andou um trecho de caminho ao lado de Chapeuzinho Vermelho e depois disse:

- Olha, Chapeuzinho Vermelho, que lindas flores! Por que não olhas ao redor de ti? Creio que nem sequer ouves o canto dos pássaros! Andas tão séria como se fosse para a escola, ao passo que é tão divertido tudo aqui na floresta!

Chapeuzinho Vermelho ergueu os olhos e, quando viu os raios do sol dançando por entre as árvores, e à sua volta a grande quantidade de lindas flores, pensou: “Se levar para a vovó um ramo de flores, ela certamente ficará contente. É tão cedo ainda que chegarei bem a tempo”. Saiu da estrada e entrou na floresta em busca de flores. Tendo apanhado uma, achava que mais adiante encontraria outra mais bela e assim ia avançando cada vez mais pela floresta adentro.

Enquanto isso, o lobo foi correndo à casa da vovó e bateu na porta.

- Quem está batendo? – perguntou a avó.

- Sou eu, Chapeuzinho Vermelho, trago vinho e bolo. Abra a porta, vovó.

- Levanta a tranca- disse-lhe a avó. – Estou muito franca e não posso levantar-me da cama.

O lobo levantou a tranca, escancarou a porta, e, sem dizer palavra, correu para a cama da avó e a engoliu. Depois vestiu a roupa e a touca dela, deitou-se na cama e fechou a cortina.

Enquanto isso, Chapeuzinho Vermelho ficava correndo de um lado para o outro colhendo flores. Tendo colhido tantas que quase não podia carregar, lembrou-se da avó e foi correndo para a casa dela. Lá chegando, se espantou ao ver a porta escancarada. Entrou na sala e teve uma impressão tão esquisita que pensou: “ Meu Deus, que medo tenho hoje! Das outras vezes, sentia-me tão bem aqui com vovó”! Então disse alto:

- Bom dia, vovó!- Mas ninguém respondeu.

Aproximou-se da cama e abriu a cortina: a avó estava deitada, com a touca caída no rosto, e tinha um aspecto muito esquisito.

- Vovó, que orelhas tão grandes você tem!

- São para te ouvir melhor.

- Vovó, que olhos tão grandes você tem!

- São para te ver melhor.

- Vovó, que mãos enormes você tem!

- São para te pegar melhor.

- Vovó, que boca enorme você tem!

- É para te comer melhor!

Dizendo isso, o lobo pulou da cama e engoliu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

Tendo assim satisfeito o apetite, voltou para a cama, ferrou no sono e começou a roncar bem alto. Justamente nesse momento, ia passando em frente à casa o caçador, que ouvindo aquele ronco, pensou: “Como a velha ronca! É melhor dar uma olhadela e ver se está se sentindo mal”.

Entrou no quarto e aproximou-se da cama. Ao ver o lobo, disse:

- Seu tratante! Há muito tempo venho-te procurando!

Quis dar-lhe um tiro, mas lembrou-se de que o lobo poderia ter comido a avó e que talvez ainda fosse possível salvá-la, então pegou uma tesoura e pôs-se a cortar-lhe a barriga, cuidadosamente, enquanto ele dormia. Após o segundo corte, viu brilhar o chapeuzinho vermelho e, após mais outros cortes, a menina pulou para fora, gritando:

- Ai que medo eu tive! Como estava escuro na barriga do lobo!

Em seguida, saiu também a vovó, ainda com vida, embora respirando com dificuldade. Chapeuzinho vermelho correu para buscar grandes pedras e com elas encheram a barriga do lobo. Quando este acordou e tentou fugir, as pedras pesavam tanto que ele levou um tombo e morreu.

Os três ficaram muito felizes. O caçador esfolou o lobo e levou a pele para casa, a vovó comeu o bolo e bebeu o vinho e logo sentiu-se mais animada, e enquanto isso, Chapeuzinho Vermelho dizia para si mesma: “Nunca mais vou sair do caminho e entrar na floresta quando a mamãe me proibir”!

Contam também que, certa vez, Chapeuzinho Vermelho ia levando novamente um bolo para a avó e outro lobo surgiu à sua frente e tentou tirá-la do caminho. Chapeuzinho Vermelho, porém, não lhe deu ouvidos e seguia a estrada bem direitinho, contando à avó que tinha encontrado o lobo, que a cumprimentara, mas olhando-a com uma cara faminta.

- Se não estivéssemos na estrada pública, certamente teria me devorado!

- Entra depressa- disse a vovó. – Fechemos bem a porta para que ele não entre aqui!

Com efeito, mal fecharam a porta, o lobo bateu, dizendo:

- Abre, vovó, sou Chapeuzinho Vermelho, venho trazer-te o bolo.

Mas as duas ficaram bem quietinhas, sem dizer palavra, e não abriram. Então o lobo pôs-se a rondar a casa e, por fim, pulou em cima do telhado e ficou esperando que Chapeuzinho Vermelho, à tarde, retomasse o caminho de volta para sua casa, aí então ele a seguiria para comê-la no escuro.

A vovó, porém, percebeu o que a fera estava tramando.

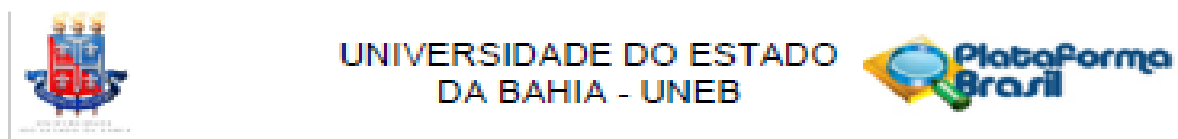
Lembrou-se de que na frente da casa havia uma gamela de pedra e disse à menina:

- Chapeuzinho, vai buscar o balde de água em que cozinhei ontem as salsichas e traz aqui, para esta gamela.

Chapeuzinho Vermelho foi buscar a água e encheu a gamela. Então o cheiro de salsicha subiu ao nariz do lobo, que se pôs a farejar e espiar para baixo de onde vinha. Mas tanto espichou o pescoço que perdeu o equilíbrio e começou a escorregar do telhado, indo cair exatamente dentro da gamela, onde morreu afogado.

Assim, Chapeuzinho Vermelho pôde voltar felizmente para casa e muito alegre, porque ninguém lhe fez o menor mal.

ANEXO D – Parecer consubstanciado – CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Do Virtual para o Real: A Utilização da Fanfic como Recurso para o Desenvolvimento da Escrita em Sala de Aula

Pesquisador: VANIA COSTA REIS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 01951618.6.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.194.331

Apresentação do Projeto:

Trata-se de Proposta de Intervenção Pedagógica apresentada ao Mestrado Profissional em Letras do Departamento de Ciências Humanas – Campus V da Universidade do Estado da Bahia, intitulada DO VIRTUAL PARA O REAL: A UTILIZAÇÃO DA FANFIC COMO RECURSO PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA EM SALA DE AULA, tendo como pesquisadora VÂNIA COSTA REIS. A proposta de pesquisa - ação, será aplicada no Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes, tendo como público alvo alunos da primeira turma do Curso Técnico em Informática.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral:

Fomentar a leitura e, sobretudo, escrita de fanfic, vislumbrando a melhoria da expressão escrita dos estudantes, no contexto de sala de aula.

Objetivos Específicos:

Promover o uso pedagógico dos grupos de discussões de fã;

Conhecer o gênero digital fanfic;

Incentivar o exercício da escrita colaborativa.

Hipótese

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 3.194.201

A produção escrita por meio da fanfic promoverá a melhoria da redação dos estudantes na medida em que eles conseguirem transportar, de suas vivências no mundo virtual, para o universo da sala de aula, as características de criatividade, autoria e fluidez, uma vez que, o ciberespaço oferece condições mais informais e favoráveis ao livre desenvolvimento do ato de redigir.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Vale à informação, de forma geral, que o risco mencionado na Plataforma Brasil se enquadra intimamente com a vulnerabilidade do participante, trazendo uma perspectiva de ação nas outras áreas inerentes a vida do ser humano, incluindo a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente.

Considerando as informações disponíveis no protocolo de pesquisa, fica evidente que a pesquisadora tem ciência dos riscos. Esses registros auxiliam a manutenção da autonomia dos participantes e seus responsáveis.

Benefícios:

Segundo a normativa o benefício de uma pesquisa deve contribuir para a melhoria da atividade estudada de alguma forma, sendo diretamente ao participante da pesquisa ou indiretamente propondo melhorias nos processos que envolvem a formação da atividade. A pesquisadora informa no TCLE, dentro da eticidade, os benefícios aos participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Destacamos que todos os comentários deste parecer são baseados na correlação dos princípios éticos (autonomia, não maleficência, beneficência, equidade e justiça) com os aspectos da pesquisa (objeto, participante, metodologia e aspectos do campo). Sempre na perspectiva da orientação e sem julgamento de valores, conforme preconiza a ética no seu significado mais profundo de propor a dignidade humana.

Critério de Inclusão e exclusão: Não apresentado.

O orçamento: Não apresentado.

O cronograma: Apresentado.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

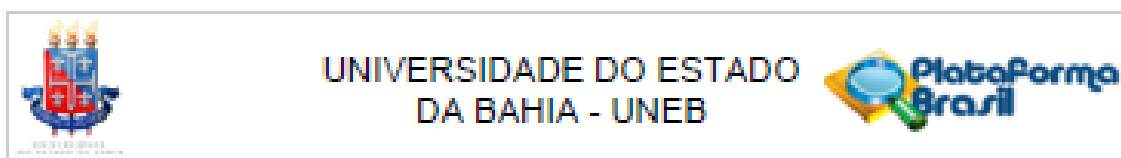
UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.194.301

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da normativa, conforme segue:

- 1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: Em conformidade
- 2 – Termo de confidencialidade: Em conformidade
- 3 – A autorização Institucional da proponente: Em conformidade
- 4 – A autorização da Instituição coparticipante: Em conformidade.
- 5 - Folha de rosto: Em conformidade.
- 6 – Modelos dos TCLEs/Assentimento: Em conformidade.
- 7 - Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa: Em conformidade.
- 8 – Termo de concessão: Não apresentado.
- 9 – Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: Em conformidade.

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise consideramos que o projeto encontra-se aprovado para a execução uma vez que atende ao disposto nas resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos não havendo pendências ou inadequações a serem revistas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555		
Bairro: Cabula		CEP: 41.195-001
UF: BA	Município: SALVADOR	
Telefone: (71)3117-2399	Fax: (71)3117-2399	E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 3.104.201

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1208349.pdf	06/12/2018 12:37:22		Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTO_vania_2.pdf	06/12/2018 12:35:42	VANIA COSTA REIS	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCL_vania_2.pdf	06/12/2018 12:14:26	VANIA COSTA REIS	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_intervencao_vania.pdf	26/10/2018 15:53:10	VANIA COSTA REIS	Acelto
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termo_autorizacao_coparticipante_vania.pdf	26/10/2018 15:16:38	VANIA COSTA REIS	Acelto
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termo_autorizacao_proponente_vania.pdf	26/10/2018 15:16:21	VANIA COSTA REIS	Acelto
Declaração de Pesquisadores	termo_confidencialidade_vania.pdf	26/10/2018 15:13:13	VANIA COSTA REIS	Acelto
Declaração de Pesquisadores	termo_compromisso_pesquisador_vania.pdf	26/10/2018 15:12:54	VANIA COSTA REIS	Acelto
Declaração de Pesquisadores	declaracao_concordancia_vania.pdf	26/10/2018 15:12:27	VANIA COSTA REIS	Acelto
Folha de Rosto	folha_de_rosto_plataforma_vania.pdf	26/10/2018 15:02:40	VANIA COSTA REIS	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 13 de Março de 2019

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2300

Fax: (71)3117-2300

E-mail: cepuneb@uneb.br

ANEXO E - Termo de autorização institucional

**Universidade do Estado da Bahia
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP****TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA PROPONENTE**

Autorizo a pesquisadora Vânia Costa Reis a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado DO VIRTUAL PARA O REAL: A UTILIZAÇÃO DA FANFIC COMO RECURSO PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA EM SALA DE AULA o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos.

Declaro estar ciente que a instituição proponente é responsável pela atividade de pesquisa proposta e que será executada pelos seus pesquisadores/as, além de dispormos da infraestrutura necessária para garantir o resguardo e bem estar dos participantes da pesquisa.

Santo Antônio de Jesus, 10 de Outubro de 2018.

Assinatura e carimbo do
responsável institucional

Prof. João Evangelista do Nascimento Neto
Diretor do DCH / Campus V / UNEB
Matrícula: 74.428.724-3
Port. nº 1.646/2018

ANEXO F - Termo de autorização da instituição participante

**Universidade do Estado da Bahia
Comitê de ética em Pesquisa - CEP**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE

Autorizo o (a) pesquisador/a Vânia Costa Reis a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado **DO VIRTUAL PARA O REAL: A UTILIZAÇÃO DA FANFIC COMO RECURSO PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA EM SALA DE AULA** o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos. Declaro estar ciente que a instituição é corresponsável pela atividade de pesquisa proposta e dispõe da infraestrutura necessária para garantir a segurança e bem estar dos participantes da pesquisa.

Santo Antônio de Jesus, 10 de Outubro de 2018.

Assinatura e carimbo do
responsável institucional

Colegio Est. Francisco da C. Menezes
Ana Rita O.M.C Nascimento
Vice - Diretora
Port. 549/2016 D. O. 30/01/2016
Aut. 179.02.2016/NRE21